

**CONTO
EM
CADA
CANTO:**
OLHARES
DE
DOCENTES
QUE
ATUAM
NA
EDUCAÇÃO
INFANTIL

Fernanda Maria de Lima Ferreira

Fernanda Maria de Lima Ferreira

**CONTO EM
CADA CANTO:**
OLHARES DE
DOCENTES
QUE ATUAM
NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Nazaré da Mata, 2022



UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – UPE

REITORA Profa. Dra. Maria do Socorro de Mendonça Cavalcanti

VICE-REITORA Profa. Dra. Vera Rejane do Nascimento Gregório

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – EDUPE

Membros Internos

Prof. Dr. Ademir Macedo do Nascimento

Prof. Dr. André Luis da Mota Vilela

Prof. Dr. Belmiro Cavalcanti do Egito Vasconcelos

Profa. Dra. Danielle Christine Moura dos Santos

Profa. Dra. Emilia Rahnemay Kohlman Rabbani

Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho

Profa. Dra. Márcia Rejane Oliveira Barros Carvalho Macedo

Profa. Dra. Maria Luciana de Almeida

Prof. Dr. Mário Ribeiro dos Santos

Prof. Dr. Rodrigo Cappato de Araújo

Profa. Dra. Rosângela Estevão Alves Falcão

Profa. Dra. Sandra Simone Moraes de Araújo

Profa. Dra. Silvânia Núbia Chagas

Profa. Dra. Sinara Mônica Vitalino de Almeida

Profa. Dra. Virgínia Pereira da Silva de Ávila

Prof. Dr. Waldemar Brandão Neto

Membros Externos

Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento - Universidade Tiradentes (Brasil)

Profa. Dra. Gabriela Alejandra Vasquez Leyton - Universidad Andres Bello (Chile)

Prof. Dr. Geovanni Gomes Cabral - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Brasil)

Profa. Dr. Gustavo Cunha de Araújo - Universidade Federal do Norte do Tocantins (Brasil)

Prof. Dr. José Zanca - Investigaciones Socio Históricas Regionales (Argentina)

Profa. Dra. Letícia Virginia Leidens - Universidade Federal Fluminense (Brasil)

Prof. Dr. Luciano Carlos Mendes de Freitas Filho - Instituto Federal da Bahia (Brasil)

Prof. Dr. Pedro Gil Frade Morouço - Instituto Politécnico de Leiria (Portugal)

Prof. Dr. Rosuel Lima-Pereira - Universidade da Guiana - França Ultramarina (Guiana Francesa)

Profa. Dra. Verónica Emilia Roldán - Università Niccolò Cusano (Itália)

Prof. Dr. Sérgio Filipe Ribeiro Pinto - Universidade Católica Portuguesa (Portugal)

DIRETOR CIENTÍFICO E COORDENADOR Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura

CAPA E PROJETO GRÁFICO Danilo Catão

REVISÃO Os Autores

Este livro foi submetido à avaliação do Conselho Editorial da Universidade de Pernambuco.



Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro, ou de seus capítulos, para fins comerciais. A referência às ideias e trechos deste livro deverá ser necessariamente feita com atribuição de créditos aos autores e à EDUPE.

Esta obra ou os seus artigos expressam o ponto de vista dos autores e não a posição oficial da Editora da Universidade de Pernambuco – EDUPE

Catálogo na Fonte (CIP)
Núcleo de Gestão de Bibliotecas e Documentação - NBID
Universidade de Pernambuco

F383c Ferreira, Fernanda Maria de Lima
Conto em cada canto: olhares de docentes que atuam na educação infantil/ Fernanda Maria de Lima Ferreira.
-- Recife : EDUPE, 2022.
150 p.

ISBN: 978-65-86413-88-5

1. Educação infantil. 2. Literatura infantil. 3. Formação de professores. I. Título.

CDD: Ed. 23 -- 407.1

Elaborado por Claudia Henriques CRB4/1600

PREFÁCIO

“Tecer diálogos com fios bordados no tear de passarinho”, talvez, seja esta uma alegoria cabível para aproximar você, caro/a leitor/a, da singularidade da obra “Conto em cada canto”: olhares de docentes que atuam na educação infantil”. O livro resulta de um longo trabalho desenvolvido pela Ma. Fernanda Lima, no âmbito do mestrado em educação da Universidade de Pernambuco (PPGE), a respeito dos contos de tradição oral nas práticas de professoras de creches pública da cidade de Nazaré da Mata, região da Zona da Nata Norte, estado do Pernambuco. A autora se banha nas memórias trazidas da infância para recordar a figura do avô e da avó, cuja interação planta a semente do narrar, promovendo, assim, na sua adulecência, a formação de uma contadora histórias e de uma tecelã da tradição oral. Atualmente, a mestra busca ouvir e dividir com os/as professores/as que integraram o trabalho apesentado na obra, as diversas possibilidades de vivenciar os contos que encantam, perpetuam e se renovam ao longo das gerações. Em um diálogo afetuoso com a teoria, colhe as sutilezas da prática, entra em sintonia com as demandas da educação infantil e nos faz um convite para trançar as histórias que voam no ar e a dançar o “Voo D’ Palavras”.

Prof.^a Dra. Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel
(Orientadora da Dissertação que resultou na criação deste livro)

POSFÁCIO

No tear da existência, a escritora Fernanda Lima, foi tecendo sua obra, **CONTO EM CADA CANTO**”: OLHARES DE DOCENTES ATUANTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Nesse livro ela traz uma reflexão sobre a importância dos contos de tradição oral para a formação docente e para o cotidiano escolar. Um misto de vivências e conhecimentos que embalam a paixão de contar histórias do imaginário cultural com encantamento e magia, onde cada palavra, gesto e ação são bordados com os fios de ouro de cada amanhecer e se projetam no varal do tempo.

Pro^a. Dr.^a Maria Núbia Medeiros de Araújo Frutuoso -
(Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente - MPGA IFPE).

A minha avó e ao meu avô, Max e Zefinha (*In memoriam*).

A minha mãe e ao meu pai, Lia e Zezo”.

As minhas filhas, Maria Clara e Maria Sophia.

AGRADECIMENTOS

Início as minhas palavras de gratidão dizendo com total propriedade que esta obra, não é só minha. Este material é a resposta do envolvimento, da escuta e das trocas entre muitas pessoas. Ele é também o carinho na alma de uma mãe gemelar solo e atípica, professora de Educação Infantil e de Ensino Superior, recreadora de festas infantis e sobretudo, contadora e eterna buscadora de histórias.

Ainda que meu nome esteja na capa deste livro com autora, existe uma coletividade que faz com que ele pertença, também, a minha orientadora de mestrado, querida professora Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel. Sem ela, nada disso seria possível. Aos meus avós, pais, filhas, crianças e amigos que me rodeiam, direta e indiretamente. Esse coletivo colaborou para que eu pudesse realizar este grande sonho em minha vida acadêmica.

Juntando todos os pontos que bordaram o conteúdo deste e-book, eu lembro de muitas mãos e a todas elas eu agradeço. Eu agradeço sobretudo a Deus, fonte inesgotável de sabedoria, sol que me aquece durante as minhas tempestades, silêncio que sopra de encontro os meus labirintos, o início e o fim de todas as minhas jornadas, o lugar onde quero sempre estar.

Agradeço as queridas professoras Prof^a Dra. Núbia Frutuso (IFPE) e a Prof^a Dra. Luciene Souza (UEFS), que aceitaram mergulhar no conteúdo desta obra, desde de que ela era uma dissertação de mestrado. Ao ganhar o formato de livro, as mesmas docentes voltam a colaborar nas tessituras de “abertura” e “até breve” desta obra.

Agradecer é mesmo uma condição que nos implica a olhar cada vez mais para nossas incompletudes e, neste ponto, parafraseando o poeta Manoel de Barros, eu sou abastada, “aonde eu não estou as palavras me acham”...

SUMÁRIO

- 10 **APRESENTAÇÃO**
- 12 **CONTO AS TESSITURAS DA MINHA FORMAÇÃO**
- 20 **FUNDAMENTOS QUE ENTRELAÇAM OS CAMINHO DA TEORIA**
- 20 Gêneros da Tradição Oral - “Lava, lava, lavadeira, quanto mais lavar, mais cheira”
- 31 “Era uma vez, eu vou contar, quem vai ouvir? Vai começar!!” - A escolha dos Contos de Tradição Oral na Educação Infantil
- 40 “Travessias de um ser narrativo”: O que constitui a formação de um contador de histórias?
- 45 A formação docente e as funções do/a professor/ nesse tear - “Eu vim de outras terras, contar histórias em terra alheia”
- 51 “Oh, abre a porta gente, deixa a história entrar” - Contar histórias na Educação Infantil em tempos de pandemia: possibilidades e desafios
- 58 Especificidades da Educação Infantil - “Pom, pom, pom, quem será?”
- 65 **CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES CRUZADOS COM O CAMPO TEÓRICO**
- 71 Contos na formação profissional - No fio das histórias, assim como no fio da vida, cada um tece o seu tapete
- 74 Presença dos contos nas práticas pedagógicas - “Tá tudo num balaio só, minha história e a tua história, misturou foi tudo e deu um nó”

91	Estratégias para a vivência dos contos - “O que eu tenho para a história e o que a história tem para mim”
110	“CONTO EM CADA CANTO”: ENCONTROS FORMATIVOS
112	Formação Continuada: relato de experiência
139	CONSIDERAÇÕES (SEM)FINAIS
145	REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

Esse é um trabalho que versa sobre a Contação de Histórias e a sua relação com a formação de professores e com isso, alimenta o crescente interesse por esse objeto de estudo que triangula, de maneira sensível, os estudos da oralidade, da performance e da narração oral, colaborando assim para a construção de aldeias, como tão bem afirmou o tradicionalista africano, Amadou Hampâtê Bâ (2010).

No livro “CONTO EM CADA CANTO”: OLHARES DE DOCENTES QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL” a autora apresenta a experiência de interação com professores desse segmento e se propõe a investigar o papel dos contos de tradição oral na vida de docentes que atuam no Município de Nazaré Da Mata - Pernambuco. Por meio de um processo de escuta sensível, esses/as profissionais partilham o seu pensamento sobre as narrativas e outros gêneros da tradição oral e refletem sobre questões importantes, tais como o papel dos contos narrados oralmente na formação continuada e na práxis pedagógica do/a educador/a, especialmente no trato com o dizer dos gêneros da tradição.

O estudo se encontra no campo das pesquisas qualitativas e se estrutura a partir da pesquisa-formação, onde se debruça sobre a análise de conteúdo para revelar, pelas vozes de professores/as em serviço, a percepção que há do uso dos gêneros da tradição oral em sala de aula, entre eles, o conto. Além de conhecer o repertório dos/as professores/as, atores e atrizes da pesquisa, a obra apresenta um acervo novo, recolhido pela autora e partilhado nas oficinas formativas propostas

nesse processo de aprendizagem colaborativa. O foco dado ao estado da arte de contar histórias é diversificado e consistente, sendo que a experiência de vida-formação da autora dialoga com a dos/as professores/as, sujeitos da investigação. O estudo realizado ocorre ainda, em meio a pandemia, e com isso, inaugura uma forma peculiar de fazer pesquisa por meio de dispositivos de coleta de dados mediados pela tecnologia.

O/A leitor/a poderá perceber, por meio dessa obra, que a narração de histórias vem ocupando o espaço de quem se preocupa em educar com arte. Isso porque, na arte da contação, o/a profissional da educação, em especial o/a professor/a, é convidado a expandir um conhecimento interdisciplinar e observar a realidade à sua volta com a sensibilidade de quem faz cultura. Por meio das histórias compartilhadas nos encontros formativos, o/a professor/a encontra as lentes para enxergar com mais acuidade seu processo de autoconhecimento e de compreensão do momento histórico em que a sociedade se encontra. Para isso, o sujeito desta pesquisa se porta como parceiro, aquele que propicia meios e torce para que a criatividade do outro aflore, condições importantes para o estabelecimento de espaços de confiança entre os/as seus/suas alunos/as.

É possível afirmar que a essência dessa obra está na concepção de educação feita com arte e desenvolvida para e por professoras das classes de Educação Infantil de uma cidade do interior do Nordeste brasileiro. Por fim, seu/sua leitor/a perceberá que esse livro aponta para um caminho de esperança, onde a escola pública há de ter em sua proposta pedagógica a adoção, entre outras coisas, da cultura como um elemento iniciador do processo de ensino e aprendizagem.

Professora Dra. Luciene Souza Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana

CONTO AS TESSITURAS DA MINHA FORMAÇÃO

Oh, abre a porta, gente, manda a tristeza pra lá.

Oh, abre a porta, gente, deixa a história entrar

No balanço do vai e vem de uma cadeira tecida com os fios do amanhecer, as narrativas que ele me contava ganhavam vida. Histórias que misturavam num só balaio o real, o fantástico e o religioso. Os olhos brilhavam e o silêncio era o fiel companheiro de uma imaginação que voava alto. Ele sabia usar as palavras como um tempero que deixava tudo mais saboroso, guardava as histórias em potes e os abria para usá-las no momento certo, assim era e ainda é em minha memória viva, o seu Maximiliano, meu avô materno.

Os primeiros raios de sol que nasciam sob o céu da sua tão querida cidade Nazaré da Mata já o convidavam para estar de pé, cumprindo pacientemente a sua fiel função de todos os dias: regar e dar vida a um jardim que não apenas embelezava e trazia aromas, mas que também era a única farmácia que ele reconhecia. O olhar atento banhava folha por folha, observando as flores que vagorosamente brotavam dos cau-

les. Assim também regou carinhosamente as histórias que hoje constituem a base da minha formação, uma irrigação necessária ao meu crescimento e que foi responsável por mostrar a beleza contida na urdidura da vida.

Graças a esse cuidado tão sutil e, ao mesmo tempo, forte, hoje enxergo as histórias como uma manta que alguém joga sobre nós no momento em que são contadas. Na infância, ela cai sobre nosso pequeno corpo com poucas cores e tímida em tamanho, porém, a cada história que ouvimos, essa manta vai aumentando, os fios vão ganhando uma trama sofisticada. Novas tessituras, novos olhares vão se unindo para nos trazer sentido e serem as portas de entrada e saída que tanto procuramos nas diversas situações que a vida nos entrega.

Reconhecer e enxergar essa ancestralidade, que trago através da imagem de meu avô, é, antes de tudo, respeitar e honrar o lugar de onde vim e as raízes que me formaram. É trazer comigo a legião de pessoas que vieram antes de mim e que um dia tiveram a oportunidade de contar e serem protagonistas de suas próprias histórias, que abriram seus leques e sopraram a muitos ouvidos e corações a sensibilidade, o encantamento e o poder de cura e restauração da palavra.

Percebo nos meus avós maternos, em especial na figura do meu avô, o mestre que me formou para escutar e tecer cada fio de minha existência pela tradição oral. O que ele me contava não era possível encontrar em livro algum, a não ser dentro do grande acervo de histórias que trazia em suas memórias de infância e juventude. “Vovô Max” assumia o ofício do tecelão a cada vez que falava aos seus, utilizando com primor uma lançadeira para construir os tecidos maravilhosos que sempre fazia questão de jogar com afeto de palavras sobre aqueles que emprestavam seus olhos, ouvidos e coração, para perceber e enxergar os mistérios que se entrelaçavam em suas histórias.

Neste caminhar, os contos colhidos a partir da memória de nossos velhos são únicos. Não existe um padrão ou “certo e errado”. Ela vai sendo composta a partir do momento em que sai da boca e chega ao coração. Reconhecer isso me permite hoje responder à pergunta que me faço e que também já me fizeram muitas vezes: Por que você conta histórias? A resposta que encontrei possui tamanha profundidade e importância que não poderia deixá-la nas entrelinhas de minha vida, ela não poderia ser plano de fundo, mas sim o cerne de todas as minhas reflexões como pesquisadora, narradora, “escutadora e buscadora” de histórias.

Contar e recontar as histórias que um dia ouvi e li, a partir da tradição oral, me transbordou de tal maneira, que eu não poderia deixar aquelas tantas sensações e mensagens guardadas apenas dentro de mim, pois eu sabia que assim como na narrativa “A Sacola de Couro”, narrativa da tradição oral coreana, um dia aqueles personagens poderiam se revoltar por não serem apresentados a outros olhos e ouvidos, e “saírem da sacola” de forma inesperada. Penso que seria egoísmo não espalhar para outras pessoas aquilo que me fez e continua fazendo bem. Histórias são sementes. Quando plantadas, elas florescem e dão o fruto necessário à nossa sobrevivência.

Esta dissertação, apresenta os campos férteis que existem dentro de mim, possibilitando a abertura de muitos “portais do encantamento”, realçando, assim, as histórias que habitam em mim desde criança. Com elas, fui envolvida por fios que teceram minha escolha profissional e quem sou hoje. Compartilho da visão da contadora de histórias, docente e pesquisadora da tradição oral Gislayne Matos (2009), quando diz que não escolhemos as histórias, são as histórias que nos escolhem, e exatamente por isso talvez tenham surgido tantas inquietações desde que sou *casa-palavra* destas histórias. São vestígios e pistas de algo que proponho buscar. Uma escuta atenta e sensível que me traz

experiências carregadas de sentido por estar onde estou, fazendo o que me proponho todos os dias.

De mãos dadas com as minhas memórias ancestrais, a temática desta dissertação também me foi despertada a partir das muitas (e incríveis!) vivências em contações de histórias pelas quais passei com turmas de Educação Infantil (entre alunos/as e docentes) em escolas públicas e privadas da cidade de Nazaré da Mata - PE. Mas em especial uma situação que memarcou profundamente, o silêncio de dezenas de professoras da Educação Infantil diante da pergunta: “Quem de vocês se considera uma contadora de histórias”?

O vazio pairou no mesmo instante em que a pergunta foi feita, me revirando do avesso. Fui corroída naquele momento por muitas interrogações, “talvez eu não tenha sido clara na colocação da pergunta” - pensei. Procurei, então, descobrir que efeito era esse que estava sendo lançado sobre aquelas profissionais. Recordei rapidamente de todos os momentos em que outras professoras já haviam me relatado “não saber contar histórias” e que, para sanar essa “falta de conhecimento”, preferiam ler histórias para seus alunos e alunas, sempre com o uso de um material escrito, ao invés de se aventurar numa história contada com o apoio de sua memória.

Somado a isso, lembrei-me também das outras questões relativas às dúvidas e angústias de algumas(as) professoras(as) sobre a arte de contar histórias. Naquele instante, percebi que teria campo fértil para plantar a semente que as fariam se reconhecer como contadoras de histórias. Então, resolvi reformular a pergunta: “quem aqui já ficou mais tempo que acha que devia conversando no portão da vizinha ou com aquele amigo(a), familiar que você não via a tempos?”, e “na realidade da sala de aula, quem já deixou o livro de lado e se arriscou a contar uma história que um dia você leu, ouviu ou simplesmente que foi criada naquele momento?”

A partir desta sondagem mais direta com o cotidiano daquelas professoras, timidamente elas foram se pronunciando, se reconhecendo e se afirmando naquelas ações. Nesse instante, percebi que sempre estamos em busca das respostas, mas, na verdade, o que eu queriaera proporcionar àquelas profissionais a chance de fazer perguntas, por que as respostas, nem sempre são necessárias, mas a prática de questionar, esta sim, é inerente a prática de todo(a) professor (a).

A formação que me foi possível ministrar às docentes atuantes no município de Nazaré da Mata, no campo da Educação Infantil, me fez então enxergar a lacuna com relação à essa arte no cotidiano escolar. Era possível perceber o quanto as narrativas populares pareciam ser as mais escolhidas, ou substituídas pelos contos clássicos tradicionais no contexto das suas salas de aulas. Contudo, foi uma aproximação rápida. Precisávamos ter mais detalhes dos saberes das docentes. Por isso, a motivação que desenhou nossa metodologia, que será apresentada a seguir.

Nosso olhar sobre os contos de tradição oral parte da compreensão de que eles são uma teia de mistérios e encantos, de sabedoria popular e de construção coletiva, como afirma Matos (2009). Não são obra de um/a só autor/a, resultam da produção coletiva de um povo que os cria, a partir das representações de seu imaginário e do coletivo e, ao mesmo tempo, encontra neleso alimento para nutrir esse mesmo imaginário” (MATOS, 2009, p. 2).

O investimento nos contos de tradição oral no âmbito da Educação Infantil. é norteado pelo Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998), que realça a importância da criança estar inserida em um contexto de múltiplas experimentações, ao afirmar que elas devem:

Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser

compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva (BRASIL, 1998, p. 63).

Essa proposta de trabalho se estrutura também no Manual de Orientação Pedagógica sobre Brinquedos e Brincadeiras de Creches (Brasil, 2012, p. 27), quando apresenta a vivência com os gêneros orais e escritos como um importante percurso para o pleno desenvolvimento da infância. Nessa direção, destaca-se que “a participação em conversas cotidianas, além do acesso à cultura oral, como cantigas de ninar, roda, parlendas, histórias de bichos, contos e lendas brasileiras e de vários povos, amplia o repertório das narrativas infantis”.

Trabalhar com narrativas de tradição oral é estabelecer um fio com a palavra que não é rompido, se entendermos que eles falam de pessoas, com pessoas e para pessoas. As narrativas precisam ser ocupadas pelos seus/suas narradores/as e ouvintes, e os seus finais precisam estar abertos à criação de quem ouve. Os/as professores/as também precisam se encontrar nas suas próprias histórias, para que, assim, a palavra possa ser gestante e gestora de sentidos.

Diante do papel da temática aqui explorada, as seguintes questões nos provocam: Qual é o papel dos contos de tradição oral na prática de professoras atuantes na Educação Infantil? De que forma podemos colaborar com a formação continuada docente no trato com o dizer dos gêneros da tradição oral?

Essas questões foram ampliadas a partir da minha entrada no Mestrado Profissional em Educação, o que aguçou ainda mais o meu interesse, enquanto pesquisadora, em desenvolver e aprofundar estas impressões através de escutas e de formações continuadas para os/as docentes atuantes na Educação Infantil.

A partir dessa movência, visamos como objetivo geral: investigar o papel dos contos de tradição oral na prática pedagógica de docentes atuantes na Educação Infantil e como objetivos específicos: conhecer os contos que as formaram e que fazem parte da sua prática; compreender os objetivos dos usos dos contos no cotidiano de atuação das docentes na escola e, por fim, desenvolver estratégias formativas para realçar as contribuições dos contos de tradição oral no contexto da Educação Infantil.

Para a realização deste trabalho, organizamos metodologicamente a proposta de coleta de dados em 2 (duas) fases. Na primeira, disponibilizamos pela plataforma Google forms um questionário semiestruturado que foi respondido por 13 (treze) professoras atuantes na educação infantil. Neste trabalho, as docentes estão identificadas como Escuta, Encantamento, Imaginação, Poesia, Travessia, Portal, Olhar, Origem, Esconderijo, Esperança, Afago, Retalho e Alegria. A escolha desses codinomes se deu a partir de uma visão muito particular com relação a minha própria caminhada enquanto contadora de histórias, que se somou a necessidade de preservar a imagem de cada docente, conforme prescrições do Conselho de Ética e Pesquisa da Universidade de Pernambuco (CEP-UPE).

Na etapa seguinte, organizamos e vivenciamos um curso modular envolvendo atividades síncronas e assíncronas para a formação continuada, com vistas a discutir o objeto deste livro. Assim, realizamos encontros pela plataforma Google Meet, que foram gravados com a prévia autorização das participantes voluntárias. A coleta dos dados foi tratada a partir de dimensões da análise de conteúdo temático (BARDIN, 2011), utilizando o “par de óculos” qualitativo.

Para não perder o vínculo com as professoras que integraram este trabalho, criamos um grupo de *WhatsApp* identificado como “Voo D’Palavras”. Ele consiste em um acervo virtual em que foram socializadas

histórias contadas e escritas: parlendas, trava línguas, brincadeiras, cantigas e uma porção de textos do universo tradicional dos povos da região de Nazaré da Mata, bem como das docentes participantes deste trabalho. Em parceria com as docentes, recolhemos, junto aos/às seus/suas alunos/as e à comunidade, contos oriundos desta tessitura narrativa.

Todos estes bordados são parte do acervo, cuja escolha do nome vem do entendimento de que “as palavras têm asas” e estão em constante movimento, podendo elas voarem e pousarem sobre diversos povos e gerações. É nessa ciranda que os contos foram e são criados e recriados.

Dada à relevância da temática, pretendemos incentivar o ato de “saborear” os contos de tradição oral, valorizando as narrativas orais que advêm da memória popular “nazarena” permitindo, assim, permitem uma maior abertura e flexibilidade para serem contadas do jeito que o(a) professor(a) ou a criança se sentir mais confortável.

Desejamos, também, que o estímulo à prática de contação de histórias da tradição oral possa ser entendido como uma resposta à vida profissional e pessoal docente, pois entendemos que, antes de contar qualquer história no âmbito da sua profissão, o(a) docente deve entender às suas histórias e de que forma elas ressoam dentro de si mesmo. Vejamos a seguir os passos dados para que pudéssemos atingir os objetivos elencados neste trabalho.

FUNDAMENTOS QUE ENTRELAÇAMOS OS CAMINHOS DA TEORIA

Esse menino olha a história, essa menina vem também,
E pra você que quiser ouvir, sempre cabe mais alguém!

Fernanda Lima (2019)

(Sugestão autoral para abertura dos contos)

Gêneros da Tradição Oral - “Lava, lava, lavadeira, quanto mais lavar, mais cheira”

Antes mesmo de nascermos, estamos imersos na cultura oral. A criança no ventre de sua mãe, a partir de um determinado momento de sua formação, já consegue ouvir, sentir e até mesmo identificar as vozes que estão no mundo “do lado de fora”. Essa criança quando entra na escola “já possui seus ouvidos encantados por cantigas, canções de ninar, narrativas e contos diversos, fábulas, provérbios, anedotas, entre tantas outras manifestações orais” (GOMES; MORAES, 2013, p. 16).

Como dissermos, essa vivência primária com os gêneros da tradição oral faz parte de nossas vidas, mesmo antes de chegarmos à escola. Porém, é na instituição de ensino que temos um contato mais didatizado com a oralidade, o que nos ajuda a entender que os gêneros orais são as extensões daquilo que podemos fazer com a palavra e que pela força da tradição pode ser perpetuado de geração em geração, mas que também intensifica a ideia de qualquer conhecimento deve ser gerador de um aprendizado entendido pela sociedade como sendo “útil” para a vida do (a) aluno(a).

Existe uma grande diversidade de gêneros orais. Entretanto, nosso foco está centrado na apropriação e relevância dos contos tradicionais na sala de aula da Educação Infantil. Esta escolha se deu principalmente pela minha caminhada na educação, primeiramente como contadora de histórias e depois como alguém que foi escolhida por elas, cada passo dado era inquietante diante de metodologias engessadas e abordagens que mais estavam preocupadas na aprovação a longo prazo daquelas crianças, em algum exame “em massa”, do que propriamente na formação de um ser integral.

A partir de uma auto busca e descobertas que me levaram a questionar minha “gênese”, minhas “raízes”, entendi que esse caminho só poderia ser cruzado pela minha tradição, que mesmo não sendo conhecida ou lembrada por tantos anos, permaneciam em mim, acima da poeira do tempo, pelo poder milenar da perpetuação da palavra.

E assim quando pensamos nos saberes ancestrais, acessamos as nossas memórias guardadas na gaveta do tempo, as poucas, mas intensas vivências que tivemos ao lado de nossos ancestrais, e que nos ensinaram a ter olhos de encantamento através da arte do dizer. A tradição oral é como uma semente com grande poder de germinação.

As suas raízes transcendem ao tempo e alinham as histórias que percorrem geração a geração. Enxergar essa herança ancestral que nos

é deixada não é tarefa fácil. Por isso, em alguns casos, não entendemos seu real valor e, assim, não a fazemos germinar em outras terras. Porém, a tradição oral tem o poder de nunca permitir que a palavra se perca, ela apenas permanece adormecida até que alguém a acorde.

O acervo oral da humanidade é vasto, os saberes e fazeres do povo é que constituem a formação dos sujeitos em meio a um cenário atual tão emaranhado em redes de tecnologias. Este acervo do qual falamos, na verdade, é a maior biblioteca do ser humano, é aquela que está em sua memória, e ela nunca poderá ser destruída enquanto houver no outro a capacidade de transmiti-la por meio das palavras.

Sobre tradição oral, Paul Zumthor (1985, p. 4), em suas pesquisas, nos diz que:

O que se conhece por tradição oral de um grupo social é formado por um conjunto de intercâmbios orais ligados a comportamentos mais ou menos codificados, ou seja, a finalidade básica é manter a continuidade de uma determinada concepção de vida e de uma experiência coletiva sem as quais o indivíduo estaria abandonado a sua solidão, talvez ao desespero (ZUMTHOR, 1985, p. 4).

Ao falar em tradição, devemos estar atentos ao substantivo aproximação, pois não é possível conhecer a tradição que nos rodeia se não formos capazes de nos aproximar daquilo que a faz ser mantida de pé há milhares de anos. Que canções/ histórias e/ou brincadeiras os docentes da Educação Infantil de creche e/ou escolas municipais da cidade de Nazaré da Mata ouviam/ brincavam quando eram crianças? Quem as cantavam/contavam? Em que momento? E no contexto escolar, quais ações podem ser propostas com o objetivo de vivenciar a valorização do trabalho com gêneros da tradição oral?

Estes ensinamentos que um dia foram aprendidos pelos meus avós também foram ensinados a eles pelos meus ancestrais. E aqueles que

assim vieram antes também repassaram seu conhecimento. As histórias fazem parte de romances. Cada linha se encontra em determinado momento, para depois envolver-se e formar seus próprios tecidos. Não sabemos precisar onde começam os contos e saberes ancestrais, mas sabemos que eles nunca deixarão de existir, porque, como nossos avós, bisavós e ancestrais, sempre vamos enxergar na palavra uma condição humana de sobrevivência.

Nesse fio que se alonga, ocorre a propagação sob formas moventes, variáveis, recriadas ao infinito (MATOS, 2014, *apud*. GRIPARI, 1987). Os contos têm efeitos diferentes ao longo de nossa vida, mas o maior deles é o de saciedade. Sempre recorremos a esse sentimento de plena satisfação, senão com os outros, conosco mesmo. Mas desconhecemos a origem dessa fonte e olhamos para as definições de forma fragmentada, sem linearidade, o que tem nos afastado do verdadeiro sentido da palavra conto.

Os contos orais geralmente estão inseridos em sociedades consideradas advindas da oralidade, esta que, por sua vez, possui diversas manifestações. Ribeiro (2012) em sua dissertação de mestrado, realizou uma entrevista realizada com o contador de histórias e comediante africano François Moise Bamba. Ele se define como uma pessoa que conta textos que fazem parte da imaginação do seu povo e que tem como essência ensinar, mostrar, agradecer, encorajar. Todas essas ações são coroadas pelo ato de divertir as as pessoas, especialmente as crianças que o escutam. Essa forma de divertimento parte sobretudo do poder da oralidade, que além dos contos, são também “as canções, as cantigas, as adivinhações, os provérbios, as charadas” (2014, p.87).

Ainda de acordo com Bamba (2014), essa oralidade pode ser entendida e subdividida a partir de quatro ramos, sendo elas: 1- A palavra antiga, 2- A palavra grávida, 3- A palavra sagrada e 4 - A palavra fútil.

A **palavra fútil** é aquela empregada no dia-a-dia, das conversas nos bares, entre vizinhos, é a palavra que “é dita por todo mundo, é escutada por todo mundo e é compreendida por todo mundo”. A **palavra grávida** nos faz refletir sobre algum questionamento filosófico, sobre a própria vida, que não nos deixa parar no primeiro degrau, “é a palavra que esconde uma outra palavra”. A **palavra anciã**, por sua vez, é aquela que revela as nossas raízes, que nos diz quais são nossas origens e ancestralidade. Ela não é conhecida por todo mundo, porque tem esta característica que pertence de modo particular a cada pessoa e, por fim, a **palavra sagrada** é aquela que conecta o “mundo visível e o mundo invisível”, que possui uma espiritualidade que não é revelada, escutada ou dita por todos. Este tipo de palavra constitui uma narrativa ritualizada tanto para quem conta, quanto para quem ouve.

Entender a palavra a partir destas quatro vertentes nos ajuda a adentrar em um universo inverossímil, que envolve magia e mistério criado pelos povos, muito antes da ciência surgir para explicar os fenômenos que aconteciam no mundo. Este universo é descoberto pelo ser humano, sobretudo quando criança, como afirma Cascudo (2014, p. 06): “Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância.”

Prosseguimos, levantando mais um questionamento: ao nos referirmos à palavra falada, podemos utilizar diversas nomenclaturas, a mais usada e conhecida delas é: “história” e aquela que por hora estamos analisando aqui é a palavra “conto” (tradicional), com relação a elas podemos inseri-las no mesmo campo de atuação? Possuem o mesmo significado?

Sabendo da pluralidade de definições para a palavra conto, podemos adentrar no território da tradição, comparando os contos orais a estrelas cadentes: “ninguém sabe de onde vieram e nem para onde

vão, mas sabe-se que foram criadas no céu” (CASCUDO, 2016, p. 40). O céu nesse contexto é o povo, aquele que é palco-território para a construção das narrativas da vida.

Os contos populares nos oferecem diversos caminhos e conhecê-los nos ajudará a compreender melhor o percurso mágico da vida. Conhecer também os múltiplos cruzamentos dos contos tradicionais nos ajuda a ir de encontro aos contadores de histórias contemporâneos. Estas pessoas (que vem sendo maioria nesta nova geração) não tiveram contato com os contos tradicionais pela boca dos mais velhos, mas sim através de recontos escritos.

O contador contemporâneo sabe que esta palavra requer uma busca que é preciso captar nos interstícios deixados pela sociedade moderna. Ele deve tornar-se companheiro, amigo e amante desta palavra movente e ambulante que desafia a linearidade, os esquemas e as classificações em gênero (PATRINI, 2005, p.151).

Este espaço que existe entre o conto tradicional e o contemporâneo é de extrema importância para entendermos que, em tempos de “desaparecimento” dos narradores tradicionais, os narradores contemporâneos são os responsáveis pela perpetuação deste tipo de narrativa. Por isso, consideramos de extrema importância conhecer as diversas classificações dos contos tradicionais, para que eles se façam mais presentes no ambiente escolar.

Nessa direção, Cascudo (2017) nos apresenta algumas classificações relevantes para o entendimento da diversidade e do grande alcance dos contos tradicionais ao longo dos anos, da memória para a boca do povo, ao longo das gerações, são eles:

Quadro 1 - Contos tradicionais na perspectiva de Cascudo (2017)

Contos de encantamento	Quando intervém o maravilhoso, o sobrenatural, o mágico.
Contos de exemplo	Com intenção moral.
Contos de animais	Fábulas, ou simplesmente ações de astúcia, hilariantes
Facécias	Anedotas
Contos religiosos	Com intervenção divina, Deus, santos, anjos...
Contos etiológicos	Explicando a forma curiosa de um animal, vegetal
Contos de adivinhação	Onde a vitória do herói depende de decifrar um enigma
Contos cumulativos	Onde o assunto é uma série encadeada de motivos
Contos de natureza denunciante	Onde o crime oculto é tornado público e punido pela denúncia de animais, plantas, pedras
Contos de demônio logrado	Temas em que o diabo é vencido pela astúcia do homem
Contos de ciclo da morte	Temas em que a morte, personalizada, participa e sempre vence
Contos sem fim	Em que o herói deverá contar uma história interminável

Fonte: Cascudo (2017, p. 31).

Para continuar nesse solo fértil, mas ainda pouco cultivado, vejamos também a classificação de Thompson (1955-1959), que citado por Colomer (2017, p. 135) apresenta-nos os seguintes cenários sobre os contos populares:

Quadro 2 - Contos tradicionais na perspectiva de Thompson (2017)

Conto de fadas ou conto maravilhoso	Refere-se a um relato com elementos fantásticos, situado em um mundo irreal (ou, pelo menos sem localização determinada), de origem anônima e transmissão oral, no qual costumam aparecer personagens com poderes especiais, tais como fadas, ogros, bruxas, duendes, etc. A exemplo, temos os contos recontados por Charles Perrault e os irmãos Grimm.
A novela	Palavra de origem italiana que designa um relato transcorrido em um mundo real e definido.
Os contos heroicos	Relatos extraordinários de lutas levadas a cabo por um herói determinado, seja histórico ou imaginário, e organizados em forma de ciclos, por exemplo, o ciclo do rei Artur na Bretanha
As lendas	São relatos extraordinários que se contam como sucedidos em um lugar concreto e se vinculam, portanto, com um lugar, edifício ou acidente geográfico. Podem ser do tipo realista (uma guerra), maravilhoso (como a construção de uma ponte por parte do diabo) ou religioso
O conto etiológico	Pretende explicar a origem ou as características de algo: a aparição da população humana, a forma de um animal, o sal do mar, etc.
O mito	É um conceito usado em amplos e variados sentidos. Aqui se refere a um relato que acontece em um mundo anterior ao atual e, embora possa parecer-se ao conto heroico ou etiológico, tem sempre um significado religioso; por exemplo, os mitos gregos, como o de prometeu etc.
Os contos de animais	São relatos que narram a astúcia ou estupidez de um animal, frequentemente em relação à sua necessidade de saciar a fome, com a intenção de fazer rir; por exemplo, as aventuras de raposas, tão comuns na narrativa medieval.
A fábula	Com alguma exceção (como a da leiteira), é um conto de animais que tem o propósito de educação moral, geralmente explícito; por exemplo, as fábulas de Esopo, no século VI a. C.
O chiste ou a facécia	É um relato muito curto, do tipo cômico, obsceno ou absurdo.

Fonte: Autora (2021).

Percebemos que as classificações trazidas por ambos autores se encontram em alguns momentos e se complementam em outros. Estes territórios apresentados nos permitem traçar uma visão mais consolidada, que vai de encontro aquilo que já sabemos: a multiplicidade de definições em torno dos contos de tradição oral. Estes percursos trazidos pelos autores não têm intenção de definir conto de tradição oral, pois, assim como diz Café (2020, p. 133), “não existe uma concordância entre folcloristas e pesquisadores, a sua principal característica consiste em sua autoria desconhecida”.

Os estudos em torno desta temática nos dizem que existem diversas categorias em torno da tradição oral: contos, mitos, lendas, parlendas, trava- línguas, cantigas, brincos, entre outros bordados que, segundo Matos (2013), não se sabe exatamente quais, pois não é possível falar em origem exata quando nos referimos à narrativas transmitidas oralmente.

No momento em que a criança ouve e participa destas vivências, ela “constitui imagens a partir da oralidade presente em expressões, ritmos, melodias, entonações, gestos, olhares e interações humanas” (GOMES; MORAES, 2013, p. 51). Valorizar aquilo que a criança aprendeu a partir do que ela escutou é reforçar a importância da oralidade em sua aprendizagem, neste âmbito, esta valorização deve vir através da ludicidade. Contar histórias da tradição oral e vivenciar os seus gêneros é brincar com as palavras.

Quem nunca se divertiu ao ouvir: “Quem cochicha o rabo espicha, como pão com lagartixa”? Quem nunca criou imagens para esta parlenda, ao ouvi-la: “Meio-dia macaco assobia, panela no fogo barriga vazia”? Ou quem nunca estendeu as mãos para brincar com um amigo(a), ao dizer da seguinte frase: “Dedo mindinho, seu vizinho, maior de todos, fura bolo, mata piolho”?

O brincar com a palavra é o elemento chave para trabalhar a tradição oral na Educação Infantil. Esta é a fase da fantasia, do encantamento, do lúdico. Este é período em que a frase “tudo é possível” faz sentido. Brincando de imaginar, a criança confere sentido ao mundo. O brincar é uma ação que cumpre a função de mediadora entre a criança, o mundo e as pessoas e coisas que nele vivem.

A dimensão do caráter oral destes eventos é ainda mais viva e potente com crianças pequenas. Na Educação Infantil, o aspecto lúdico é intrínseco ao processo de desenvolvimento. Por isso, o brincar, cantar, mover-se, interagir deve estar presente no ato de contar histórias que envolvem o universo da tradição. Neste sentido, como nos diz Araújo (2011, p. 27), “o encontro do professor e dos alunos em torno desses textos implica numa troca, em interação cultural, transmissão e recepção como um ato de presença, ato único que deve gerar prazer e beleza e envolver o corpo, a voz”.

No cotidiano das creches, contar histórias já é uma prática presente em suas rotinas, estando a ela atribuídos diversos estímulos, como a imaginação, a criatividade, o respeito e o conhecimento à diversidade e pluralidade, o relacionamento direto e outros referenciais que são muito importantes para o desenvolvimento integral das crianças. Na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 40), afirma-se que:

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. (...) Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e

reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

A escola, portanto, deve entender que nenhuma criança chega na escola como “uma folha em branco”, ela possui conhecimentos que devem ser relacionados e partilhados diretamente com os saberes da escola, da família e da sua comunidade. Para isso, os professores devem ser conhecedores de sua região, de seu povo, de sua cultura, dos grupos tradicionais que existem em sua cidade, de suas formações migratórias e imigratórias.

A criança é um ser que é ativo na produção de conhecimento e de cultura. Assim, todo o processo de ensino deve ser pautado na valorização e importância da tradição oral. Entendemos, desta forma, a tradição oral como um grande guarda-chuva que acolhe em seu bojo diversos gêneros, tais como: as cantigas de roda, as canções de ninar, os trava línguas, as quadrinhas, as anedotas, as adivinhas, os provérbios, as fábulas e os contos dos quais não se sabe a autoria, entre outros.

Adentrar no universo da tradição oral pressupõe buscar as suas origens, e acreditamos que esta busca só acontece de forma genuína através da nossa ancestralidade. Enxergar motivos para utilização dos gêneros orais na prática pedagógica de professores da Educação Infantil é algo subjetivo a cada docente. Entretanto, é preciso saber para qual direção seguir, pois, como disse Machado (2004), há um propósito orientador em todo ato criador. Acrescente-se que ser docente é exercer diariamente atos de criação, e eles são processos, surgem de repetitivas tentativas, falhas, esforços e de reflexão constante.

Mais do que a diversidade de estratégias, os gêneros de tradição oral são alimentos para a vida, pois permitem uma experiência suficiente para transportar-se junto com os participantes para dentro da estrutura do que se apresenta, são maneiras particulares de enxergar

o mundo. Por meio deles, é possível saborear cantigas, histórias, parlendas, adivinhas, trava-línguas, brincadeiras de rodas e tantas outras ações que têm o objetivo de perpetuar a herança narrativa de um povo. Nesse sentido, o contador de histórias tem um papel fundamental na transmissão e preservação desses ritos.

**“Era uma vez, eu vou contar, quem vai ouvir? Vai começar!!” -
A escolha dos Contos de Tradição Oral na Educação Infantil**

Existem narrativas que nos falam de um tempo que está fora dele mesmo, que nos indicam não apenas o “ aqui ou acolá”, mas que nos oferecem outras opções para onde olhar ou que caminhos podemos imaginar, uma outra via que nos permite enxergar territórios intermediários, que está entre o eu e os outros, as histórias que se contam, as histórias de vida do contador e até mesmo dos ouvintes.

Os contos de tradição bebem na fonte da oralidade, porque é através dela que cada história ganha uma nova roupagem na boca de quem conta. O conto de tradição oral “A senhora verdade e dona história”, conto da tradição oral Árabe, nos retrata bem isso: a senhora verdade que andava nua pelas ruas quase foi apedrejada, só conseguiu o que queria quando se encontrou com a *dona história* e sevestiu com as suas roupas.

Logo, é possível imaginar sobre esse poder de sedução da palavra oral: até mesmo a verdade, considerada por muitos a mais pura das virtudes, precisou se vestir de histórias para ganhar a confiança de todos. Apenas a verdade não bastaria, era preciso saber transmiti-la. O ser humano, em muitas situações, buscou “pagar o seu preço” para ter a possibilidade de contar as suas histórias. Foi assim também com Ananse, o “homem-aranha” da cultura africana, que relata no conto “ Baú de histórias” que, ao ver todas as histórias da terra se acabarem

esse personagem, resolveu tecer uma imensa teia até o céu para comprar do Deus supremo, o dono de todas as histórias, a possibilidade de ter outras histórias para contar ao seu povo.

O que o “Deus do céu” pedia não era fácil: O preço pelas minhas histórias são quatro coisas: eu quero que você me traga os Marimbondos que picam como fogo, o Leopardo dos dentes terríveis, a Fada que nenhum homem jamais viu e a Grande Serpente” (PRESTES, 2013, p. 4). Mas Ananse, em nenhum momento, achou que não poderia. Usou toda a sua inteligência, porque tinha a convicção de que precisava comprar o baú onde continham todas as histórias do mundo para serem contadas na terra ao seu povo e conseguiu. “- O baú todo lhe pertence. Todas as histórias são suas”, disse o Deus do céu.

Ao abrir o baú, não só as terras do continente africanos, mas do mundo inteiro foram iluminados pelas histórias que lá estavam. Ananse é a representação tradicional e contemporânea de todos os contadores de histórias que se esforçam, buscam, estudam ou simplesmente se colocam em posição de escuta, enfrentando os desafios diários desta arte, massem a pretensão de desistir dela.

Nesta seção, estamos diante de dois campos encantadores e sobretudo desafiadores, porque ambos, Educação Infantil e contação de histórias, especificamente da Tradição oral, ainda são vistos como uma modalidade “menor” na Educação Básica. Quem nunca ouviu a frase: “Na Educação Infantil as crianças só brincam” ou “Conta uma história para passar o tempo”.

Entretanto, quando verdadeiramente: “atrassemos as cortinas do “Era uma vez”, encontramos um universo onde a realidade se transforma num piscar de olhos” (VELASCO, p. 17, 2018).

Cruzar as rendas diáfanas de uma história, nesse sentido, pode refletir na maneira como os docentes devem protagonizar aos seus alunos, vivências questionadoras e diversificadas. A verdade imaginativa,

por sua vez, fica a cargo de cada criança e, nesse sentido, deve ser estimulada como um meio imprescindível para o desenvolvimento na infância. Contar histórias na Educação Infantil não é uma escolha fácil para muitos docentes, mas sempre será a melhor escolha.

Pode parecer impossível acreditar em formigas falando, peixes transformados em homens, ou em um urubu feitiçeiro que aprisionou os astros para enredar de luzes o seu pescoço. O que dizer a respeito de mantos de invisibilidade, botas de sete léguas, lágrimas capazes de curar olhos cegos ou frutos que envelhecem com apenas uma mordida? Ou então bichos-papões despencando de um velho sótão, sacis dando nó em crina de cavalo, e ainda uma menina enterrada viva cantando para que não lhe cortem os cabelos de capim?

A palavra encantada pode sair da boca de qualquer pessoa, mas a certeza de que o que se está contando não é mágica e sim verdadeira para os ouvidos de uma criança. Desta forma, entendemos que os contos de Tradição Oral na infância devem ser escolhidos, especialmente, pela sua linguagem simbólica, fantasiosa e imagética. Animais que falam, objetos que voam, por exemplo, tratam de dimensões que aproximam a infância e a vida de “gente grande”, acalentando a todos por meio de uma sensação de pertencimento.

Atualmente, os docentes e a escola, de uma maneira geral, têm uma compreensão maior da importância e dos benefícios que a arte de contar histórias possibilita para as crianças na Educação Infantil. Nessa perspectiva, o conto, segundo Patrini (2005, p. 97):

É uma memória da comunidade - maneira de ver o mundo, esperanças e medos, anseio de transcendência - possibilitando sua transferência às novas gerações. Através dos contos, a criança descobre uma ética, as regras entre membros de dois sexos: o interdito, o permitido, o de-

sejável. A criança aprende não somente as leis da comunidade, as regras a serem cumpridas com os amigos ou com os inimigos, mas também as regem a vida do homem no planeta e sua relação com a natureza. Aprende que existem ações perigosas e outras benéficas, que algumas são elogiadas e outras punidas. Descobre a relação entre causa e consequência, o papel do tempo no envelhecimento e a inexorabilidade da morte.

A escolha dos contos tradicionais na Educação Infantil deve fazer parte de um grande manancial que segue o seu curso pela oralidade e pelo olhar da própria criança. Histórias desta natureza na infância são uma espécie de espelho para a vida adulta e para as suas experiências e relações com o outro. A criança possui em seu olhar o poder de atravessar as histórias que ouve, transformando-as em imagens. Os contos de tradição já nos revelam desde a infância um dos “aspectos fundamentais do humano: a capacidade de criar, transformar, imaginar e sonhar” (VELASCO, 2013, p. 19).

As histórias que um dia já andaram de boca em boca, quando contadas às crianças, ganham vida através do seu poder imaginativo. E este só consegue emergir quando a história de tradição é banhada pelo rio do brincar. Quanto mais houver esta característica, mais as crianças vão se identificar e aproximar das narrativas. Logo, os educadores devem estar sensíveis a esta condição, pois quanto mais eles puderem: “Olhar a prática pedagógica com os olhos de caleidoscópio das crianças, poetisas natas, mas se aproximaram delas de fato. Conhecer a linguagem do brincar, e contar histórias imbuídos dessa compreensão, será um salto quântico nas rotinas de educação infantil” (VELASCO, 2013, p. 86).

Os contos de tradição oral que aqui estamos falando nada mais são do que uma troca de “frequência cardíaca”. É preciso que a (o) docente ou o(a) contador(a) de histórias que se propõe a este tipo de narra-

tiva se sinta sensibilizado a contar histórias desta natureza “de cor”, ou seja, de coração. E, quando fazemos seja qual for o ato, ouvindo a voz do nosso coração, somos capazes de imprimir uma realidade que encanta, emociona e faz as pessoas sentirem o desejo de escutar mais.

É assim que as histórias tradicionais precisam ser escolhidas: deixando que nossos corações escolham. No curso de formação de contadores de histórias Zumbaiar que pude participar ao longo de 1 (um) ano, a professora que o ministrou nos disse que: “não devemos escolher as histórias, mas sim deixar que elas nos escolham”.

Diante de tudo isso, que relações podemos estabelecer entre os contos de tradição orale o trabalho docente? A tradição oral é um trançado formativo que reside na memória popular. E essa busca pelas suas riquezas só ganha sentido e é revelada através da fidelidade do tempo que mantém a história viva de geração a geração.

É importante salientar que as histórias de tradição oral não são aquelas conhecidas apenas através do ato de escutar. A tradição oral também está presente nos livros, através do trabalho de pessoas que resolveram organizá-las de forma sistemática. Entretanto, as histórias que existem nos livros, antes se fizeram presente no imaginário de alguém. Segundo Velasco (2008), de alguma forma, todas as histórias trazem em si uma parcela de tradição e oralidade, as histórias com autor específico ou não sempre estão na busca por se “fazerem carne”, saírem dos livros e do imaginário para circularem como sangue pelas veias humanas.

E nada disso faria sentido se não houvesse um interlocutor e seus ouvintes. De que adiantaria a existência de um universo, se não houvesse alguém disposto a dar forma a essa palavra, contando-a e (re) criando-a a seu próprio modo? É preciso que haja sempre alguém disposto a contar e outro alguém disposto a ouvir para que a tradição se

perpetue. Segundo Moise Bamba (2014, p. 186), podemos encontrar três tipos de pessoas dispostas a contar um conto:

O *dizedor* de histórias: alguém que se senta na rua por ocasião de um evento, de uma circulação e conta uma história. Qualquer pessoa que escuta essa história pode contá-la de novo. O *recontador* de histórias: alguém que escuta aquela história e conta muitas vezes muito melhor do que o que escutou. E o *contador*: que te conta uma história de qualquer cultura onde você vive porque é capaz de compreender e transmitir o valor essencial que este conto porta. O valor essencial do povo que diz aquela história. Ele conhece a profundidade do conto. Seu papel não é somente a narração, seu papel é histórico. Seu papel é sociológico. Seu papel é pedagógico.

Entender quem somos ao contar um conto nos ajuda a chegar nas suas profundezas, a entender que, conhecendo o outro, eu aprendo mais sobre mim, e, assim, permito ir além das narrativas que são contadas com um puro teor utilitário. Sobretudo na contemporaneidade, onde a maioria das situações ocorrem de forma líquida, existe uma falsa sensação de que é preciso “recuperar o tempo perdido”, ou seja, ficar longe das escolas por mais de 1 (um) ano.

Embora fosse em situação de própria defesa da vida, para alguns, gerou déficits que só serão superados com uma intensa exposição das crianças a todos os tipos de estímulos cognitivos e pedagógicos. Assim, a escola com a sua tarefa de sistematização de saberes, muitas vezes, transfere isso para a criança de modo inconscientemente, e para as histórias, transformando-as em pretextos para “resolver” atritos comportamentais em sala de aula.

As histórias, sejam de tradição oral ou de autor específico, não devem impor funções. Só o ato de pensar na história atribuindo a ela apenas o objetivo de dialogar sobre determinado tema já reduz o seu

papel artístico, de integração e encantamento. Neste momento, é muito importante ter a consciência de um coração que sente, mas que também “pensa” e entende a história como um lugar digno de morada, ainda que para muitos essa morada seja definida por “reinos distantes, aldeias remotas, mares longínquos, florestas desconhecidas, paisagens que se encontram em outros tempos e ao mesmo tempo no agora” (VELASCO, p. 25, 2018).

As crianças que vivenciam as narrativas aprendem com elas a oportunidade de organizar internamente os fatos que acontecem em sua vida, mas esse momento deve ser algo despretenso de “lições de moral”, com grandes expectativas de diversão, tendo como uma das certezas a noção de que tudo deve ocorrer através do simbólico, do lúdico, sabendo que:

É essencial utilizá-los primordialmente e inicialmente como textos orais que são, ou seja, como manifestações que têm a voz como matéria-prima e a memória como registro, e como formas que acompanham brincadeiras. Ou seja, antes de qualquer coisa, ativá-los na memória, memorizá-los, dizer os que sabem, entoá-los, brincar com eles (ARAÚJO, 2011, p. 12).

Desta forma, saber contar uma história para crianças é antes de tudo saber brincar com as palavras, encontrar maneiras de potencializá-las através da diversão. A voz, segundo Zumthor (1985), assume grande importância neste processo, pois é por meio dela que os contos e gêneros orais ganham vida e materialidade, tendo os seus fios entrelaçados um a um numa grande colcha de retalhos, “A voz é concreta e somente a sua escuta nos faz tocar as coisas”. Sem dúvida, a voz é um dos elementos mais preponderantes para uma vivência no mínimo interessante com os gêneros de tradição oral (ZUMTHOR, 1985, p. 9).

As histórias orais são um fio condutor que liga a tradição ao contemporâneo. Elas atravessaram e resistiram à distintas épocas, sociedades e culturas para permanecerem e encontrarem seus lugares dentro de quem as conta, ou de quem as deseja contar, e esse é um dos muitos movimentos que as narrativas de tradição oral nos permitem refletir.

Nessa dinâmica, contar histórias da tradição oral é falar da condição humana. Quem conta fala de si mesmo para o outro e antes de ser ouvido, se ouve. Assim, vivenciar gêneros da tradição oral é experimentar o lugar da palavra nas suas mais diversas variações da oralidade.

Zumthor (1985) aponta três tipos diferentes de oralidade: a primeira “é primária e imediata”, ou seja, não tem nenhuma relação com a escrita, está presente em sociedades em que é ausente qualquer contato com a escrita. A oralidade mista se refere à determinada cultura ou sociedade que não confere atenção à escrita, se colocando atrasada com relação ao aparecimento da grafia. E, por último, temos a oralidade segunda, que se refere a uma “cultura letrada” que explora os usos da voz e da sua imaginação e memória popular.

Entendemos, assim, que, tal qual a aprendizagem, a oralidade também não ocorre de forma linear, ela utilizada em diferentes roupagens, mas todas podem ser utilizadas como nutrientes para a alma, pois tanto a experiência de contar quanto a de ouvir uma história representa um salto que podemos dar para dentro de nossas próprias experiências.

A oralidade deve ser entendida como um caminho que proporciona a perpetuação contínua de novos conhecimentos. Contar histórias através da oralidade unicamente se constitui como uma experiência vital. Esta ação é capaz de trazer organicidade às nossas ações, nos fazendo olhar para o poder da fala e das histórias como se ela mesma fosse um

corpo, possuindo pele, músculos esqueleto e órgãos que permitem o seu total funcionamento tal como uma máquina em perfeita harmonia.

As histórias existem para nos ajudar a construir pontes, entretanto a existência dessas pontes não são sinônimo de passagens. Há lugares que construímos em nossas vidas para serem desabitados, há lugares que história ou palavra alguma consegue adentrar, há situações que ocorrem em nosso interior e que são inexprimíveis, mas, mesmo nesse momento, as narrativas estarão lá para nos ajudar a entender e aceitar esse recinto vazio em nós mesmos e no outro.

Cada ser humano possui o seu próprio mundo interior e, neste mundo, as respostas podem vir fora do tempo mensurado por algo ou alguém, porque elas vêm gradativamente em ao longo da vida. Contar e ouvir histórias pode não transformar o mundo, mas pelo menos vai ajudar a torná-lo mais habitável, porque, à medida em que nos colocamos diante destas ações, nós estamos permitindo conhecer e entender primeiramente a nós mesmos e qual a nossa função no mundo.

Muitos professores ainda podem se questionar como tornar presente estes contos em suas salas de aulas, especialmente na Educação Infantil. Moise Bamba (2014, p. 182) nos diz que:

Nós começamos com os contos pequenos, onde há muita canção dentro. E através dessas canções ela aprende as diferentes cores, partes do corpo, a contar. Depois, a gente vai contando histórias que leve a alguma reflexão. Então, a base é a iniciação. A iniciação é a escuta, primeiro. Não podemos dizer que um menino com menos de quinze anos entenda realmente o que é o conto. Mas desde pequeno, já escuta a musicalidade das palavras, ele começa a compreender pouco a pouco. Antes mesmo que aprenda a falar, você aprende a escutar e a tomar a palavra. Aprende a dança de palavras, de vozes.

As histórias não existem para sublinhar, mas elas são marcadores atemporais, que, em dado momento, não se sabe quando, irão nos fazer parar e pensar que determinada situação só faz sentido depois que fomos capazes de ouvir ou contar histórias. Nesse sentido, Reyes (2012, p. 28) nos diz que “as histórias não existem para identificar a sua moral, seus ensinamentos ou valores, mas para empreendermos esta antiga tarefa do conhece-te a ti mesmo e conheça os demais.”

Na Educação Infantil, assim como em todos os anos escolares e nos demais contextos sociais, uma história nunca chega ao fim, ela apenas abre portas para que cada ouvinte encontre sua verdadeira jornada, retornando para o lado de cá de mãos dadas com o seu herói, ou heroína, e tendo a sensação de que os sonhos também existem para serem sonhados enquanto se está acordado(a).

“Travessias de um ser narrativo”: O que constitui a formação de um contador de histórias?

Obrigado, menina. Tenho de partir. E preciso de partir para que a saudade chegue e eu tenha vontade de voltar. Longe, na saudade, muitas coisas boas começam a crescer dentro de nós. Sempre que ficares com saudade, eu ficarei mais bonito. Sempre que eu ficar com saudade, tu ficarás mais bonita. E enfeitar-te-ás, para me esperar... (A menina e o pássaro encantado, Rubem Alves, 2010).

Tornar-me contadora de histórias não foi um percurso vazio e solitário. A narradora foi construída muito antes da existência de meu corpo físico ou de minha voz pulsante, ela não nasceu de mim, mas sim daqueles que habitaram antes de mim, meus bisavós e e tantas outras pessoas da minha ancestralidade que não conheci, mas que hoje me motivam a honrá-los através da palavra.

Contar histórias é uma forma de me manter sempre em busca de algo que ainda não sei, ou ainda não conheço, sempre em conexão com minhas raízes, pois elas me ajudam a entender que, antes de me olhar contadora ou narradora de histórias, me enxergo também como uma “buscadora”, garimpeira de palavras. Andrueto (2017, p.18) diz que “para quem busca o ouro, o prazer está em buscar”. E o que eu busco? As histórias! É nelas que me perco e me encontro. A escuta vem sendo a verdadeira “movera de montanhas” das quais possuo. Dentro de mim ainda residem pedras grandes e pesadas, que só a prática da escuta atenta e sensível é capaz de mover-las. Nessa descoberta, Andrueto (2017, p.15) ainda diz que:

Entre algumas comunidades africanas, quando um narrador chega ao final de uma história, põe a palma da mão no chão e diz: aqui deixo minha história para que outro a leve. Cada final é um começo, uma história que nasce outra vez, um novo livro. Assim se abraçam quem fala e quem escuta, num jogo que sempre recomeça e que tem como princípio condutor o desejo de nós encontramos alguma vez completos nas palavras que lemos ou escrevemos, encontrar isso que somos e que, com palavras é construído.

A nossa tradição é assim: ponto de chegada e de partida, onde tudo começa e onde tudo se encerra. Conhecer as histórias que nos constituem é a nossa própria migração, de algo que fomos para algo que buscamos ser, somos involuntariamente instruídos a sair de um lugar para outro. O contador de histórias é o ser da inquietação, é alguém que se encontra e se perde constantemente nas palavras, por que ele(a) as enxerga com liberdade e por serem elas que vão e voltam quando bem entendem. Mas quando voltam trazem pontes, permitem atravessamentos e nos levam a viagem que nos estimulam a saber conviver com as dores, os sofrimentos as angústias.

Atualmente, muitos docentes têm suas práticas motivadas pela arte do contar e para aprimorar essas ações. Existe uma porção de bons cursos e oficinas que formam pessoas para atuarem profissionalmente como contadores de histórias, nos mais diversos espaços. O contador de histórias contemporâneo, como me considero, vem sendo constituído sobretudo pelo seu desejo de pesquisa e de formação, seja profissional ou pessoal.

Cada encontro com as histórias é único, seja por qual for a motivação, elas nos conduzem a sermos corpos em trânsito e a emprestarmos estes corpos para tornar vivas as histórias dentro de quem conta e dentro de quem ouve. As fendas (CAMPBELL, 1989) que são produzidas neste processo nascem do vazio, “da ausência daquilo que um dia nunca foi”. Estamos falando sobre um tempo do “agora eu era”¹. Por isso, então, nos perguntamos: “Inventar ou descobrir? Sobretudo olhar? Olhar com intensidade para dar conta do que se olha...” (ANDRUETTO, 2017, p. 20). E como podemos saber *se damos conta?* Enfrentando as etapas! Esta arte plural também se torna singular ao nos fazer entender que só é possível alcançar o “elixir” quando o procuramos com escuta e ação.

Nosso texto se preocupa em enovelar os fios das histórias que nos constituem enquanto seres humanos. São fragmentos, fios, detalhes que guardamos com carinho em nossa memória, e os reativamos sempre que precisamos deles. É como um remédio de efeito instantâneo para uns e pura e genuína espera das “respostas” para o outro. Estas respostas podem não chegar - e que bom, por que não precisamos delas! Aquele lugar interior que só cada um de nós pode habitar já nos revela o que precisamos no próprio ato de acessá-lo, ou seja, o processo

1 Referência à música “Agora eu era”, cuja autoria é de Nara Leão e Chico Buarque.

é mais importante do que o produto final, pois é por meio dele que nos fortalecemos para estar aqui, de pé, dia após dia.

Trabalho para que não haja um esvaziamento de memórias e de pessoas, para que sempre haja o incômodo, a inquietação. Conto histórias para encontrar em meus ouvintes aquela ouvinte que também quero ser. Conto histórias para me ouvir e entender que todas as histórias que um dia já contei ou já vivi fazem parte da minha de retalhos interior. “Sou retalhos” e conto histórias para costurá-los, para atravessar a minha reserva e promover o meu encontro com o outro. Contar histórias é a arte do encontro. Nem sempre saio feliz, mas sempre saio na certeza de que até mesmo as inquietações existem para nos ensinar com maestria que a vida é uma “empreitada de retificação de si mesmo” (ANDRUETTO, 2017, p. 21).

Conto histórias para me libertar daquilo que todos dizem ser o correto, para libertar-me das exigências que muitas vezes já me impuseram, libertar-me do medo do abandono, da mãe ideal, da professora clara e concisa, da pessoa que é forte e tudo suporta. Conto histórias para cuidar de mim mesma, para acarinhar minha própria alma para livrar-me do fim, para “Ser sempre o caminhante, o que ainda não chegou ao seu destino, o passageiro em trânsito, aquele que atravessa a reserva, o que busca o ouro” (ANDRUETTO, 2017, p.23). Contar histórias, estãõ deve jamais ser uma prática de pretextos. Conto, porque preciso das histórias para me manter viva, e só isso basta.

O mistério contido nos contos de tradição oral nunca será plenamente revelado, pois sempre há algum lugar que o conto habita que nós não podemos chegar. Falo de vidas alheias às minhas, mas no mesmo instante penso: será que são assim tão alheias? Provoco-me: será que não enxergo na vida do outro, aquilo que sou? Minha própria história de vida? Minhas incredulidades, misérias e ignorâncias? Prefiro, então, “Olhar as vidas alheias para nos vermos, ou o que é o mesmo

contar as vidas alheias para dar conta do nosso modo de ser e olhar (ANDRUETTO, 2017, p.30).

Atravessar o outro lado implica em encontrar algo ou alguém. A vida é feita integralmente de travessias e buscas. Vamos à padaria, quando queremos pão, vamos ao médico quando estamos doentes, mas para onde vamos quando precisamos nos encontrar conosco? Que caminho é esse? O que nos espera do outro lado desta ponte? As histórias nos permitem acessar as nossas próprias histórias e também as histórias do outro, permitindo o acesso a uma realidade que muitas vezes não é nossa:

Reflete uma necessidade muito humana: a de não nos contentarmos em viver uma única vida, e por isso, o desejo de suspender, um pouco o transcurso monocórdio da própria existência, para ter acesso a outras vidas e a outros mundos possíveis, o que produz por um lado, certo descanso ante a fadiga de viver, e por outro, o acesso a aspectos sutis do humano que até então nos haviam sido alheios (ANDRUETTO, 2017, p.54)

A tradição oral nos apresenta histórias que nunca serão colocadas em dúvida pelo narrador. Esse algo de mistério é o que conduz a tessitura do tradicional, é o que faz com que o contador(a) enxergue no tempo uma existência costurada de geração a geração:

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. (COLASSANTI, 12, p. 1).

Os fios e o ato de tecer é o que inicia o conto a “A moça Tecelã”, da autora Marina Colassanti. A personagem principal tece tudo aquilo que precisa, casa, móveis, comida, o dia ea noite e, quando lhe chega a solidão, tece também um marido. Mas ele vem moldado no podere na ganância. E a moça, sem demora, começa a destecer aquele homem ideal, até não restar mais uma linha sequer do que havia sido tecido.

Os contos de tradição oral também nos permitem essa liberdade: tecer e destecer ao nosso critério. Eles nos mostram que somos capazes de apagar de nossas vidas aquilo que já não nos faz mais felizes, o que já não atende mais nossas expectativas. Cada um(a) de nós pode acessar através da palavra um território de passado e presente, que se encontra para nos ensinar que a medida que as palavras podem nos embalar e acarinhar, também podem nos fazer acordar.

A formação docente e as funções do/a professor/ nesse tear - “Eu vim de outras terras, contar histórias em terra alheia”

O ano de 2020 sacudiu diversas áreas e impôs novas abordagens a todas as profissões que lidavam diretamente com o público. A pandemia provocada pelo vírus covid - 19 isolou omundo e as pessoas e, com ela, houve rompimentos que mudaram para sempre a história da humanidade. Muitas profissões não serão mais as mesmas e outras surgirão deste momento. Diante deste cenário, ser professor(a) tornou-se um dos ofícios mais desafiadores, provando a fragilidade de velhas práticas e, ao mesmo tempo, fortalecendo a profissão docente.

A docência não permite mais espaço para acreditar que ensinar é simplesmente transferir conhecimentos. Muitos modelos educativos propostos neste período pandêmico provam isso. Não existe mais espaço para a educação bancária (FREIRE, 1997). Todavia, mesmo que as

instituições educacionais tenham evoluído, muitas ainda não se afastaram de ideias que prezam pela seleção e pelo individualismo.

Esta situação mundial teceu redes para uma grande certeza: as escolas precisam de renovação, as instituições com propostas mecânicas e tecnicistas não têm mais espaço num mundo onde a inovação e criatividade são as palavras da vez. Devemos enxergar a figura do professor e da escola como sendo mais do que uma pessoa ou um local que trata exclusivamente de assuntos acadêmicos. Logo, é preciso que os enxerguemos como uma manifestação da vida, com instituições que fazem do trabalho docente uma oportunidade para revelar a complexidade de tomar decisões, de ser cidadão, solidário, justo, humano, de olhar para dentro de si mesmo e conhecer suas histórias e raízes.

Novos olhares são tecidos para a condição de ser docente diante deste período com complexo. Já enxergamos, mesmo que primariamente, as funções de ser professor. Porém, esse ofício vem se constituindo cada vez mais diverso e dotado de complexidade, assumindo, também, outras funções, como: “Motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade” (IBÉRNON, 2001, p.14).

Estamos neste momento falando sobre a profissão docente, mas até o momento não definimos o conceito de profissão e de ser profissional. Sobre eles, Ibérnon (2001, p.28) nos diz que : “O conceito de profissão não é neutro nem científico, mas é produto de um determinado conteúdo ideológico e contextual”. Neste sentido, entendemos que não existe profissão livre de opiniões e livre da ação popular, pois todas fazem parte de um grupo constituído por pessoas, e estas estão em constante processo de transformação e renovação.

Sobre o conceito de ser profissional, Ibérnon (p. 26, Apud Schon, 1992) afirma que ele “Implica em dominar uma série de capacidades e habilidades especializadas que nos fazem ser competentes em um

determinado trabalho, além de nos ligar a um grupo profissional organizado e sujeito a controle”. Entendemos que faz parte do processo de enxergar a docência como uma profissão que emancipa e transforma as pessoas menos dependentes, compreender quais são os conceitos básicos que envolvem esta profissão, pois, só assim, acreditamos ser possível preparar uma terra propícia para receber boas sementes e diálogos frutíferos.

As novas funções docentes, na verdade, não são tão novas assim, porque a profissão docente exige que este profissional esteja aberto às constantes transformações trazidas pela sociedade e pelas diferentes épocas do professor. Sob os nossos olhares, todas estas questões só podem de fato ser pensadas e vivenciadas a partir de uma formação docente gradual e continuada que priorize a escuta e o diálogo. Entendemos, assim, que a formação docente é bem mais do que atualizar-se. Ela transcende este aspecto, permitindo que as pessoas encontrem formas de refletir e dialogar para buscarem alternativas de convivência com as incertezas e transformações do contexto educativo.

Segundo Pimenta (2002, p. 178) “a profissão docente é uma prática social”. Deste modo, não é possível entender os meios pelos quais a educação caminha, sem antes compreender que a prática educativa é uma forma de intervir nas realidades”. Assim, o trabalho docente de professores de todos os níveis da educação deve ser problematizador e estar em interface com a inesgotabilidade da reflexão sobre o seu campo de atuação. A formação de um professor deve pressupor um caminho constante de pesquisas, estudos e envolvimento com a sua prática.

A educação e a profissão docente, por muito tempo, foram aceitas sem questionamentos. Quase que intocáveis, eram vivenciadas pelas pessoas que podiam, como uma espécie de privilégio e não de direito. Diversas universidades ainda formam professores que acreditam que a sua formação acontece apenas entre as paredes da Instituição

de Ensino Superior, quando, na verdade, é na escola, na sua prática docente que os seus saberes ganham valor e legitimidade. Pensar na formação docente é associá-la inevitavelmente à continuidade desse processo, uma vez que estamos em constante aprendizado, pois somos seres inacabados, como afirma Freire (1997, p. 58), e consideramos o reconhecimento desta condição como o caminho para conduzir com eficácia os saberes em todas as etapas da Educação Básica.

Ao tratar da formação docente, Nóvoa (2007, p.25) a relaciona a uma visão nomeada de *crítico reflexiva* e que permite fornecer “aos professores os meios de um pensamento autônomo, que facilite as dinâmicas de formação auto-participada”, ou seja, o professor reflexivo sabe utilizar a sua formação para gerar a mobilização de diversos saberes, por meio de atitudes transformadoras e significativas.

Precisamos reafirmar que “o processo de formação docente pressupõe construção social envolvendo crenças, valores, convicções profissionais e epistemológicas, que transcorre ao longo da vida, entre visões do futuro e necessidades profissionais” (NÓVOA, 1995, *apud* REIS, 2018, p. 4). O docente deve caminhar em busca de tornar-se um *professor reflexivo*, como designou Pimenta (2002, p.11), que nos ajuda assim a entender este profissional como “um intelectual em processo contínuo de formação”, deixando claro que a atitude de pesquisa do/a professor/a instrumentaliza os saberes pedagógicos e podem contribuir com sua prática.

O chão da escola é um local híbrido, mas com uma força capaz de gerar conhecimentos horizontais, entrelaçando formação docente e profissional, escola, alunos, famílias e comunidade. Diante dos percursos formativos dos professores, sempre será necessário procurar diferentes práticas e formas de repensar a educação. É um campo escoregado, mas também é lugar que confere legitimidade à formação continuada de professores.

Ainda segundo Nóvoa (2005, p. 117), “Não há soluções simples. Não há atalhos. A formação de professores é um campo de grande complexidade, nos planos acadêmicos, profissional e político. Sabemos o que é preciso fazer. Teremos coragem para fazer?” Essa indagação deixa claro que o papel do professor não é propor grandes planos para mudar completamente sua prática e o que está ao seu redor, mas sim estar atento a uma pesquisa colaborativa que permita a sua reinvenção a partir de ações que ele mesmo já desenvolve cotidianamente de forma colaborativa.

“O exercício da docência não se reduz à aplicação de modelos previamente estabelecidos, mas que, ao contrário, são construídos na prática dos sujeitos-professores historicamente situados” Pimenta (2002, p. 11). Assim, tampouco este trabalho se reduz a impor novas formas do docente ensinar, mas sim de propor uma investigação que parta do seu próprio exercício docente, trabalhando para alcançar um processo de construção e formação contínua de práticas e saberes em seu âmbito de atuação.

Nesta caminhada, é preciso repensar quem somos, o que cremos e para onde queremos ir, focando sempre numa dimensão educativa que lute contra a desigualdade, a favor de um trabalho coletivo onde uns colaboram com os outros para a concretização de um lugar comum. Ser docente envolve uma ética da ação e uma estreita relação com as áreas humanas e suas infinitas diversidades de tempos, métodos e espaços.

Presenciamos um momento que “exige” a saída de nós mesmos para enxergar outros pontos de vistas, ver o mundo através de outras lentes, propor ideias e diálogos que ecoem para a construção de sujeitos críticos, reflexivos e inventores, só assim poderemos entender que “o alvo da formação precisa ser o de construir e consolidar caminhos

que permitam a conquista, pelo professor, de autonomia nas dimensões social e pedagógica” (FREITAS, 2007 p.15).

Em consonância com estas questões, precisamos repensar sobre que tipo de formação queremos e esperamos dos professores de uma forma geral, e como abordar sobre uma formação profissional para este professor. São perguntas para quais as respostas são ousadas, mas não tendem a encerrar o assunto.

Neste caminho, a docência na etapa da Educação Infantil ainda é permeada por estigmas e estereótipos que insistem em considerar esta profissão como algo menor, sem valor, de pouco trabalho e prestígio. Ser docente da Educação Infantil exige refletir sobre o fazer pedagógico de forma que ele permita reconhecer a presença do encantamento e a ampliação mais expressiva de práticas lúdicas neste contexto.

Os espaços formativos para professores de crianças pequenas ainda trazem discussões que privilegiam a preparação de professores para o Ensino Fundamental, o que faz com que estes profissionais enxerguem a Educação Infantil como um espaço unicamente de escolarização, deixando as crianças desprovidas da necessidade do seu caráter lúdico e interdisciplinar.

Entretanto, embora este tipo de formação seja no momento o centro desta discussão é importante salientar que, durante muito tempo, a Educação Infantil no Brasil esteve apenas voltada para o cuidado das crianças e atenção às suas necessidades básicas, ou seja, uma educação que aglutinava um caráter assistencialista, como se a escola fosse uma extensão do lar (OLIVEIRA, 2002).

Discutir sobre a profissão docente do professor de Educação Infantil é propor um resgate das especificidades de uma prática problematizadora de questões que permitam aos docentes conhecer o significado do conhecimento do que vão ensinar, as especificidades e se as suas

aulas estão sendo momentos que permitam a formação de alunos mais humanos, emancipados leitores de si mesmos e do mundo.

Nessa capacidade de reflexividade do professor, é preciso também que ele pense na escola como lugar de parceria, que vai lhe permitir somar os seus saberes pedagógicos com os conteúdos que vai ensinar. E, neste campo, segundo Carvalho (1999, p. 2), “Para atuar significativamente junto à criança, concebida como sujeito interativo na elaboração de seu conhecimento, o professor deve constituir-se como um participante que constrói e reconstrói, na interação, o seu próprio conhecimento”. Desta forma, entende-se que a formação do professor de Educação Infantil se faz sobretudo na sua prática.

Desta forma, entendemos o amplo caminho que ainda precisa ser percorrido pelos(as) profissionais, especialmente com campo da Educação Infantil, bem como a comunidade e das escolas de uma forma geral, pois só a partir desta mobilização poderemos enxergar de forma consolidada a legitimação dos saberes docentes e a real importância de sua profissão.

E o que dizer do(a) docente pensar-se como contador(a) em contexto pandêmico?

“Oh, abre a porta gente, deixa a história entrar”

- Contar histórias na Educação Infantil em tempos de pandemia: possibilidades e desafios

Costumo falar que um contador não se faz com quatro, nem quarenta, nem quatrocentas horas de curso, e sim a cada história que ele conta, cada conto que recupera, a cada afeto que ele lança (BUSATO, 2017, p. 88).

O termo “contação de histórias” surgiu nas últimas décadas do séc. XX como um neologismo, uma nova forma de se dirigir ao ato de contar

histórias, segundo Busatto (2013, p.9). Para esta ação, nós podemos eleger dois termos: o contador de histórias tradicional e o contemporâneo. O primeiro diz respeito àquela pessoa que se torna contador de histórias dentro da sua comunidade, do seu grupo social, ouvindo, recontando e aprendendo com os mais velhos. Já a segunda definição diz respeito àquelas pessoas que enxergam na arte de contar histórias uma profissão e buscam estar em constante estudo e formação.

A narração de histórias é um movimento desafiador. Seja qual for o contexto, manter a conexão entre quem conta e quem ouve exige uma construção gradativa. Falamos de contação de histórias no contexto da sala de aula presencial, de uma escola presente em seu contato e calor humano. Mas não podemos deixar de aqui fazer referência à uma modalidade do ato de contar histórias que vem se caracterizando como a única opção para estes tempos de pandemia causada pelo vírus do COVID-19: o contar histórias através das telas e novas tecnologias.

Esta arte de contar vive, quem sabe, o seu maior tempo de transformação. Muitas inquietações vêm sendo levantadas por isso. Como transmitir a verdade, a conexão e aproximação que tanto se procura numa contação de histórias em que se está presencialmente diante de um público? Acolhendo! Não podemos deixar de refletir que as histórias são afeto, são mãos e braços estendidos, são presença! Independente de como o público tem acesso às histórias, elas chegam.

E isso só poderá acontecer se, de fato, nós quebrarmos os paradigmas existentes em nossa sociedade hoje. A narração de histórias é paisagem e nós podemos abrir muitas janelas nesta paisagem (MACHADO, 2004). Neste percurso, as histórias são como um sopro de vida. Existem narrativas que têm o poder de trazer ânimo às nossas almas e, assim como o vento, elas “espalham as sementes, conduzem as nuvens e desafiam os navegantes, às vezes limpam o ar, às vezes sujam, às vezes aproximam o que está distante e às vezes afastam” (GALEANO,

2016 p.15). A figura do contador de histórias em tempos de pandemia foi e está sendo indispensável para transitar por uma fase tão difícil na história da humanidade.

A crescente corrida tecnológica também fez com que esse contador de histórias contemporâneo surgisse como um *boom* na atualidade, especialmente em tempos de pandemia, onde as pessoas se viram “obrigadas” a enfrentar as telas para se comunicar uns com os outros. Estas duas figuras são imagens que implicam muitas diferenças, mas o objetivo sempre é o mesmo. Seja qual for o jeito escolhido para contar histórias, não se pode perder de vista o poder de encantamento, de ressignificar nossas experiências e dar formas às imagens que são construídas através da oralidade.

O(A) professor(a) que se enxerga como um contador de histórias tradicional encontrou esse ofício através das suas memórias, se deixando influenciar pela oralidade, possuindo duas questões principais neste processo: as potencialidades e capacidades do seu corpo e sua voz. Através disto, as histórias deste tipo de contador podem misturar o real e o maravilhoso, porque muitas das histórias que ele conta já foram vivenciadas por ele ou por alguém que ele ouviu contar.

Por isso, estes contadores trazem na memória um fio que liga as histórias até o coração, pois só contando com o coração e acreditando estar presente na narrativa que conta é que este contador consegue expressar sua arte, e é por meio dela que ele se sente vivo atravessando gerações e sendo guardião do tempo. Este período altamente tecnológico e conectado em temporeal em que vivemos tem mostrado também espaço para atuação destes contadores tradicionais, ou seja, aqueles(as) que foram formados pela escuta de histórias de pessoas mais velhas, que não frequentaram cursos, ou que fizeram inúmeras leituras, mas que foram inseridos na arte da palavra ao longo de sua

vida que começaram a utilizar essa ferramenta para transmitir ainda mais suas histórias.

Quando levamos aos ouvidos a frase: “eu sou um(a) contador(a) de histórias”, logo remetemos este ofício a uma pessoa que tem muitas experiências de vida, que é mais velha em termos de idade e, com isso, acreditamos que só o tempo é capaz de ensinar boas histórias. Mas, atualmente, estamos mudando de cenário e esta nova sociedade e configurações de espaço tem exigido e revelado cada vez mais pessoas que se profissionalizam como contadores de histórias através de cursos, oficinas e muitas leituras.

Busato (2013) nos ajuda a pensar a contação de histórias neste contexto tecnológico, dialogando sobre a grande transformação pela qual a arte de contar histórias passou quando no mundo criou-se a tecnologia da escrita:

Quando falar não foi mais suficiente para estar no mundo, quando a palavra deixou de ser uma vibração animada pela memória para tomar outros rumos e se fixar em matérias palpáveis, o homem começou a pensar em suportes e maneiras criativas para organizar esta aquisição: a escrita (BUSATO, p.88, 2013).

Assim como a descoberta da escrita causou grande impactos sobre as civilizações humanas, a inserção tão intensa da tecnologia sobre a arte de contar histórias também foi mediadora e responsável por grande abalos e reinvenções. Mas assim como entendemos a o surgimento da escrita não era uma ameaça ao poder da palavra, ao vivenciarmos esta nova conjuntura também compreendemos o quanto a tecnologia tem colaborado com a difusão desta arte, colaborando para o seu registro e tornando perene o que era efêmero (BUSATO, p.116, 2013).

Assim, a tecnologia tem possibilidade de encontrar situações que em muitas situações não seriam plausíveis de acontecer no modo presencial, entendemos que, a cada vez que uma pessoa conta histórias, ela está se inserindo num ato coletivo e social, que permite a materialização do que é dito por meio do poder da escuta. Tal como contar histórias de modo presencial, contar histórias por meio das telas, também não exige de quem conta uma “maneira mais adequada”, pois: “Quem conta um conto, aumenta um ponto”.

É importante integrar a esta discussão o fato de que já convivemos em um mundo cibernético muito tempo antes de imaginarmos passar por essa situação pandêmica, já víamos a tecnologia tomando o espaço de pessoas, as catracas dos ônibus sendo liberadas por cartões, que por sua vez também abrem portas e pagam contas.

Entretanto, nada foi vivenciado da forma como vemos acontecer atualmente, o medo, a tensão, as perdas nos levam a uma reflexão que em alguns momentos nos deixaram sem ação. O séc. XXI, sem dúvidas, faz com que a narração de histórias ganhe outra dimensão, ao ocupar o espaço cibernético (BUSATO, p. 97, 2013). Esta colcha de retalhos que foi sendo costurada com mouse, celulares, computadores, *wifis*, e outros suportes tecnológicos lançaram as narrativas recursos sofisticados para que se buscasse manter “a fogueira acesa”.

Estas tecnologias proporcionam outros desdobramentos para a arte de contar histórias, além de novas experiências, mas manteve algumas características que são essenciais a sua sobrevivência, por mais recursos que agora fosse possível obter, a voz que contava, intermediada pelas máquinas também precisavam encantar, afinal é esta a principal condição para que se conte bem uma história.

Entendemos que as telas filtraram e diminuíram a ação do contador de histórias aos pequenos detalhes que se tornaram focalizados especialmente na expressão do rosto: um piscar de olhos, sorrisos,

contração da testa. Neste sentido pensamos: como envolver o ouvinte para a recepção de um conto em um espaço tão pequeno, que geralmente não ultrapassa uma tela de 15 polegadas?

Busato (2013, p. 100) ainda nos faz refletir: “Como apresentar estas imagens sem perdera força que elas carregam, como no caso da voz que se materializa diante do ouvinte, por meio de um corpo que fala, que exala cheiro, temperatura e provoca sensações cinestésicas? Estas tantas inquietações também me tomaram em sobressalto, assim como tantos contadores de histórias acostumados com o “ ao vivo”, me vi nas histórias que contava reduzida a uma tela.

O que fiz? Conte! Com medos, angústias mas com uma vontade imensa de continuar contando. Para isso seguia alguns rituais que me ajudavam a adentrar na histórias e atrair o público que estava do outro lado da tela, meu percurso foi desta forma:

1. Antes de iniciar o momento de contação de histórias, eu propunha alguma brincadeira que instigava e atraía os ouvintes a narrativa, geralmente uma brincadeira cantada, que também passeava pelo universo das adivinhações, parlendas, movimentos corporais diversos;
2. Em seguida iniciava a narrativa, no modo presencial sempre abria espaço para ouvir as pessoas durante questionamentos que fazia sobre a narrativa, mas na modalidade remota, corria o risco de falhas no microfone, etc, então apostava em narrativas que eu pudesse ter um certo “ domínio” sobre a mesma, chamando-as para ouvir com a inserção de alguns objetos que as pudessem fazer adentrar ainda mais no universo da história;
3. Por fim finaliza com uma cantiga que tinha o objetivo que abrir novos portais, agora para ouvi-las sobre o que acharam, mais gostaram durante a escuta da história, etc.

Este percurso apresentado, muitas vezes saltava diante de mim como um “Saci endiabrado” fazendo com que alguns momentos de contações de histórias fossem mais desafiadores que outros, mas hoje enxergo que essas situações só acontecerão quando eu não enxerguei os ouvintes como coautores das histórias que contava.

O/a docente que conta histórias, seja qual for a modalidade, permite a tessitura de várias vozes na construção do seu processo pedagógico. Ele(a) enxerga cada pessoa com suas particularidades, com seus nomes e suas próprias narrativas. Um professor que conta histórias tem olhos que brilham, mãos que abrem portais e pés que direcionam para a escolha de caminhos que são luz e sombra para descanso. Este profissional assume a condição de “dobradiça”, que une, integra e abre fronteiras.

Contar histórias e desenvolver cada vez mais a capacidade imaginativa são algumas das ideias para “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019), neste sentido o poder da palavra nos ajuda a buscar outros mundos possíveis para nossa existência neste período de rupturas em que estamos vivendo. As narrativas contidas em nossas memórias e aquelas conhecidas pelo poder da oralidade, tem o poder de tocar a cada pessoa de forma única, convidando-os a possibilidade da expressão, da criação e da elaboração de um território- fantasia, capaz de coexistir em tempos de isolamento e convívio social.

As histórias sempre encontram “ brechas”, o contato com elas são um convite a vida e a tudo que podemos aprender nela, através da escuta, da brincadeira e da imaginação, podemos fazer-nos protagonistas, estendendo este grande fio para o entrelaçamento com outros. Se as histórias sobreviveram a condições hostis de surgimento dos primeiros homens a habitarem a terra quando nem possuíam ainda a plena capacidade de comunicação por meio da fala, sobrevoando a poeira do

tempo, também permanecerão firmes em nosso meio, mesmo quando esse período pandêmico acabar.

Especificidades da Educação Infantil - “Pom, pom, pom, quem será?”

As especificidades das quais buscaremos nos deter nesta seção são aquelas apoiadas pela Base Nacional Comum Curricular (2016) como os eixos estruturantes da Educação Infantil: as interações e as brincadeiras. Como vinculamos estes conceitos ao trabalho na Educação Infantil? Quais sujeitos os vivenciam? De que forma docentes e crianças podem vivenciá-las? Muitas são as inquietações que se misturam aos processos formativos desta etapa, entretanto acreditamos que devemos, primeiramente apresentar um breve conceito sobre os sujeitos que são os protagonistas deste processo: as crianças.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Esse sujeito, segundo, Ariés (1986, p. 24), nem sempre foi enxergado a partir destas concepções, em meados do século XVII, as crianças eram vistas com um sentimento superficial, de anonimato, que conferia a elas a condição de adultos “ em miniatura” e que logo poderiam ser substituídas. Só a partir do séc. XVIII, este cenário começa a mudar: com a consolidação da era moderna, as famílias demonstram

preocupação com o futuro daquele ser tão pequeno, mas, segundo Sarmiento (2005, p. 365) a imagem da criança passa a, de fato, ser vista de forma diferente do adulto, quando surgem as primeiras creches e pré-escolas.

Durante muitos anos, as creches e pré-escolas eram olhadas como lugares exclusivamente do cuidar, espaços que eram responsáveis pela higiene, segurança e cuidados básicos da criança. Porém, diversas pesquisas e autores afastaram a Educação Infantil da condição de assistencialismo, passando a conferir a este nível um maior grau de responsabilidade às suas ações e ao desenvolvimento integral das crianças.

Sobre a imagem da criança e a legitimação de seus direitos, Kramer (2008, p. 13) nos diz que: elas “têm uma história, pertencem a uma classe social, estabelecem relações segundo seu contexto de origem, têm uma linguagem, ocupam um espaço geográfico e são valorizadas de acordo com os padrões do seu contexto familiar e com a sua própria inserção nesse contexto”. Esse delinear sobre a concepção da criança, nos permite espaço para adentrar nas especificidades que esta seção pretende se debruçar que são aquelas apresentadas na BNCC (2016), em acordo com as DCNEI (2009) em seu Artigo 9º, que são “os eixos estruturantes das práticas pedagógicas: ” na Educação Infantil: interações e a brincadeira.

Segundo estes documentos estas experiências proporcionam as crianças o desenvolvimento de diversas habilidades, a socialização, o aprendizado e a apropriação de conhecimentos com os adultos e seus pares.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exem-

plo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BNCC, p. 40, 2017).

Tendo em vista estas características, a Educação Infantil é assegurada a partir de uma proposta em que as crianças se desenvolvem por meio de situações ativas e desafiadoras, capazes de auxiliá-las na construção de soluções diante de situações em que as mesmas se sintam provocadas e capaz de gerar significado “sobre si, os outros e o mundo social e natural” (BNCC, 2017).

No que se refere às vivências com a contação de histórias pelas vias da tradição, podemos associá-las, especificamente, a um dos campos de experiências propostos na BNCC (2017), a saber: Escuta, fala, pensamento e imaginação, como uma grande oportunidade de apresentar às crianças um novo olhar para o universo imaginativo e comunicativo em que elas transitam desde o seu nascimento. Nesse sentido, a BNCC (2017) ainda nos diz que:

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2017, p. 42).

A curiosidade, a inventividade e a capacidade exploratória é algo que a criança adquire desde o ventre materno, e é a porta de entrada para o desenvolvimento de várias habilidades como a leitura, a escrita, a socialização. O professor de crianças pequenas pode e deve utilizar diversos recursos para aproximar a criança do universo da tradição

oral por meio da contação de histórias, e entendemos que os eixos: interagir e brincar se caracterizam como recursos indispensáveis ao desenvolvimento de uma infância sadia e completa.

Engana-se quem pensa que, numa roda de contação de histórias, brincadeiras e/ou canções, a criança que está inquieta e em constante movimento não está atenta ao momento. Segundo Patrini (2005, p. 113) “o conto é uma ação provocada, programada...”. Desta forma, ainda que o corpo destas crianças não esteja “atento” aos padrões impostos, elas estão criando e construindo ações internas que irão culminar em eventos importantes numa determinada fase de suas vidas, refletir sobre isso e sobre como o docente pode conduzir os processos de aprendizagem de crianças da Educação Infantil por meio de interações e relações de construção coletiva é um dos pontos que este projeto procura se debruçar.

A natureza da ação docente na Educação Infantil possui várias interfaces, estando amparada em documentos oficiais como a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases (1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), o Estatuto da Criança e Adolescente (1990), além do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1988). Estes documentos, segundo os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (2006), são meios que norteiam e amparam legalmente o surgimento da Educação Infantil no Brasil.

Estes documentos discutem sobre formação docente, experiências a serem vivenciadas, etapas que se esperam que sejam cumpridas e respeitadas de acordo com a idade das crianças, entre outros aspectos importantes para a legitimação da área. Além destes, outro documento legal, como o intitulado Práticas Cotidianas na Educação Infantil (2009), também discute a importância desta etapa, ao afirmar que:

A função da educação infantil nas sociedades contemporâneas é a de possibilitar a vivência em comunidade, aprendendo a respeitar, a acolher e a celebrar a diversidade dos demais, a sair da percepção exclusiva do seu universo pessoal, assim como a ver o mundo a partir do olhar do outro e da compreensão de outros mundos sociais. (BRASIL, 2009, p. 45).

A citação acima evidencia as práticas que devem ser encontradas no campo da Educação Infantil, a interação que permite enxergar o outro na sua diversidade e reconhecer também neste processo a sua própria singularidade. A Educação Infantil é, pois, uma fase que complementa aqui o que ela já vivenciou ou vem vivenciando em casa ou outros espaços, “elas estão chegando ao mundo aprendendo a compreender seu corpo e suas ações, a interagir com diferentes parceiros e gradualmente se integrando com e na complexidade de sua(s) cultura(s) ao corporalizá-la(s)” (BRASIL, 2009, p. 46).

Enxergando a pluralidade da infância, entendemos que a oralidade também se faz presente desde o momento em que a criança se encontra no ventre materno. Lá, ela já ouvia o mundo de fora entoar cantos e histórias para a sua chegada. E, quando finalmente ela chega, traz consigo um sentimento de desconstrução, muitas vezes sinestésico, de enxergar o encantamento onde o adulto, em alguns momentos, não é capaz de encontrar. Neste sentido, trago o poeta Manoel de Barros, que traduz bem esse sentimento de infância e sua relação com o não sentido das coisas:

No descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo. O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele

delira. s - O verbo tem que pegar delírio (BARROS, 2001, p. 15).

Assim como Manoel de Barros (2001) fala de “delírios”, também acreditamos que a ação docente na Educação Infantil, por meio do imaginário popular, também deve ser. Delírios que permitam encontrar sons nas imagens, imagens nas palavras e palavras nas ações. Consideramos que enxergar o mundo e tudo o que nos rodeia com a lógica de uma criança poder ser o início de um processo de formação de professores que esteja sensível à constante pesquisa e reflexão sobre a prática e, para isso, muitas vezes é preciso dar alguns passos atrás, que podem nos remeter à nossa própria infância, para entender o sentido do trabalho docente com crianças pequenas.

Desta forma, a Educação Infantil, nas suas etapas de creche e pré-escola, deve ter como proposta o envolvimento das crianças, não só com outras crianças e adultos, mas também com situações que permitam a elas a construção de significados sobre elas mesmas e as manifestações que ocorrem no mundo em que vivem.

Acreditamos que esta interação pode ocorrer a partir de diversas ações, sobretudo aquelas que estão ligadas à oralidade, como brincadeiras cantadas, adivinhações, contos de narrativas tradicionais e outras atividades que permitam a criança desenvolver-se e solucionar problemas através da contação dos diversos gêneros orais.

Patrini (2005) nos diz que muito tempo ainda é perdido na Educação Infantil, tentando fazer com que as crianças aprendam a ler e escrever. Nesta perspectiva, a educação é vista unicamente como uma preparação para o Ensino Fundamental. Entendendo o papel da Educação Infantil e sua importância no desenvolvimento da criança, nos imbuímos da certeza de que ela não é uma etapa classificadora,

porque o mais importante é o processo pelo qual a criança vivencia e não o resultado do mesmo.

Esse investimento por parte de alguns docentes faz com que a oralidade e suas intenções sejam pouco percebidas e vivenciadas pelas crianças, e isso acontece justamente porque esse professor(a) tão dedicado ao seu ofício tem pouco conhecimento do quanto a sua prática pode ser mais ampliada e diversificada através dos gêneros orais e das narrativas tradicionais.

Por isso, acreditamos que a temática tratada nesta obra tem relevância, por demonstrar potencial para proporcionar aos professores desta etapa da Educação Básica caminhos e vivências que podem ser transformadas em experiências significativas, tanto ao serem apresentadas às crianças quanto ao serem compartilhadas em diversos encontros formativos de professores desta área.

CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES ENTRELAÇADOS COM O CAMPO TEÓRICO

Descortinamos então as palavras que são redes. Linhas que se cruzam e descruzam no fio da vida, que são levadas para os lados, para frente, para trás e em outras direções, evocando um bordado primordial: o de comunicar-se. Neste sentido, não existe linearidade, mas a experiência verdadeira do pulsar (LIMA, 2021).

A análise que apresentaremos a seguir será guiada a partir de um exercício posto por uma contadora de histórias que considera o “brincar com as palavras” um elemento essencial durante o conto. Essa brincadeira pressupõe leveza para encontrar o lugar que as histórias habitam e o compromisso com o que elas podem vir a dizer. Esta narra-

dora, que mais se enxerga como “escutadora”, segue procurando múltiplos olhares sobre os efeitos da palavra nas pessoas que a rodeiam.

Assim, as lentes que enxergo o que obtive através do questionário submetido às docentes me guiam diante de uma busca pujante e consciente dos estranhamentos alheios que me cercam, sobretudo quando me permito falar sobre as narrativas orais e a atuação de contadores de histórias no contexto da escola. Caminhamos por um território em busca de maiores explorações, que espera avidamente por pessoas que saibam articular, de forma coerente, imaginação e fantasia com dados empíricos e teorias consistentes.

Conduzidas pelas categorias apresentadas na introdução deste trabalho, trazemos à cena o horizonte posto a partir da observação atenta às falas das docentes identificadas pelos codinomes como Escuta, Encantamento, Imaginação, Poesia, Travessia, Portal, Olhar, Origem, Esconderijo, Esperança, Afago, Retalho e Alegria.

Para início de conversa, antes de adentrarmos nos objetivos deste texto, buscamos sondar de que forma os contos foram apresentados a esse coletivo de docentes, pois acreditamos que as suas práticas poderiam estar regadas pelas suas memórias antes e depois da formação para a docência.

Então, em busca de conhecermos mais sobre os gêneros da tradição oral que permeavam as memórias das docentes, questionamos as professoras se, em suas memórias de infância, elas lembravam de ter ouvido conto(s) partilhados por familiares ou outras pessoas do seu convívio, e se poderiam nos dizer quais foram.

Como respostas, observamos que 12 (doze) das 13 (treze) docentes registraram que vivenciaram a escuta de contos em suas infâncias. Dentre os contos descritos encontram-se:

Quadro 4 - Gêneros na Vida Docente

Contos	Docentes												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Os três porquinhos	x		x										
Chapeuzinho vermelho	x			x			x					x	x
A Bela e a Fera	x												
Branca de Neve e os sete anões	x						x	x				x	
Pinóquio	x												
A Bela Adormecida	x												
João e Maria	x				x								
Patinho Feio	x												
João e o pé de feijão	x				x								
Lobisomem	x												
Comadre Fulozinha	x												
Cinderela							x						
Cachinhos Dourados													x
Os três porquinhos							x					x	

Fonte: A autora (2021).

Conforme quadro acima, **Afago** nos relata ter ouvido “Contos, lendas e histórias antigas”. Embora não destaque quais, a sua fala revela

as aproximações com os gêneros da tradição oral, dentre eles o conto, objeto de nossa pesquisa. Mas uma questão pode ser levantada: estaria **Afago** se referido a quais contos? Seriam estes os contos de fadas? Poderíamos entender tais histórias como os contos populares, que carregam as memórias do povo?

Cascudo (2016, p. 5) nos diz que “A memória é a imaginação do povo, mantida e comunicável pela tradição”. Segundo este autor, tradição pode ser entendida como a “ciência do povo”, ou seja, sua comprovação está no que dizem as pessoas através dos acontecimentos do passado. É um passado que não está distante de nossa realidade, porque nos revela um tempo que também é nosso, tão nosso que reside em nós. Esta ciência tradicional secular é patrimônio defendido e guardado por um povo que enxerga “todas as idades e paragens do mundo” (CASCUDO, 2016, p. 25).

Prosseguindo a análise dos dados, observamos a fala de **Portal** que nos diz: “Não ouvi os (contos) tradicionais, só histórias antigas que minha avó contava”. Assim como na fala de **Afago**, **Portal** apresenta as “histórias antigas” como parte das suas memórias de infância, que não necessariamente podem ser considerados contos de tradição, podendo assim terem se configurado para esta docente como as histórias do lugar onde cresceu.

Frente ao que é dito, perguntamo-nos: o que poderia ter levado a docente a considerar que os contos que sua avó contava não seriam tradicionais? Do que tratavam as histórias antigas contadas pela avó que **Portal** considera não serem contos tradicionais? Esta avó, olhada com a lentes de Cascudo (2016), aparece como a “doutora do tempo”. O laço parental, portanto, opera como essa camada que envolve e insere nas tradições orais, mesmo que em um mundo fortemente marcado pela presença da escrita. As histórias antigas que uma avó contou também estão inseridas neste contexto e revelam o quanto

são importantes para perpetuar a arte da palavra e da oralidade no mundo.

Retomando a fala de **Afago** e ouvindo também a **Portal**, partilhando que a infância delas foi permeada pelas histórias antigas, entendemos que apenas podemos considerá-las como constituintes da Tradição Oral, se elas foram capazes de resistir as poeiras do tempo, tendo sido contadas e recontadas a outros no percurso infinito das histórias. Essa herança da qual todos nós, ao sermos socializados, passamos a possuí-los é uma “porção encantada” que nos é soprada pelos nossos ancestrais e vai ganhando cada vez mais força ao longo de nossa vida e, à medida em que crescemos, ela também se torna a nossa marca, nossa certidão.

Segundo Patrini (2017, p. 153), o conto tradicional “nasce de forma solene. Chega sem avisar. Parece às vezes atingir o sentido do sagrado”. Não podemos fechar ou definir neste momento o tipo de conto que foi compartilhado com essas docentes. Contudo, podemos compreender que a sua memória é permeada pela “porção do encantamento”.

Ao prosseguirmos com as falas das professoras ao compartilharem suas experiências como os gêneros orais, ouvimos **Escuta**, que nos indicou os contos que permearam a sua infância e adolescência: *Comadre Fulosinha*, *Lobisomem*. Estas lendas, segundo Colomer (2017, p. 135), citando Stith Thompson (1955-1959), apresentam relatos extraordinários que se contam como sucedidos em um lugar concreto e se vinculam, portanto, com um lugar, edifício ou acidente geográfico. Podem ser do tipo realista (uma guerra), maravilhoso (como a construção de uma ponte por parte do diabo) ou religioso, ou seja, estas histórias são tomadas como “verdadeiras” diante do contexto em que elas estão inseridas.

As docentes **Escuta**, **Poesia**, **Olhar**, **Retalho** e **Alegria** indicam o conto de fada *Chapeuzinho Vermelho* como gênero presente em suas

memórias e que mais foi apresentado pelas docentes no questionário analisado. Colomer (2017, p. 135), citando Stith Thompson (1955-1959), caracteriza tal gênero como um relato com elementos fantásticos, situado em um mundo irreal (ou, pelo menos sem localização determinada), de origem anônima e transmissão oral, no qual costumam aparecer personagens com poderes especiais, tais como fadas, ogros, bruxas, duendes, etc. Além disso, o conto de fadas carrega um princípio moralizante, como percebemos ainda na fala de **Poesia**, ao dizer que conto *Chapeuzinho Vermelho*: “deixa uma lição de vida para as crianças não desobedecerem aos pais e gostarem dos seus avós”.

Ao mapearmos as falas dos docentes acima, vemos que diferentes contos abraçam esses sujeitos e, embora alguns não tenham sido nominalmente definidos/classificados, os contos chegaram até elas como um compartilhamento de uma geração à outra, do imaginário transmitido à história da humanidade, do rastro, da herança durante os séculos. Nesse fio que se alonga, ocorre a propagação sob formas moventes, variáveis, recriadas ao infinito (MATOS, 2014, *apud*. GRIPARI, 1987).

De alguma forma as respostas acima, regadas de múltiplos olhares, ajudaram-nos a conhecer os gêneros acessados pelas docentes na infância e podem ser geradoras de olhares qualitativos/interpretativistas no que diz respeito à ligação entre as memórias e as práticas de cada mulher, que na atualidade é uma profissional da educação.

Aportadas neste cenário inicial, a partir do mapeamento mais amplo dos contos que povoam a memória das pessoas que participam deste trabalho, mergulhamos nos objetivos deste trabalho: investigar o papel dos contos de tradição oral na prática pedagógica de docentes atuantes na Educação Infantil, em busca de sondar os contos que as formaram e que fazem parte da prática docente; compreender os objetivos e estratégias para os usos dos contos no cotidiano da escola

e desenvolver estratégias formativas para realçar as contribuições dos contos de tradição oral no contexto da Educação Infantil.

Guiadas por esses objetivos, vejamos a seguir o fio que tece “os contos em cada canto”.

Contos na formação profissional - No fio das histórias, assim como no fio da vida, cada um tece o seu tapete...

Em busca de compreender se, durante a preparação para a profissão das docentes e em qual espaço formativo, os contos estiveram presentes, observamos o seguinte cenário:

Quadro 5 - Instâncias de Formação

Critérios	Docentes												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Formação continuada	X	x	x	x	x		x		x	x	x		X
Normal Médio				x		x					x	x	
Congresso											x		
Universidade					x		x	x	x		x		x
Curso de extensão/ Semana Universitária											x		

Fonte: A autora (2021).

Esse cenário nos revela que os espaços em que os contos chegaram de modo mais formal às docentes foram na Universidade (formação inicial) e em cursos de formações continuadas, indicadas por 10 (dez) das 13 (treze) docentes. Logo, vemos que os contos estão presentes nos cenários formativos das professoras, indicando que existe um intencionalidade em habilitar e/ou ampliar a formação profissional delas, que participaram deste trabalho.

Nessa direção, parece haver uma sintonia entre o vivido pelas docentes e o que apregoa o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 67), cuja orientação diz que deve haver: “Hora e lugar especialmente destinado à formação dos professores, com o objetivo de proporcionar o encontro para a troca de ideias sobre a prática, estudos, organização e planejamento da rotina, do tempo (RCNEI, 1998, p. 67)”.

A presença dos contos em formações continuadas, citadas pelas docentes, nos ajuda a refletir sobre o “fazer-saber” que são mobilizados nestes espaços. Sobre isto Tardif (2020, p. 21) nos diz que os saberes dos professores “não provêm de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional”. Diante disto, acreditamos que conhecer e discutir sobre os saberes inseridos na prática dos/as professores/as é de fundamental importância para saber mobilizar a presença dos contos tradicionais na sala de aula.

Tardif (2020, p.11) continua nos dizendo que:

O saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com

os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc.

Podemos relacionar este saber com as memórias que cada docente traz consigo durante o seu ofício docente. Falar de tradição oral é manter viva uma chama muito antiga, mas que serrenova a cada vez em que ela é contemplada e apresentada a outros. Entendemos, assim, a formação de docente como um importante espaço de costura, troca de experiências e conhecimento de novas práticas, em uma perspectiva que se assemelha ao ofício do artesão: processual, firme e pautada nos encontros entre os fios.

Esse fiar que permite aos/às educadores/as buscar os sentidos das palavras que os movem, é também instrumento para questionar a extensão educativa e formativa da arte de contar histórias em âmbito escolar. Formações que tratam sobre esta nova forma de enxergar as práticas educativas são tão urgentes quanto necessárias e gradativamente estão ocorrendo, a exemplo da formação que pude ministrar sobre o tema para as professoras de Educação Infantil do município de Nazaré da Mata, já relatada.

Falar sobre as narrativas tradicionais em formações docentes também é conhecer a natureza dos saberes que são produzidos a partir da diversidade, temporalidade e caráter social deste assunto. Assim como a arte de narrar, as formações docentes também expressam a vontade do encontro. Surge, então, uma nova relação entre os saberes que advêm das universidades e aqueles que saltam da prática cotidiana, da vida familiar e social, entre outros. Assim como os narradores tradicionais e contemporâneos, os professores não são meros transmissores de conteúdos e saberes, mas sim o elo entre os fios entrelaçados dos saberes.

Prosseguindo na análise das respostas das docentes, questionamos se os contos ouvidos na infância das professoras se faziam presentes na sua atual função profissional.

**Presença dos contos nas práticas pedagógicas -
“Tá tudo num balaio só, minha história e a tua
história, misturou foi tudo e deu um nó”**

Diante dos dados, observamos que 9 (nove) das 13 (treze) docentes afirmaram trabalhar atualmente com os contos de fadas, os contos fantásticos e o conto infantil e juvenil. Percebemos, neste sentido, uma predileção da maioria das docentes por contos já consolidados na herança cultural dos indivíduos inseridos em ambiente social: os clássicos da literatura universal, neste questionamento deixamos propomos receber as respostas de forma espontânea, de acordo com o entendimento de cada docente:

Quadro 6 - Gêneros na prática docente

Critérios	Docentes												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Conto de ficção científica (ex: Homem aranha).	X												
Conto infantil juvenil (ex: Alice no país das maravilhas).		X		x			X						X

- Conto fantástico (ex: O rei sapo etc. A mula sem cabeça etc)		X	X		X	X				X	X	
Conto de fadas (ex: A Bela adormecida).		X			X	X		X	X	X	X	X

Fonte: A autora (2021).

De forma qualitativa, vemos que **Encantamento, Imaginação, Travessia, Portal, Afago e Retalho** indicam que os contos fantásticos também compõem a sua prática. Estes são narrativas repletas de magia, de fantasia de ilusão e brincadeira, fora da lógica que conduz as coisas e as pessoas com uma constante precisão ao falar sobre eventos que parecem surreais, mas que podem perfeitamente ser narrados demonstrando a “realidade dos fatos”. Desta maneira, segundo Colomer (2017, p. 163)

O conto Alice no país das maravilhas do autor Lewis Carroll foi aquele que originou o gênero contos fantásticos: Carroll criou um autêntico relato literário no qual fundiu as fronteiras da realidade e da fantasia, misturou outros modelos narrativos como o *nonsense*¹² e a paródia das convenções sociais e incluiu inclusive a interrogação sobre a própria linguagem.

Estes contos revelam um espaço com o qual as crianças muito se identificam: animais que falam, objetos que se transformam em pessoas, porções mágicas que transformam pessoas em animais ou objetos, além do brincar e jogar com as palavras, construindo rimas e adivinhações que poderiam ser consideradas ridículas por outros adultos que desconhecem este poder. Desta forma, a escolha das docentes por

estes contos nos revela a importância de sempre contá-los para buscar desenvolver habilidades imaginativas e criadoras das crianças.

Este cenário nos apresenta atitudes que preferem a “busca do que está fora”, ou seja, estas docentes parecem não se voltar para a escolha e recolha de contos que fazem parte das memórias da própria cidade e dos povos que nele residem. Esta busca pode acontecer de fato quando identificamos essas experiências como manifestações dos contos. Tratar sobre o que já foi vivido pode ser um contexto potente para tornar presentes e pulsantes as narrativas tradicionais.

No contexto da vivência dos contos pelas docentes, buscamos investigar aqueles mais solicitados pelas crianças. 09 (nove) das 13 (treze) docentes nos revelaram que as narrativas mais solicitadas são os contos de fadas, tais como: *Chapeuzinho vermelho*, *Cachinhos dourados* e *Três Porquinhos*, por exemplo.

Quadro 7 - Contos solicitados pelas crianças

Critérios	Crianças												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Os três porquinhos	x						x		X				
Chapeuzinho Vermelho	x		x	x		x	x		X			x	
Fábulas		x								x			
Patinho feio		x											

Branca de Neve e os sete anões			x										
Lendas				x									
Contos de fadas							x						
Curupira										x			
Cachinhos dourados													x

Fonte: A autora (2021).

As docentes **Encantamento** e **Afago** destacaram os gêneros literários que seguem por uma narrativa em que pretende-se descobrir e celebrar a verdade, a fábula. São histórias antigas, datando do séc. VI a. C. Lacombe (2015) nos diz que as lendas espalhadas pela Grécia contam a história de um escravo chamado Esopo, um homem altamente criador e imaginativo, que inventou várias histórias para criticar a sociedade da época em que vivia, sem que pudesse ser castigado por isso.

Campos (2008, p. 5) afirma que “A fábula, vista como prática social é um gênero discursivo de tradição marcadamente oral que tem finalidades e públicos específicos”. As fábulas possuem um enredo atrativo para as crianças, mas se preocupam com um final arredondado, que mais procura ensinar do que gerar experiências estéticas. Entretanto, estas narrativas são importantes na infância, porque auxiliam no desenvolvimento da imaginação, da linguagem, permitindo que haja uma multiplicidade de interpretações a cada novo texto deste gênero apresentado.

As lendas e histórias do Curupira foram citadas por 02 (duas) das 13 (treze) professoras. **Portal** e **Afago** nos levam, talvez, a um dos territórios que mais se aproximem das características provenientes dos contos tradicionais. Essas narrativas nos trazem para o cotidiano, porque geralmente acontecem em lugares que nos aproximam daquilo que nos é familiar e seguro.. É uma mistura de fantasia e realidade que põe as pessoas diante de fatos inacreditáveis, surpreendentes e por vezes sobrenaturais.

Mas o que de fato são as lendas? Segundo Cascudo (1998, p. 5110), “De origem letrada, lenda, *legenda*, *legere*, possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processos etiológicos de informação. Para Lacombe (2015, p. 43), as lendas são:

Narrações escritas ou orais, de caráter maravilhoso, nas quais os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética. Às lendas atribui-se sempre um fundo de verdade, e elas são contadas por pessoas e transmitidas oralmente através dos tempos.

Percebemos, assim, que, a partir dos quadros apresentados, os contos mais escolhidos para serem apresentados pelos professores em sala de aula são os clássicos de fadas, tais como a *Bela Adormecida* e o conto da *Chapeuzinho Vermelho*, que, por sua vez, são aqueles mais pedidos pelas crianças.

O panorama dá indícios do papel e da influência das docentes sobre a escolha dos contos pelas crianças. A resposta das docentes ao questionário mostra que as crianças escolhem histórias do mesmo contexto das quais lhes são apresentadas. Estamos, portanto, distante de um cenário que nos aponta caminhos para propor estratégias de ampliação da vivência dos contos na formação continuada proposta por nós. Pro-

posta que dialogue com contos que explorem a pluralidade dos povos e o imaginário popular através da ancestralidade, por exemplo (LISBOA, 2015, p. 305).

Somos movidas pela compreensão de professores que compartilham histórias de tradição que “não apenas falam de mundos utópicos: eles são a parte vital na construção dessas utopias” (LISBOA, 2015, p. 308). Nesse sentido, não há distinção entre sonho e realidade, pois quando se imagina, não há fingimento, mas sim uma inteireza de quem vivencia a magia e as aventuras dos personagens, como se os/as ouvintes fossem eles próprios.

Não acredito, desta forma, que os clássicos contos de fadas ocidentais sejam as narrativas mais direcionadas para tratar da pluralidade de povos e da flexibilidade de olhares na infância. É preciso ampliar os cenários que procuramos apresentar às crianças, para que elas experimentem, investiguem e contemplem variadas possibilidades e pontos de vistas.

Desta forma, o trabalho com o gênero conto de tradição oral na infância é lugar de acolher não só o que somos, mas também aquilo que não queremos ser. Apresentar às crianças a dualidade do universo e a capacidade de cada uma de se perceber e se diluir em um mundo que se afasta das utilidades e se deixa ser guiado por narrativas onde não existe um único modo de ver as coisas, mas sim a tentativa de tornar presente a compreensão de todos os sujeitos envolvidos neste processo.

Uma vez que traçamos os contos presentes na prática docente e entendemos o movimento das escolhas das crianças, buscamos saber com que frequência os contos eram apresentados aos/às alunos/as pelas docentes.

Quadro síntese 8 - Frequência dos contos em sala de aula

Critérios	Docentes												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Diariamente	X		X	X			X		X				X
Alguns dias da semana		X			X	X				X	X	X	
Esporadicamente								X					
Quando as crianças pedem		X											
Quando há alguma demanda no planejamento													

Fonte: A autora (2021).

06 (seis) das 13 (treze) docentes relataram que incluem os contos diariamente em sua rotina. Por outro lado, outras 06 (seis) dizem que apresentam esse gênero aos seus/suas alunos/as em apenas em alguns dias da semana. Para Girardelo (2014, p. 56), “As professoras que contam histórias às crianças na escola todos os dias aparecem ali como as autoridades nesse campo, nesse caminho” (GIRARDELO, 2014, p. 69). Por isto, consideramos como parte vital do aprendizado e do desenvolvimento da experiência leitora e de escuta permitir que as crianças sejam envolvidas diariamente em situações de oralidade. Para o autor, “criar espaço para que isso ocorra é uma das funções básicas da narrativa na educação (GIRARDELO, 2014, p.69).

Nessa direção, vemos que **Escuta**, **Imaginação**, **Olhar** , **Esconderijo** e **Alegria** cumprem um importante papel, pois escolher contar ou promover condições para vivenciar diariamente a narração ou até mesmo a leitura de um conto, assim como outros gêneros, contribui espontaneamente para a formação do/a novos(as) leitores(as), escutadores(as) e até mesmo contadores(as) .

Ao construir os contornos que sustentam as falas das docentes nas perguntas anteriores, buscamos saber quais das histórias apresentadas por meio de narrativas as docentes já apresentaram ou apresentam com maior frequência em sua classe.

Quadro síntese 9 - Gêneros mais frequentes

Critérios	Docentes												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Narrativas de origem			X	X									
Mitos													
Lendas		X			X						X	X	
Fábulas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Contos de assombração													

Fonte: A autora (2021).

Todas as docentes escolheram a alternativa fábulas para representar a resposta deste questionamento. As falas nos chamam atenção, pois, como já vimos nas questões anteriores, elas são as histórias menos escolhidas pelas crianças para serem contadas e lidas pelas docentes. Sabemos que as fábulas têm como característica principal o tom moralizador. Elas ensinam e advertem sobre determinada situação e sobre o comportamento que devemos ter diante de determinada situação. É preciso, então, agir com bastante sensibilidade na escolha desse gênero e, sobretudo, de outras histórias, para que não se transfira a noção de que sempre deve haver um aprendizado ou algo para ser ensinado durante a presença dos demais contos.

É importante salientar que o perigo não está no fato das histórias ou contos ensinarem, porque todo conto ensina algo. Porém, quando se faz desta afirmativa a questão central do ato de contar, a narrativa perde seu caráter de ficção, de experiência, de escuta e passa a fazer parte de um universo utilitário, onde ela só existe como adorno.

Diante deste cenário, o que levaria essas docentes a não seguirem os desejos das crianças? O que esse contexto pode representar? Acreditamos que a todas as crianças devem ser apresentadas as histórias como se elas fossem banquetes, prontos para saciarem a fome de alguém, assim como em todos os banquetes. É necessário, portanto, que haja escuta e diversidade de alimento. Assim como nos diz Girardello (2014, p. 73),

É bom que a professora procure contar os mais diferentes tipos de histórias. Mitos indígenas e da antiguidade greco romana, clássicos da literatura, contos de fadas contemporâneos, fábulas... Além de ampliar o repertório cultural da turma, ela estará assim dando mais chances a que cada uma das crianças encontre uma história, em meio a tantas.

O fato de as professoras não escolherem as narrativas que mais são percebidas pelas crianças nos ajuda a refletir qual lugar é dado ao ato de escuta da infância na intenção de torná-la protagonista do processo em que está inserida.

Seguimos investigando as docentes e percebemos que **Encantamento, Travessia, Afago e Retalho** indicaram que as lendas são as histórias que mais apresentam às suas turmas. As lendas, portanto, parecem pouco presentes na prática das docentes. Devemos destacar que esse gênero possui uma riqueza nas estruturas de suas narrativas, não só as que estão espalhadas ao redor do mundo, mas, sobretudo, aquelas que fazem parte da nossa própria região, a do povo que reside na cidade de Nazaré da Mata - PE por exemplo, porque elas são marcos nascentes das memórias de um povo ou região. Esse olhar sobre o local contribui para exploração de uma fonte folclórica de riqueza inesgotável.

As narrativas de vida/origem estão presentes também na prática das docentes **Imaginação e Poesia**. Essa escolha parece refletir uma das orientações da Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 43) para a Educação Infantil (4 anos a 5 anos e 11 meses), para quem as narrativas de vida e de origem visam: 1- Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão e 2 - Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.

Ao trabalhar com esse gênero, as docentes podem estar colaborando para que o/a aluno/a possa se expressar “como sujeito dialógico, criativo e sensível, [com] suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens” (BNCC, 2017, p.57).

As narrativas fazem parte da vida das crianças e das próprias docentes. São um campo fértil para serem exploradas, pois partem de uma realidade em que a criança já conhece a vivência e, com isso, permitimos que haja um protagonismo da criança sobre as suas próprias histórias. As narrativas de origem, por sua vez, como o próprio nome já diz, referem-se à histórias que buscam explicar o surgimento do que já existe no mundo. Geralmente estão associadas aos mitos e lendas, por que utilizam também de situações que caminham entre a realidade e a fantasia. Como exemplo deste tipo de gênero, temos o conto indígena da lenda: “Como nasceram as estrelas”, que exemplifica o que por ora já apresentamos sobre as narrativas de origem. Este conto é uma releitura da escritora Clarisse Lispector, que está contida no livro “Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas” (2014).

Não vimos nas falas das docentes os mitos e os contos de assombração. Mattos (2013) faz um levantamento de uma das etapas mais significadas neste contexto dos contos populares, que são os mitos. De acordo com a autora, eles surgem no contexto pré-histórico, quando os homens acreditavam que existia “algo superior” para explicar os acontecimentos no mundo, havendo a necessidade de compreender de onde vinha o ser humano, para onde ele iria, o que estaria fazendo no mundo aqui. Segundo Matos (2013, p.67), “os mitos surgiram, pois, da necessidade de encontrar as respostas para estes questionamentos”.

Sobre os contos de assombração, Mattos (2009, p. 102) afirma que eles têm como maior finalidade:

Abrir-nos portas a mundos sombrios, sobrenaturais. E, em seguida, exorcizar-nos das criaturas estranhas que nos assombram e ameaçam. São uma riqueza, e as crianças sabem muito bem disso, pois adoram se assustar com eles.

Podemos inferir, a partir de tudo o que já foi aqui analisado, que as docentes não os escolhem, possivelmente, pela faixa etária das crianças que são seus alunos/as (4 e 5 anos). Contudo, Gomes e Moares (2013) nos afirmam que a sociedade atual vem cada vez mais se distanciando da morte.

Benjamin (1979, p. 64) afirma que “Morrer, durante a Era Moderna, é cada vez mais repellido do mundo perceptível dos vivos”. Estes contos, até hoje, são vistos com maus olhos na sociedade atual, pois “Eles podem traumatizar as criancinhas” (MATOS, 2009, p.39). Entretanto, acreditamos que, ao conhecer bem o conto e saber da sua real função, é possível compreender que a sua composição funde magia, realidade e assombração de forma a atrair ouvintes pelas nuances da oralidade.

Em busca de conhecermos melhor a natureza dos contos trabalhados pelas docentes, perguntamos a elas se os textos trabalhados em sala apresentavam um/a autor/a definido, as docentes nos apresentaram de forma espontânea as seguintes respostas:

Quadro síntese 10 - Natureza dos contos trabalhados pelas docentes

Respostas docentes	Docentes												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Contos de fadas e fábulas	X												
Nenhum		X											
Não lembro			X										

Charles Perrault				X									
A maioria é de tradição oral					X								
Ruth Rocha e Irmãos Grimm						X	X		X				
O patinho Feio								X					
Alguns são de tradição oral									X				
Livros paradidáticos										X			
Branca de neve											X	X	
Chapeuzinho Vermelho											X	X	
Os três Porquinhos											X	X	

Fonte: A autora (2021).

O quadro nos mostra que **Imaginação, Travessia, Olhar, Esconderijo, Esperança e Retalho** reconhecem que os contos não identificados estão no bojo da Tradição oral, o que nos revela uma percepção no mínimo margeadora de que tradição é tudo aquilo que se perpetua de geração a geração.

Nas falas das docentes, os autores indicados foram Charles Perrault, Ruth Rocha e os Irmãos Grimm. Dentre as citações, vemos títulos de narrativas, demonstrando, assim, uma possível incompreensão sobre o que foi solicitado na questão. Nossa pretensão ao questionar sobre a identificação dos contos foi a de ir de encontro do diálogo que geralmente escutamos quando começamos a estudar sobre as narrativas tradicionais: a de que elas não pertencem a ninguém ou a nenhum lugar.

Os contos tradicionais orais não possuem idade ou origem definida, mas nasceram em algum lugar e alguém os verbalizou pela primeira vez. É possível encontrá-los em povos, civilizações e lugares geograficamente distintos. Por possuírem autoria primeira desconhecida, as narrativas dos contos permitem que cada pessoa que conte imprima suas próprias nuances, afetos, olhares e se insira nesta grande trama. As pessoas pertencentes a determinadas etnias e grupos culturais contam o mesmo conto, porém com algumas distinções. Quem foi o primeiro deles a contar, não é possível saber.

Para seguir abrindo clareiras no bosque, questionamos se as docentes estabelecem algum critério para escolher os contos que vão contar ou ler para o grupo em algum momento.

Quadro síntese 11 - Critérios de Escolha

Critérios	Docentes												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Faixa etária	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X		X
Currículo	X			X		X					X	X	
Curiosidade do grupo-sala		X									X		
Escolha da temática		X									X		

Fonte: A autora (2021).

A partir do quadro, vemos que **Imaginação, Encantamento, Afago e Alegria**, 04 (quatro) das 13 (treze) docentes, indicaram que escolhem os contos, observando a faixa etária do grupo-sala.

A faixa etária das crianças e a escolha da temática representa uma das questões importantes no momento da escolha das histórias. Coelho (1999) afirma que existem alguns preceitos que devem ser observados, seja para história a ser contada ou lida. O autor indica a dimensão do interesse que predomina em cada fase do desenvolvimento infantil. Coelho (1999, p. 41) nos apresenta o seguinte cenário, observando o período escolar, a idade e o conteúdo das narrativas:

Quadro síntese 12 - Período escolar, idade e conteúdo das narrativas

Pré-escolares	Até 3 anos - fase pré-mágica	<ul style="list-style-type: none"> - Histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados); - Histórias de crianças; - Histórias de repetição e acumulativas (Dona baratinha, formiguinha e a neve etc); - Histórias de fadas.
	3 a 6 anos - fase mágica	<ul style="list-style-type: none"> - Histórias de fadas.
Escolares	7 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Histórias de crianças, animais e encantamento; - Aventuras no ambiente próximo: família e comunidade; - Histórias de fadas.
	8 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Histórias de fadas com enredos mais elaborados; - Histórias humorísticas.
	9 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Histórias de fadas; - Histórias vinculadas à realidade.
	10 anos em diante	<ul style="list-style-type: none"> - Aventuras, narrativas de viagens, explorações e invenções; - Fábulas, mitos, lendas.

Fonte: Coelho (1999, p.41).

Como as docentes participantes desta pesquisa são aquelas que atuam com crianças em fase pré-escolar, ou seja 4 e 5 anos, destaca-

mos a importância do primeiro quadro, em que as histórias selecionadas são aquelas que tratam do universo de fadas, bichos, natureza, acumulação.

Entretanto, entendemos que não há aqui uma receita para ser seguida, mas sim um direcionamento, especialmente para aquelas docentes que querem entender um pouco mais desta arte. As narrativas Tradicionais precisam ser provocadas, pois o enxergar vai mais além do que o olhar. Acreditamos que as histórias de tradição não conseguem se fazer presentes na escola e na formação das docentes se elas não forem, antes de tudo, conhecidas. Por isto, o quadro que Coelho (1999, p.16) nos traz não é uma “fórmula mágica”, mas um ponto de partida: “evidentemente, não há rigidez nessa classificação, pois cada criança cresce com seu ritmo próprio”.

A escolha das histórias, seguindo os critérios do currículo da educação infantil, foi destacada pelas docentes **Escuta, Poesia, Travessia, Portal, Afago e Retalho**. A Educação Infantil da cidade de Nazaré Mata, local onde estas docentes atuam, segundo dados fornecidos pela Secretaria de Educação do próprio município, segue as orientações do Currículo de Pernambuco (2018) em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (2017). A ausência de um currículo que esteja alinhado às demandas da própria cidade nos faz refletir como é importante a criação da identidade dos sujeitos que consomem e vivem os hábitos da cultura local. Isso só pode de fato acontecer se houver uma intensa e sólida relação entre a escola e a comunidade nos seus mais diversos aspectos.

O Currículo de Pernambuco (2018) salienta que todas as crianças devem aprender de modo que elas sejam inseridas em experiências que façam sentido para as elas. É possível estimular a participação das crianças de forma sensorial, corporal, oral, afetiva, cognitiva, entre outras situações capazes de desenvolver e proporcionar a presença de

diferentes linguagens na infância. Segundo o Caderno de Orientações para a Educação Infantil - Dialogando com o currículo de Pernambuco (2018, p. 8), Larrosa (2002) afirma que:

Experiência não é algo que se transmite, se vive. Experiências são aquelas que nos “atravessam” e sensibilizam, é aquilo que marca e transforma. Vivenciar experiências na Educação Infantil é reconhecer a imersão de práticas sociais e culturais significativas, promovendo aprendizagens que tenham sentido para as crianças.

Tanto a apresentação do Currículo de Pernambuco (2018) quanto a da Base Nacional Comum Curricular (2017), como fio condutor das práticas pedagógicas que guiam as docentes de Nazaré da Mata, segundo a Secretaria de Educação do município, apresentam-nos diversos gêneros que são indispensáveis para a aprendizagem e desenvolvimento integral de crianças em idade de pré-escola (4 e 5 anos). Destaque-se, ainda, a vivência com a cultura leitora e escrita, bem como os seus referidos textos orais, as artes, as brincadeiras, a linguagem corporal, entre outras.

Esta diversidade de experiências também pode culminar e ser observada durante o momento em que há uma contação de histórias. Nessa ação, é possível mobilizar diversas categorias importantes para que a criança explore o mundo e tudo o que a cerca.

Em nosso trabalho, foi possível ver que as professoras estão guiadas por estas práticas recomendadas nos documentos oficiais, ao observarmos, por exemplo, que **Escuta, Encantamento, Imaginação, Travessia, Olhar, Origem, Esconderijo, Afeto e Alegria** dizem considerar a faixa etária das crianças como critério para a seleção dos contos que serão apresentados. Essa escolha reflete uma preocupação

por parte das docentes para que a presença dos contos seja adequada à idade das crianças.

Encantamento e Afago indicam que o critério utilizado para escolher os contos está ligado a curiosidade do grupo/sala. Neste sentido, “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar...” (FREIRE, 2020, p. 85). A curiosidade gera, assim, a inquietação da nossa transividade no mundo e demonstra uma escolha importante, revelada nas respostas de **Encantamento e Afago**, pois quando oportunizam-se condições para tornar viva a curiosidade na infância, também se permite que o aprendizado seja pautado nas experiências e aconteça espontaneamente.

Com o cenário desenhado a respeito dos critérios de seleção dos gêneros, buscamos investigar as estratégias para a sua vivência junto ao grupo sala de cada docente.

Estratégias para a vivência dos contos - “O que eu tenho para a história e o que a história tem para mim”

Quando eu disser CRIC, vocês vão dizer CRAC quando eu disse MISTICRIC, vocês vão dizer MISTICRAC Quando eu disser DECLIC, vocês vão dizer DECLAC.

O ofício do contador de histórias, de Gislayne Mattos (2009)

Os fios do diálogo que nos foi permitido alinhar até aqui nos abrem clareiras para questionar às docentes se existe algum espaço específico, em sua sala, para a vivência dos contos. Apenas **Escuta, Imaginação e Poesia** disseram que reservam este espaço em suas salas de aula. As demais docentes relatam não haver um local específico para este momento. Estar atento às especificidades do espaço

onde o conto vai ser narrado é um capítulo importante para atrair a atenção dos/as ouvintes, na sala de aula. O que se espera é que se escolha um espaço em que não haja tantas “interferências” do meio, por exemplo, uma parede com muitos desenhos, cartazes, letras e outras informações provavelmente não irá ajudar a captar a atenção das crianças no momento da contação. É preciso então “um espaço neutro para que as imagens das crianças possam se projetar sem a interferência de elementos alheios à história (MACHADO, 2004, p. 78).

A preparação do espaço diz respeito à qualidade da história e do momento que o docente pode preparar. Todos os espaços são plausíveis para boas contações de histórias. Contudo, o/a professor/a conhecedor de sua turma saberá que essa configuração espacial, segundo Machado (2004, p.79), pode ser: “perto de uma janela aberta por onde entra a luz do sol, no canto, no meio da sala, embaixo de uma árvore, embaixo da mesa, só pra variar”.

Além de sondarmos a questão do espaço, investigamos qual a disposição corporal das crianças durante os momentos em que estão ouvindo/participando da história lida/contada.

Quadro síntese 13 - Disposição dos espaços de vivência dos contos

Critérios	Docentes		
	Escuta	Imaginação	Poesia
Cantinho da Leitura, roda de leitura/conversa, pois possibilita a visibilidade do/a aluno/a.	X		X
Cantinho da leitura		X	
Hora do conto			X

Fonte: A autora (2021).

O quadro acima revela que apenas as docentes **Escuta, Imaginação e Poesia** disseram reservar espaços para seus momentos de contação e leitura de histórias. A docente Escuta nos relata a “roda leitura” como uma organização que ela propõe aos seus/suas alunos/as. As rodas permitem que haja cumplicidade e protagonismo. Por mais que haja a mediação do/a docente, acontece nessa disposição uma “ciranda” onde todos podem dar as mãos para a construção de histórias que ouvem. Segundo Girardello (2014, p. 69),

As rodas de histórias incorporam a cultura da sala de aula, estabelecem nexos com outras práticas locais e universais semelhantes, ajudam as crianças a pensar sobre questões chave como “quem sou eu”, “de onde vim”, “que coisas têm valor na minha cultura” e “nas dos outros”.

Neste sentido, explorar um conto envolve muito mais do que apenas contá-lo, envolve também pensar sobre ele, deixando espaços e finais para que as próprias crianças possam decidir também o que fazer com eles. E, quando isso acontece, elas assumem o papel de autor de seus próprios pensamentos. Segundo Girardello (2014), a roda deve estar à serviço da temática dos contos e aqueles que são próprios do contar. Além de serem contos que favoreçam a atuação e a atenção da criança.

Após sabermos sobre o entendimento dessas docentes com relação aos espaços em que elas apresentam os contos ao seu grupo/sala e a disposição corporal das crianças ouvintes, caminhamos agora com a finalidade de saber sobre a prática destas docentes com relação à presença dos contos em sala de aula. Questionamos, então, se os contos que elas apresentam ou já apresentaram em sala de aula são em sua maioria lidos em voz alta ou contados com o auxílio da memória.

Quadro síntese 14 - Leitura e ou contação dos contos

Critérios	Docentes												
	Escuta	Encantamen	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Lidos em voz alta	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X
Contados com o auxílio da memória					X							X	

Fonte: A autora (2021).

Apenas **Travessia** e **Retalho** responderam que apresentam os contos às crianças semo auxílio de material escrito. As demais docentes disseram que vivenciam com seus alunos/as os contos com o apoio do livro, ou seja, fazendo a leitura. Acreditamos que o uso ou não do livro está claramente atrelado às diferenças entre ler e contar uma história/conto. A despeito dessas especificidades, Machado (2004) nos diz que tanto o ato de ler quanto o de contar são ações inseridas nas intenções que o contador deseja conferir. Em sua perspectiva, um não é melhor que o outro. Ler é importante para que haja a valorização do ato leitor, do reconhecimento do livro como um instrumento de aprendizagem, apreciação de ilustrações entre outros aspectos da cadência do texto.

Contar histórias, por sua vez, apoiando-se no que a memória pode nos oferecer, é “experimentar uma qualidade diferente de relação com a audiência, por meio da qual os olhos, mãos e gestos corporais do narrador encontram os olhos, as mãos e os gestos corporais da audiência (MACHADO, 2004, p. 78).

Apresentadas as características singularidades de cada um destes atos, podemos, então, nos perguntar: o que é melhor, ler ou contar? Machado (1994, p. 78) afirma que

Ler não é melhor do que contar “de boca”. Contar de boca não é melhor do que ler. Ambas as ações requerem a presença do narrador. Ler ou contar podem igualmente ser monótonas sequências de palavras que não produzem efeitos significativo na audiência, se a pessoa que conta não estiver presente na história, imprimindo vivacidade e veracidade a cadência da narração. Na escola é conveniente alterar essas duas situações de ler e contar para ampliar as possibilidades de escuta e aprendizado dos alunos.

Desta forma, entendemos que contar uma história “de boca” é tão significativo quando lê-la com apoio de um livro, pois enaltece o ato de aprender a escutar. O que percebemos, entretanto, após as respostas das docentes, é que, em sua maioria, elas preferem utilizar o livro ao apresentar os contos aos seus/suas alunos/as.

Essa realidade ainda é percebida na fala de muitas docentes da Mata Norte, por exemplo, dado que pude constatar no ano de 2018, ao perguntar, num contexto de Formações Continuidas para professoras do município de Nazaré da Mata, qual era a prática mais comum em seu cotidiano com o grupo-sala: ler ou contar. O grupo revelou que o apoio do suporte escrito transmitia mais segurança para que não houvesse perda ou esquecimento da história.

Contar histórias pareceu, nesse contexto, uma experiência distante e difícil de ser realizada. Acreditamos que a relação com as práticas variadas de vivência dos contos pode ser ampliada em um movimento de olhar para as histórias como um brinquedo, e brincar com ele com a mesma naturalidade com a qual as crianças brincam,

atentando, também, para os recursos dos quais se dispõe para a sua realização.

De acordo com Café (2020, p. 181) existem algumas técnicas que “se desenvolvem na perspectiva das possibilidades de conhecimento e ampliação da sua própria capacidade delidar com a linguagem de seu corpo e de seus recursos de comunicação”.

Busatto (2012) atrela a arte de narrar ao tripé: contador - conto - ouvinte. Neste sentido, todas as pessoas são capazes de narrar, seja qual for seu público. Todas os/as professores/as são capazes de contar uma história, mesmo diante das adversidades, e, por sua vez, todas as pessoas também são capazes de escutar, mesmo as crianças que ouvem uma história, andando de um lado ao outro da sala.

Cada conto chega ao ouvinte de uma forma única. Cada criança vai ter um entendimento sobre a narrativa que é só seu. É como se ela recebesse um mapa no momento da escuta e ao longo de sua vida fosse sendo direcionada para as decisões que realmente as importam. Essa dimensão plural é característica fundamental do conto tradicional, pois ele “apresenta um trajeto por meio do qual as pessoas vivem a aventura do que podem ser pela lembrança do que sempre foi” (MACHADO, 2004, p. 182).

Seguimos o trajeto, dessa vez questionando as docentes se elas utilizavam algum recurso prosódico durante os momentos de vivência dos contos. Vejamos o quadro síntese com as falas das participantes.

Quadro síntese 15 - Recursos multimodais da contação na vivência dos gêneros

Critérios	Docentes												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Recursos prosódicos (tom de voz, melodia, impostação etc).		x	x	x	x	x					x	x	x
Caracterização de roupas e acessórios	x					x	x		x		x		
Fantoches	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	
Projeção de imagens/vídeos	x	x					x		x		x		
Colagem de imagens relacionadas aos contos nas paredes ou Cadernos					x		x	x	x			x	
Outro(s)													

Fonte: A autora (2021).

Imaginação, Poesia, Travessia, Portal, Afago e Retalho disseram que utilizam recursos prosódicos, tais como: tom de voz, melodia, impostação etc., nos momentos de contação ou leitura de histórias. Entendemos estes recursos como importantes tanto para o contar quanto para o mediar histórias. Para Zumthor (1993, p. 241) “toda voz emana de um corpo que permanece visível e palpável enquanto ela é audí-

vel”. A voz é assim: uma ação do corpo, que se materializa enquanto falada.

A voz pode tocar, ela é uma parte do corpo, um órgão que possui suas funcionalidades e individualidades. Cada pessoa possui uma voz particular e ao mesmo tempo variada ao longo de nossas vidas, mas ela também depende de condições fisiológicas. Há pessoas que têm uma inata capacidade vocal de ampliação. Outras possuem uma voz mais aguda, “alguns narram com delicadeza e suavidade, outras lançam as palavras como um vulcão expelindo larvas, com força e energia (BUSATTO, 2012, p.88).

Entretanto, apesar destas individualidades corporais, todas as pessoas podem trabalhar para desenvolver uma voz mais clara e com boa dicção. Este trabalho depende de exercícios fonoaudiológicos, bem como o apoio de profissionais da área. O que precisamos saber de fato para um trabalho bem sucedido com arte da palavra é que:

a voz pode abrir as portas do imaginário e também fechá-las. Uma voz monótona ajuda a dormir(...), mudar a voz imitando os personagens quebra a monotonia, variar a tonalidade, abaixando-a ou levantando-a, falar lentamente ou acelerar o ritmo, dependendo da situação descrita na história. Tudo isso traz vida à narração (MATOS, 2009, p. 142).

Ao falar sobre a importância de uma voz bem articulada e clara no trabalho daqueles/as que têm a voz como a matéria prima, é importante estar atento ao elemento respiração. Este, por sua vez, é o recurso protagonista do/a professor/a contador/a de histórias, ou daqueles/as que usam sua voz com recorrência. Uma voz mais flexível, com boa entonação e capacidade de variação depende do entendimento de cada pessoa em saber respirar bem.

O que faz com que o som saia de nossa boca é a capacidade que temos de respirar. Existem muitas maneiras de assim fazer e cada uma delas auxilia o contador a entrar nas várias nuances que existem dentro de um mesmo conto. Por isso, segundo Café (2020), é preciso que o/a contador/a saiba respirar junto com a história. Mais do que junto, é preciso também respirar ela própria, assim como diz Machado (2004, p. 49): “se ele respira a história, todo mundo respira junto. A respiração suspende e sustenta o fio da narrativa acima e além do tempo, no instante em que as horas param”.

É isso que faz com que, diante das diferentes temáticas da narrativa, o/a ouvinte solte o ar sob uma prazerosa gargalhada ou quase perca seu fôlego diante de um momento da história que lhe cause medo, ou até mesmo precise respirar mais fundo sob a emoção de lembranças que revisitam sua memória. O/a professor/a que deseja atrair seus/suas alunos/as, assim como os contadores desejam com seu público, além de entender a voz como uma extensão de seu corpo, deve partir de ações que mais lhe deixem confortáveis para realizar: tocar um instrumento, cantar, apresentar uma adivinhação ou brincadeira com a palavra. Estas ações são a preparação da qual o cérebro precisa para receber bem a história.

Na minha prática como contadora, sempre início e finalizo uma contação de história através de uma canção ou de frases de abertura. Abaixo, apresento algumas delas, que me auxiliam na constituição do meu processo narrativo:

Oh abre a porta gente manda
a tristeza pra lá
Oh abre a porta gente
deixa a história entra

Esse menino vem também², e pra você que quiser ouvir,
sempre cabe mais alguém

No tempo em que os animais falavam...
Caminha hoje, caminha amanhã, de tanto caminhar se faz o caminho...

Tombei, tombei, tornei tombá, a história já
vai começar... (2x)

E pode até bater as mãos...e apode até bater os pés...

Vinde toda criança
Chegue mais minha senhora Meu senhor se
aprochegue, vai começar a história.
Era uma vez, eu vou contar, quem vai ouvir?
Vai começar...³

Quando eu disser sim,
você vão dizer não,
quando eu disser não
você vão dizer sim,
quando eu disser alto,
você vão dizer baixo,
quando eu disser baixo
você vão dizer alto (...)
quando eu disser história
você vão dizer agora
quando eu disser agora
você vão dizer história.⁴

Embarca meu povo,
embarca molha o pé, mas não molha a meia (2x)

2 A duas primeiras concções foram criada por mim. Costumo usá-la nós eventos de contação de histórias.

3 Música para abertura de histórias, de autoria da contadora de histórias Adélia Oliveira.

4 Conhecida como a "brincadeira do contrário".

Eu vim de outras terras contar histórias em terra alheia, (2x)
Eu convido a vocês abrir os ouvidos e o coração (2X) ⁵

Tá tudo num balaio só, tá tudo num balaio só,
Minha história e a tua história misturou foi tudo
e deu um nó (2x)

Essa menina, olha a história

Era uma vez, não se sabe onde, num lugar muito distante...
No fio da história como no fio da vida cada um tece o seu tapete...

O galo cantou e meu conto acabou...

Entrou por uma perna de pato, saiu por uma perna de pinto
e quem quiser, que me conte mais cinco...

Mesmo apesar de apresentar todas estas Encantatórias (fórmulas de abertura e finalização) “de histórias, o perigo de contá-las sem o auxílio do livro reside em achar que existe um “jeito certo” para praticar tal ação. De fato, contar uma história envolve um movimento de performance que deve ser preparado, estudado e antes vivenciado como ouvinte para o desenvolvimento das habilidades necessárias. Mas cada pessoa tenta encontrar a sua forma de contá-la. Por isso, não existe nenhuma “receita” para exercer esta ação. O que se deve entender, segundo Busatto (2012, p. 11), é que “Contar histórias pressupõe deixar de lado algumas técnicas pedagógicas aprendidas e ir em busca de algo que foi esquecido, e que permanece em algum lugar no nossoser”.

Aqueles que desejam buscar a arte da palavra como o principal combustível para seu trabalho pedagógico, encontram-se com o “escutador” de histórias que existe dentro si. E essa escuta pode passar

5 Releitura da música “Quem te ensinou a nadar”.

também pelo ato de ser um bom/boa leitor/a não só da palavra escrita, mas também do mundo, considerando que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2017, p.15).

Após conhecer sobre a percepção das docentes com relação à escolha dos usos da voz como um instrumento que deve ser bem preparado para a hora do conto, a importância da voz neste contexto, continuamos nossa caminhada, agora, na intenção de saber se as docentes se mobilizam por meio da caracterização com roupas e acessórios durante a exposição das narrativas.

Das 13 (treze) docentes, 04 (quatro) nos revelaram demandar uma atenção especial à indumentária que utilizam durante o conto. Este é um ponto questionado por aqueles que se aventuram na hora do conto e após adentrar de “pés descalços” no universo das narrativas tradicionais neste contexto. Este é um dos pontos em que os futuros contadores de histórias mais costumam se ancorar e dos quais mais frequentemente tenho²¹ ouvido no meu percurso formativo de contadora de histórias. Este se refere à necessidade ou não de uma roupa especial, acessórios ou figurino “adequado” para contar histórias.

O/a contador/a de histórias, segundo Medeiros (2015, p. 213), “é como um animador, no sentido de dar alma/vida a palavras e objetos”. Neste sentido, há uma tênue relação entre como ou o que o/a contador/a deve vestir em algumas situações e os territórios que a própria história deve habitar. O cuidado que sempre deve existir é aquele que passa pelas vias do exagero. Quando a indumentária chama mais atenção do que a própria narrativa, entra-se no campo da dramatização, do teatro, e este não é o lugar principal da palavra do contador. Assim, tudo o que for utilizado pelo/a contador/a em seu corpo e como a extensão dele devem lhe auxiliar no momento da história.

Café (2020, p. 247, *apud* Baird, 2004, p. 77) afirma que: Tanto faz o uso ou não de roupa especial, criar um personagem contador, estar de

cara limpa ou super maquiado, usar adereços como velas, pedras, pau-de-chuva, usar ou não cenário”. Neste sentido, o que realmente nos faz enxergar a história como uma substância viva é o fato de estarmos entregues a ela. Nesse sentido, Machado (2004, pg. 41) nos questiona: “o que eu tenho pra história e o que ela tem pra mim?”

Respondida internamente esta pergunta, saberemos que é no “osso da palavra” que a história faz sentido, buscando as suas raízes, escutando-a, primeiramente, e depois entendendo que contar histórias é uma arte e como tal não passa pelo caminho da objetividade. Assim, não existe o que possa ou não se possa fazer, por que se assim for deixa-se de habitar a liberdade criadora de cada ser que conta.

Entretanto, acolhemos a ideia de que cada espaço ou público específico ou até mesmo evento merece uma apresentação única e especial. Para isso, é necessária uma preparação que atravessa a nossa própria coletividade, deixando-se guiar por aquilo que acreditamos poder manter algum vínculo. Particularmente, eu adoto a ideia dos acessórios e roupas coloridas ou com um toque que é só meu e que não uso habitualmente, no dia-a-dia. Este é o meu ritual de entrada no mundo do encantamento, do qual todos/as podem fazer parte, se assim desejarem.

Além dos questionamentos em torno do uso de figurinos especialmente preparados para o ato de narrar ou mediar, 11 (onze) das 13 (treze) docentes nos disseram que utilizam o objeto fantoche durante a hora da apresentação do conto. Utilizar um objeto durante um conto é também uma escolha pessoal, assim como o uso ou não de figurinos especiais, mas o/a contador/a de histórias deve saber que, antes de se preocupar com tais elementos, o que ele/a deve realmente é conhecer e deixar ser habitado pela história que vai contar/ ler.

O uso do fantoche ou de objetos em geral (que também podem ser imaginários) deve ser guiado pelo objetivo do seu uso em uma narra-

tiva. Se eles forem inseridos através de um contexto em que não há harmonia com a estrutura narrativa, não existe, assim, a necessidade da sua presença durante o conto.

Vislumbramos o caminho que principia arte do contar ou nesse caso também ler/ mediar: o de que o/a contador/a de histórias é por excelência um animista, ou seja, ele faz com que as palavras e os objetos ganhem vida. Nesse sentido, percebemos que “a palavra narrada é como um braço que puxa o ouvinte para que ele possa viver, sentir, imaginar, perceber e saborear outras atmosferas que a palavra, em suas várias formas, pode proporcionar” (MEDEIROS, 2015p. 223).

Com relação aos usos de todas estas estratégias que podem ser mobilizadas durante o conto, Machado (2004) nos diz que “quando bem usados, são uma oportunidade de apreciação estética para a audiência”. Todos os recursos mobilizados devem, então, servir para levar contador e ouvintes para a substância viva da narrativa, ação esta que não encontra separações entre a magia das histórias e a própria realidade da vida.

Retomando a fala de nossas parceiras, vimos que **Escuta, Encantamento, Olhar, Esconderijo e Afago** nos dizem que recorrem à projeção de imagens/vídeos para apresentar os contos. As docentes **Travessia, Portal, Esconderijo, Afago e Retalho** nos dizem que também utilizam colagem de imagens. Os territórios da contação de histórias são diversos e, por isso, democráticos e acolhedores. Neles, cabem todas as pessoas e uma diversidade de estratégias. Busatto (2012) ao ofertar orientações sobre como o/a contador/a deve fazer para vivenciar a história. Afirma que deve ser feita da forma como a pessoa se sentir se sentir melhor, como, por exemplo, “sentado no meio das crianças”. Para Busatto (2012, p. 89) “Estas determinantes não alteram o resultado final”.

Contudo Busatto (2012) faz algumas indicações, que são a de, justamente, encontrar o campo que mais nos deixa confortável: narrar em pé ou sentado? Com figurino especial ou aquele que já tenho? Utilizar fantoches, imagens ou projeções de tela? Muitos são os caminhos e as respostas, e todas elas estão ao nosso alcance: quem melhor do que o/a contador/a (professor/a) para saber qual história vai cativar seu público (alunos/as)? A resposta é particular e determinada pelas demandas dos/as contadores/as.

Nesse movimento de como o conto chega em sala de aula, questionamos as docentes se elas já haviam convidado alguém da comunidade para partilhar alguma narrativa com as crianças de sua turma. 07 (sete) das 13 (treze) docentes nos disseram que sim e outras 06 (seis) nos disseram que não.

Poesia, Esperança e Afago receberam participantes externos, motivadas pela necessidade de ampliar a vivência de algum projeto/atividade escolar. **Escuta, Olhar e Esconderijo** forma motivadas pela necessidade de ampliar o conhecimento das crianças em relação aos contos que circulam na comunidade. **Escuta, Imaginação, Poesia, Olhar e Alegria**, por sua vez, nos disseram que buscaram praticar tal ação para inserir a comunidade na vivência da creche.

Consideramos que, nesse movimento, as docentes colaboram para a manutenção da presença e relevância dos contos na sociedade. O conto popular só deixará de existir quando não for mais narrado, essa é a sua única condição de sobrevivência. Essas narrativas que resistem na memória dos nossos/as velhos/as são o presente da nova geração para ajudar a perpetuar esta arte. Eles/as colaboram para a formação de novos/as contadores/as e escutadores/as de histórias e só podemos fazer isso se inserirmos as crianças em experiências que as permitam contemplar “do seu jeito” essa ancestralidade.

Cascudo (2004, p.13) nos diz que o conto “precisa ser velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado e seu conhecimento e persistente nos repertórios orais”. Destacamos desta frase as palavras: divulgado e persistente. Consideramos que é através da divulgação e da persistência nestes contos que emanam na cultura popular que é possível ajuda-los a permanecerem vivos e circulantes em nosso meio. Neste sentido, percebemos este caminhar na fala das docentes que relataram já terem convidado alguém da sua comunidade para contar histórias na sala de aula, justamente por este fato: o de manter vivo os conhecimentos que circulam na comunidade.

Segundo Machado (2004, p. 34), “A natureza fundamental da narração está na qualidade do encontro entre as pessoas”, em um revirado pelo avesso, onde os valores se invertem o tempo todo, onde as pessoas não têm mais tempo para narrar e encontrar outros e a si mesmo. É interessante que vivências como essas sejam desenvolvidas, sobretudo na infância, pois ela será capaz de promover um fortalecimento de vínculo com os mais velhos e, sobretudo, da escuta.

Continuamos nosso percurso. Agora em busca de saber mais detalhes sobre a ação de valorizar e de inserir as histórias da comunidade no ambiente escolar. Nessa direção, questionamos as docentes sobre as estratégias mobilizadas e as razões para levar a presença de um(a) contador(a) de histórias tradicionais/ da comunidade, na sala de aula, e percebemos por meio das respostas obtidas que as professoras consideram importante valorizar as narrativas do povo, de um lugar.

Quadro síntese 16 - Estratégias de recepção dos/as contadores/as da comunidade

Critérios	Docentes												
	Escuta	Encantamento	Imaginação	Poesia	Travessia	Portal	Olhar	Origem	Esconderijo	Esperança	Afago	Retalho	Alegria
Ampliar a vivência de algum projeto/ atividade escolar				x						x			x
Inserir a comunidade na vivência da creche	x		x	x			x		x				x
Curiosidade das crianças em relação a algum tema tratado pelo convidado													
Necessidade docente de ampliar o conhecimento das crianças em relação aos contos que circulam na comunidade.	x						x		x				
Outro(s)					x	x		x			x	x	

Fonte: A autora (2021).

Percebemos nas falas de **Escuta, Imaginação, Poesia, Alegria, Olhar e Esconderijo** que as instituições de ensino que até pouco tempo pareciam intocadas, com saberes engessados e tradicionais, agora

dão espaço à presença dos/as contadores/as de histórias, sobretudo a partir de duas vertentes: aqueles que estudaram os saberes escritos, que são pesquisadores/as e buscam conhecer mais sobre arte, que se assemelham a figura dos/as professores/as, bem como aqueles que não dispõem de grande conhecimento escrito, mas que trazem nas suas próprias andanças e experiências as histórias que contam, que aqui vemos com a figura dos mais velhos e também a comunidade extra escolar.

Walter Benjamin (1975), em seu texto “O narrador”, fala-nos sobre dois grupos que ajudam a concretizar a presença do/a narrador/a em nosso meio: o viajante, pois quem viaja tem muito que contar, diz o povo; e o camponês, pois é aquele que conhece sua terra, seu povo e o lugar que habita. Portanto, com isso, imagina o/a narrador/a como alguém que vem de longe, mas que também escutamos com prazer os sujeitos que não têm uma vida de viagem, mas que conhecem histórias e tradições. A partir desta diversidade, o tecido narrativo ganha cor, movimento e comprimento, se espalhando por onde existe vida humana e intenção de comunicação.

As narrativas que ouvimos ao longo de nossas vidas sempre foram uma construção entre o passado e presente. Não é à toa que a imagem do/a avô/avó que conta histórias para o/a neto/a perdura até hoje na memória de muitos adultos. Sabemos que as histórias que ouvimos ao longo de nossas vidas pertencem a muitas vozes. Estas vozes se replicam até hoje, especialmente na figura dos mais velhos.

Percebemos esse movimento nas falas das docentes **Imaginação, Olhar, Esconderijo, Alegria e Poesia**, ao convidarem um/a avô/avó de alunos da turma para conversar com o grupo sobre sua infância e suas histórias. Na farmácia da vida, existe história para todos os momentos e cada um de nós temos a nossa. Aquela que só nós sabemos contar “nos ensinam quem somos e por que somos o que somos” (MUNDURU-

KU, 2015, p. 24). Esse movimento se dá através da transcendência da “simples memória da pessoa para a memória coletiva” (COSTA, 2015, p. 30). Desta forma, entendemos que a cada história contada pelos velhos da nossa sociedade é presentificada de novo e desta maneira o fio que recobre o novelo da memória nunca se acaba.

Todas as questões acima foram itinerários para que pudéssemos nos preparar para ministrar formação continuada para as docentes e que serão apresentadas nas seções a seguir.

“CONTO EM CADA CANTO”: ENCONTROS FORMATIVOS

Dizemos que somos ricos do que o outro diz, mas somos pobres do que dizemos, porque o que dizemos não nos pertence mais, mas o que o outro diz nos enriquece (Françóis Moïse Bamba, 2012, p 9.)

Nesta seção visa apresentar os encaminhamentos e vivências da formação continuada, ampliando a sua inserção social. Antes de iniciarmos e de posse da análise do cenário observado no capítulo anterior, sondaremos junto à Secretaria de Educação de Nazaré da Mata quais temáticas perpassam a formação das docentes ofertada pela referida secretaria.

A equipe coordenadora da Educação Infantil nos informou que as professoras e auxiliares, bem como as supervisoras e coordenadoras da Educação Infantil contavam, antes da pandemia, com encontros presenciais 1(uma) vez por mês, no contraturno de seus horários de trabalho. Segundo informações, as formações envolviam também as docentes atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Durante

o período pandêmico, as formações ocorreram com menos frequência, equilibradas entres encontros síncronos, pela plataforma *Google Meet*, e assíncronos, pelo aplicativo *WhatsApp*.

No ano de 2019, os temas tratados nas formações continuadas foram os seguintes:

Quadro 17 - Temáticas Vivenciadas

Temáticas Vivenciadas	
A educação inclusiva para uma atuação crítica e Reflexiva com Base na Legislação Educacional e no Direito de Aprendizagem do Aluno;	Planejamento na Educação Infantil: Por que planejar?
Educar em tempo de inclusão;	Desenvolvimento Infantil: Qualidade de vida na Educação;
O fio do encantamento e o universo da contação de histórias;	Psicogênese da língua escrita;
Conhecendo o currículo da Educação Infantil de Pernambuco.	Orientações metodológicas do currículo de Pernambuco- Educação Infantil.

Fonte: Secretaria de Educação da cidade de Nazaré da Mata - 2020.

Conhecer mais sobre as temáticas dessas formações nos permitiu considerar que, no que se refere à etapa da Educação Infantil, muito ainda precisa ser estudado, refletido e ressignificado, principalmente no que diz respeito à prática pedagógica e seus percursos formativos. Contudo, é preciso reconhecer um olhar sensível e preocupado em relação ao grande potencial que faz morada no ato de contar histórias.

A formação intitulada “O fio do encantamento e o universo da contação de histórias”, vivenciada em 2019, por exemplo, foi ministrada por mim, autora deste texto, e teve por objetivo dialogar sobre a iniciação do contar histórias na formação de professores.

Equipadas com as ricas informações sobre as docentes e sobre as formações, organizamos as atividades de formação continuada *em* módulos, que aconteceram nos dias 23 e 24 de setembro de 2021, mas que terão continuidade ao longo do ano de 2022 de modo remoto, em um grupo de *WhatsApp* cuja função será disponibilizar material teórico e propostas de trabalhos com os contos de tradição oral, bem como escutar as demandas docentes e compartilhar suas produções.

Formação Continuada: relato de experiência

O que acontece quando alguém conta uma história, que efeito *é* esse que une as pessoas numa experiência singular? (MACHADO, 2002, p. 24).

Nesta seção, traremos a descrição da vivência do nosso terceiro objetivo, que compreende desenvolver estratégias formativas para realçar as contribuições dos contos de tradição oral no contexto da Educação Infantil. Organizamos as atividades, *a priori*, em 4 (quatro) módulos, que aconteceriam em datas previamente programadas, de acordo com as possibilidades oferecidas pela Secretaria de Educação do Município de Nazaré da Mata- PE, no segundo semestre de 2020, com continuidade e finalização do primeiro semestre de 2021. Entretanto, o cenário educativo sofreu grandes impactos em todo o mundo, causados pela pandemia do COVID-19. Por isso, ajustamos a estratégia para 2 (dois) encontros, que ocorreram nos dias 23 e 24 de setembro de 2021, no horário das 18h30 às 20h e de forma remota, pela plataforma *Google Meet*.

Organizamos a formação da seguinte forma:

Quadro 18 - Temáticas das formações realizadas

“UM CONTO EM CADA CANTO”: VIVÊNCIAS DE HISTÓRIAS DE TRADIÇÃO ORAL NA PRÁTICA DOCENTE	
Temática	Carga horária de encontro síncrono
Contando e encantando através da tradição oral vivências e propostas de ensino na Educação infantil	1h:30min
Na memória tem história: o que constitui os contos de tradição oral?	1h:30min

Fonte: A autora (2021).

As 2 (duas) etapas buscaram ampliar as possibilidades de vivências dos contos em sala de aula, tendo como fio condutor as memórias desses sujeitos em relação aos contos de tradição oral. A escolha de cada temática tratada, bem como todo o conteúdo vivenciado surgiram a partir das necessidades que nos foram apresentadas pelas docentes no questionário que os sujeitos responderam. Por meio das suas falas, foi possível entender quais caminhos seriam mais pertinentes seguirmos durante as nossas falas na formação.

A partir das experiências dos sujeitos, observamos dúvidas e inquietações sobre estratégias para vivenciar os contos em sala de aula. Pensando nisso, começamos a preparar o terreno que iríamos transitar nestes dois dias, apresentando as formações como uma etapa de nosso trabalho e externando meu desejo de aprender mais com cada docente que ali estava.

O primeiro dia de formação, ocorrido em 23 de setembro no horário das 18h30 às 20h, pela plataforma *Google Meet*, foi intitulado “Contando e encantando através da Tradição Oral: vivências e propostas de ensino na Educação Infantil”. Foi o primeiro contato em tempo real que tivemos com as docentes e membros da Secretaria de Educação do

Município de Nazaré da Mata, para, em conjunto, aprender e compartilhar mais sobre o objeto de estudo explorado nesta obra.

Para recepcionar a formação e as professoras que ali estavam, procurei adentrar com muito respeito e alegria no coração e nas memórias de cada uma, através de uma curta canção adaptada por mim e do ritmo da música “Tá caindo fulô”, do grupo *Banda Casa de Farinha*. Na ocasião, entoei: “Oh abre a porta gente, manda a tristeza pra lá, oh abre a porta gente deixa a história entrar” (FERREIRA, 2021). E, assim, após repetir algumas vezes de forma cantada esta frase, escutamos a fala de abertura da supervisora de Educação Infantil e do diretor de ensino do município, bem como também as boas vindas da professora orientadora da nossa investigação.

O diretor de ensino, bem como a supervisora de Educação Infantil do município de Nazaré externaram a sua alegria com a realização desta formação e desejaram que a mesma pudesse direcionar este trabalho para uma colheita de bons frutos, dizendo ainda que toda a equipe nos abraçava e acolhia durante este percurso.

Após estas falas iniciais, deixei claro que a tradição oral nos dá liberdade para adentrarmos neste caminho pelos portais que mais nos deixarem confortáveis para isso: escolha por onde você quer entrar, seja pela porta da frente, dos fundos, pelo telhado, pela janela ou, até mesmo, por aquela curta passagem de ar! (FERREIRA, 2021). Permitir que sejamos quem somos é um dos bordados primordiais da tradição, os contos, cantigas e todo universo oral em algum momento serão metáforas da vida e sobre o que é viver, nenhuma escolha é vazia:

Quando o ouvinte se identifica com determinado personagem de uma história e acaba por se colocar no lugar daquele papel, exercita sua alteridade, uma vez que pode entender o ponto de vista de outra pessoa, às vezes, contrário do seu ou quase sempre diferente. (CAFÉ, 2020, p. 24).

Este grande guarda-chuva que acolhe os eventos da tradição oral desperta o imaginário do povo, ensinando-os através do que julgam ser importantes para seus limites, costumes e tradições. Estas histórias “são ao mesmo tempo, a reinvenção do que se quer mudar e a preservação do que se quer manter” (CAFÉ, 2020, p. 24). Imbuídos deste sentimento, apresentei algumas respostas para a seguinte pergunta contida no formulário de inscrição de cada uma, que foi: O que você espera aprender nesta formação? “adquirir conhecimentos sobre os contos de Tradição Oral; novas experiências para trabalhar com a Educação Infantil; métodos novos para enriquecer minha formação; ampliar meu conhecimento com relação ao tema proposto; a contar e encantar”.

Recebi cada resposta com o desejo de lançá-las em outras terras, não seria para mim e sim para os territórios encantados das histórias que poderíamos construir a partir desta experiência tão diversa e plural, para dar prosseguimento a essa incrível aventura, questionei a mim mesma e as docentes: “Qual é a tua primeira história”?

Quando chegamos a este mundo, recebemos algo que é só nosso e foi constituído por meio de uma escolha, um desejo, uma situação que nos chamará durante toda a nossa vida. Ao lançar estes questionamentos, uma das docentes nos responde que nossa primeira história é a do nosso nome. Este nome que cada um de nós recebemos é a primeira narrativa que nos forma enquanto seres capazes de contar e escutar outras narrativas. Através disso, nos socializamos e podemos aprender na presença do outro, porque é esse “outro” que nos faz enxergar os pontos necessários nas passagens que as narrativas tradicionais fazem de geração para geração.

Por isso, propus a seguinte vivência para as docentes: solicitei que todas pudessem abrir os microfones e, no momento exato, todas dissessem seus nomes, ao mesmo tempo e com muita força. Na primeira tentativa, percebi a timidez das docentes que permeou um tom de voz

mais ameno. Em seguida, pedi que elas pudessem gritar com mais força. A partir desta experiência, abrimos espaço para adentrar no conto tradicional: *Tatê Calanquê Catacan Quixilá Calanquê*. Esta narrativa se tornou conhecida na voz da contadora de histórias Bia Bedran:

“Finalizei” a narrativa, ao entoar a frase: *Entrou pela porta e saiu pela janela e quem quiser que conte outra mais bela*”. Dizendo isso, perguntei às professoras se elas sentiram dificuldades em falar o nome que o menino recebeu e muitas disseram que sim. Nesse sentido, conversamos sobre a importância de contar histórias que incentivem as crianças a se sentirem desafiadas e, ao mesmo tempo, que as permitam brincar com as palavras.

O nome do personagem em maior evidência neste conto poderia também ser um ponto de partida para iniciar diversas vivências na escola, como, por exemplo, saber qual a origem do nome de cada criança e por que ele foi escolhido, brincar com trava línguas e outras palavras que juntas geram diversão ao serem faladas. A partir deste universo, a criança adentra no universo da tradição de forma espontânea, brincante e dotada de sentido, pois o nome é nosso primeiro chamado, enquanto pessoas pertencentes de um determinado grupo social.

Mas mesmo sabendo que nosso nome é a nossa primeira história no mundo, não podemos afirmar a sua origem exata, pois, assim como tudo o que envolve o ser humano e os seus “nascimentos”, sempre haverá encontros e desencontros em determinado momento do caminho. Por isso, entendemos que adentrar no tecido dos contos tradicionais é entender que, assim como eles, nós também temos um fio que não sabemos muito bem onde começa e onde termina.

Questionei, ainda, se existia “lugar e hora certa” para contar histórias em sala de aula, pois, a partir do questionário que as próprias docentes responderam na primeira etapa metodológica, percebemos que a maioria delas relatou não apresentar diariamente histórias em

suas salas de aulas. Entendemos que essa ausência demarcaria, então, um dos espaços por onde mais deveríamos caminhar na formação, uma vez que primeiro é necessário que se entenda a importância das histórias e do ato de contá-las como um princípio gerador de aprendizado e principalmente de experiências, para, assim, podermos falar também sobre as metáforas e necessidade dos contos tradicionais.

Para provocar estas docentes diante de todas as questões que já tinham sido discutidas e apresentadas até o momento, mostramos as docentes algumas perguntas e pedimos que as respondem internamente:

- a. Qual o som do teu olhar?
- b. Qual a imagem mais prazerosa da tua infância?
- c. Qual o cheiro do teu nome?
- d. Qual história veste o teu sorriso?
- e. Qual a pessoa que sopra mais encantamento em tua vida?

Após exibir também em formato essas perguntas, pedimos que as professoras pudessem responder apenas à pergunta “c”, que seria: qual o cheiro do teu nome? Percebemos que causamos um certo desconforto nas professoras, pois, mesmo solicitando que elas pudessem falar/digitar no chat, até o final da formação não obtivemos respostas.

Entendemos, assim, que as pessoas perderam a capacidade de brincar com a metáfora, os contos e certas perguntas que misturam os sentidos e nos fazem viver em um tempo de agora eu era” não são tão comuns no nosso dia-a-dia e podem nos impactar de tal forma que elas podem não nos permitir algum movimento.

O(a) contador(a) de histórias é uma pessoa que sempre procura estimular os seus ouvintes a criar e se recriar. Nesse processo, “narrar é colher os fatos da própria existência, transformando-os em experiência para os seus ouvintes” (PATRINI, 2005, p.105). Assim, durante todo este percurso formativo, procuramos oferecer às docentes novas

ferramentas neste contexto pandêmico que pudessem auxiliá-las em suas salas de aulas, além de buscar tornar o momento da formação mais dinâmico e plural.

Por isto, neste contexto, apresentamos a ferramenta *Word Cloud* (Nuvem de palavras). Por meio dela, fizemos a seguinte pergunta: Quais histórias representam as tuas raízes na cidade de Nazaré da Mata? Obtivemos as seguintes respostas: lendas urbanas; brincadeiras; mula-sem-cabeça; cantigas de rodas; cores; família; meus estudos; trabalho; amigos; conhecimento.

A palavra que apareceu com maior na fala das professoras foi *A mula sem cabeça*. Explicamos que as respostas que nos foram dadas são os meios pelos quais as docentes enxergam a sua aproximação com os contos ouvidos na zona da Mata Norte.

Entretanto, percebemos que, de todas as docentes na sala, 21 (vinte e uma), apenas 7 (sete) responderam à pergunta. Neste sentido, acreditamos que talvez a pergunta não tenha sido objetiva o suficiente, ou que até mesmo a questão central de ambas as perguntas esteja na capacidade do receptor de brincar de faz-de-conta, de deixar-se mergulhar profundamente nesta arte do encantado. Entretanto, resolvemos reformulá-la para: O que te contam os contos? Esse questionamento foi realizado no segundo dia de formação e perceberemos logo adiante uma pluralidade maior de respostas, uma vez que deixamos livres que elas nos dissessem as histórias que permearam toda a sua vida, desde a infância. Seguimos na formação, procurando ouvir as docentes sobre estas memórias. Questionei uma das docentes que já havia me contado fora deste contexto formativo sobre um “possível” encontro de sua mãe com a Comadre Fulosinha.

A docente nos relata o conto:

Esta história foi com minha mãe e minha avó. Elas moravam no Engenho Camarazal e lá tinha uma Mata. Naquela época, não tinha

fogão a gás, era fogão a lenha. Então, eles iam a pé com as vizinhas para a mata buscar lenha. Quando deu mais ou menos 4h30 para 17 h, elas perceberam que minha mãe não estava mais lá, ela havia se perdido, ficou andando em círculos e não encontrava o caminho. Nisso, minha avó com as outras vizinhas do engenho estavam procurando minha mãe, mas sem encontrar.

Minha mãe estava num sono profundo. Isso não foi mentira não, viu gente? Foi verdade. Minha mãe adormeceu em baixo de uma árvore e só foram encontrar ela no outro dia. Ela foi acordada em baixo de uma árvore. Tinha os cabelos longos e nele havia duas tranças bem apertadas. Isso sempre acontecia no engenho com minha avó, porque ela criava cavalos e sempre amanheciam o dia com as crinas do cavalo com nós e tranças. E ninguém conseguia desmanchar.

Naquele tempo, havia a Comadre Fulosinha. O povo escutava muito assobio. Eu mesma escutava muitos assobios na madrugada. E foi isso. Minha mãe só foi encontrada no outro dia com toda aquela mobilização. E encontraram ela dormindo com duas tranças. E minha avó, que era muito sábia naquele tempo, né, os antigos diziam que tinha que fazer como se fosse uma oferenda para Comadre Fulosinha. Então, ela levou uma cesta com fumo, cachimbo e deixou lá no lugar onde minha mãe tinha sido encontrada.

No outro dia, minha mãe acordou já em casa com os cabelos soltos. Ninguém conseguia desmanchar as tranças de tão apertadas. Era uma coisa que sempre acontecia no engenho. Era uma mata muito grande e, hoje, não acontece mais, porque é uma pedreira. Mas isso aí foi verdade. A gente pensa que isso é lenda, mas isso aconteceu!

Esta narrativa contada pela docente nos deixou encantadas, especialmente quando a docente afirma: *Isso não foi mentira não, viu gente?* Esse reencontro com a matéria do que é sagrado e misterioso para quem conta é fonte viva de experiências:

O poder de sedução do contador resulta da forma pela qual ele trabalha a sua matéria, o desconhecido, o simbólico, pois se refere não somente à vida dos homens, mas também à relação que esta vida estabelece com os poderes obscuros dos mistérios e da magia. Esta inspiração permanente em direção aos saber e ao domínio destes mistérios desperta nos homens a curiosidade e a imaginação criadora. Graças à cordialidade do contador, as vozes se unem para compartilhar experiências e dar vida à tradição (PATRINI, 2005, p. 133).

A fala da professora nos faz ter a certeza de que: os contos de tradição oral, ninguém pode desmentir, pois as gerações se encarregam que eles se tornem verdadeiros e reais, à medida em que vão sendo costurados em outros. A verdade destas narrativas está na resistência e permanência pelo tempo. Ao falar de narrativas, somos impulsionados a andar por vários terrenos. Um deles é a compreensão do que são contos e histórias.

Durante a realização deste trabalho, entender o conceito destas duas palavras foi de extrema importância, pois, ao começar a estudar mais sobre o universo da tradição, me deparei de forma mais precisa com a palavra conto. O conto falado é um tipo de gênero oral, que busca expressar-se por meio de um tempo “fora dele mesmo”. Neste sentido, falar em conto tradicional é se aproximar da matéria heterogênea que tem sua raiz fincada no povo. Ao falar em histórias, por sua vez, podemos pensá-las nas suas mais diversas modalidades, como histórias de vida, por exemplo, em conversa informal com a professora e contadora de histórias Luciene Souza, quando ela diz que todo conto é uma história, mas nem toda história pode ser um conto, esta discussão, entretanto já foi iniciada nos capítulos em que apresentamos as classificações dos contos orais na visão de Câmara Cascudo.

Neste contexto, os contos de autor são aqueles que têm autoria conhecida. Os contos de tradição oral, por sua vez, são aqueles em se desconhece essa autoria. Ao dizer que nem toda história pode ser um conto, pensamos na sua estrutura, ou seja, histórias que têm uma estruturamais direta, que é única e particular a cada pessoa, como, por exemplo: “Meu nome é Fernanda, tenho 31 anos, nasci em Recife, tenho duas filhas, sou professora...” são assim, características narrativas que nem todos possuem.

Neste sentido, caracterizamos os contos tradicionais como sendo um “ofício de narrador”. Utilizo a palavra ofício para adentrar no caminho do artesanato, pois contar uma história se assemelha ao trabalho manual de tecer fio por fio, de costurar as palavras nas histórias da vida. Neste sentido, Matos (2009, p.61) nos diz que:

O conto é como um ser humano: ele tem um esqueleto, a carne, as roupas, uma alma. O esqueleto é a estrutura do conto. Se você o modifica, você quebra o conto. A carne não é a mesma coisa. A carne é a cultura. Uma chinesa não anda como uma africana. Essa diferença existe no conto. As roupas são palavras que você utiliza. Para contar um conto chinês, é importante saber o que é a China. Você conta o conto indiano e sente que tem em sua boca e em suas palavras o sari. Mas há milhares de saris e você pode escolher entre eles. Essa escolha cabe inteiramente a você. A arte do contador está em sua maneira de vestir o conto. Em vez de rejeitar algo que possa parecer uma fraqueza do conto, por que foge do nosso entendimento, deveríamos buscar compreender que aí há alguma coisa da cultura do povo. A cultura é completamente transmitida no conto, encontra-se aí a alma de um povo.

Entendemos, então, que contar histórias é uma arte que cada um vai encontrar à sua maneira, à medida em que passa a conhecê-la. Não existe uma única forma e nem a mais adequada para contar his-

tórias. Existem técnicas que podem deixar o momento mais rico, mas, sobretudo, existem as histórias que nos escolhem antes mesmo de serem escolhidas por nós. Estes contos muitas vezes são metáforas da vida e podem nos deixar desconfortáveis em algum momento por falar de temas que geralmente julgamos “inapropriados para a infância”, como, por exemplo, a morte, a sexualidade, o preconceito. As narrativas ajudam as crianças a acessar o entendimento destes temas de forma sensível e artística.

Diante disto, apresentamos algumas fotos que indagavam as docentes sobre a descentralização das histórias europeias: por que não apresentar as crianças contos de fadas com princesas negras e indígenas? A alma, a carne e esqueleto apresentado por Matos (2009) são muitas vezes substituídos por versões reduzidas à mecanismos que sempre se encarregam de terminar com a frase: E foram felizes para sempre. Que alternativas estamos oferecendo as crianças para ajudá-las a enxergar que não existe uma história única e que é preciso em algum momento virar o outro lado do binóculo?

Se o conto de tradição não afeta, não incomoda e não nos tira do lugar que já estamos acostumados a estar, então ele não está cumprindo a sua função. Apresentar imagens de princesas que estão na mídia, como Elsa, Moana, Merida, e as clássicas Branca de Neve e Rapunzel, todas sendo negras, é incomodar alguns, é fazer pensar e ajudar outras crianças a se questionarem que existe outros mundos para além daquilo que os contos de fadas eurocentralizados nos apresentaram durante toda nossa vida.

Falar de representatividade negra nos abre espaço para falar também de outros povos que têm seu espaço apagado. Especialmente nestes últimos tempos, apresentar contos indígenas, amazônicos e de várias regiões do Brasil e do mundo é como oferecer um farto banquete às nossas crianças. Entretanto, antes de oferecer algo a alguém,

especialmente as crianças, precisamos conhecê-lo, estudá-lo e, até mesmo, prová-lo para nos certificar de que o seu conteúdo é de qualidade. Precisamos encontrar as raízes que nos habitam e impulsionam a executar o trabalho que já realizamos. Sobre estes contos com protagonistas negros, Busatto (2012, p. 38) nos diz que:

Ler e ouvir contos africanos nos coloca não apenas em contato com a oralidade, mas também com a maneira do africano ver o mundo. Estes contos possibilitam enxergar as etnias e suas diferenças, e constatar que a diversidade é saudável, amplia nossos conhecimentos e a nossa percepção diante do mundo. Auxilia a expansão da nossa consciência ética e estética.

Para enxergar este banquete farto que a tradição nos oferece, é preciso que, em algum momento, deixemos que as crianças que nós fomos peguem nas mãos das crianças que ensinamos. Precisamos libertar as crianças que nos habitam. E, para que isso aconteça, é necessário que saibamos brincar com elas. Por isso, propomos durante esta formação alguns momentos de práticas brincantes. A primeira delas foi uma cantiga em formato de trava língua, conhecida na tradição oral como: “O que que a Caca quer?” Convidei, então, uma professora e pedi para que ela repetisse cada frase que eu dissesse. A diversão foi garantida!

O que que a Caca quer?
A Caca quer Caqui!
Qual Caqui que a Caca quer?
A Caca quer qualquer Caqui!

A segunda brincadeira que propomos também no universo das cantigas tradicionais foi: “Macaco pisa o milho”. Como forma de brincar,

apresentei três variações: uma utilizando os dedos, outra utilizando as mãos fechando, e a última batendo os pés no chão:

Macaco pisa o milho, plo, plo, plo
No pilão da apucaia, plo,plo,plo
Ele pisa, ele cessa, plo, plo, plo,
Na barra da sua saia, plo,plo,plo

Seguimos, agora, apresentando uma brincadeira tradicional chamada “Pimenta, pipoca, pitanga e pipa”. Inicialmente, convidei mais uma professora para participar, cantei a música brincante e expliquei as partes que ela deveria responder: Caneta, Buchecha e a frase Pimenta, pipoca, pitanga e pipa:

Eu vou falar a letra, você vai repetir a letra (2x)

Pé de cana é:
CANETA

Pé de bucha é:
BUCHECHA

Vou cantar na tiririca:
PIMENTA, PIPOCA, PITANGA e PIPA

Após estes momentos brincantes, questionei as docentes: Ler ou narrar? Esta pergunta veio do limiar das respostas que obtivemos com o questionário que já havíamos aplicado com estas docentes e nele percebemos uma preferência maior do ato de ler o livro, apresentando suas ilustrações ou outro material escrito, do que propriamente contar histórias com o auxílio da memória. Não orientamos as docentes qual caminho deveria ser seguido, pois cada um deles depende das neces-

sidades pedagógicas e, até mesmo, do momento que a professora está vivenciando com os(as) alunos(as).

Mas deixamos claro que estas são ações diferentes e cada uma possui sua importância e especificidade. Por isso, perguntamos às docentes o que elas achavam disto e as convidamos a celebrar a desconfiância. Nesse sentido, apresentamos um quadro da autora Coelho (1999), que nos relata que tipo de histórias devemos escolher para crianças entre 3 e 6 anos de idade, devendo, assim, predominar histórias de bichos, repetição, acumulativas, etc.

Apresentamos neste contexto a importância de saber distinguir o que a história tem pra mim e o que eu tenho para história. Entender isso é de fato até mais importante do que a forma como a história vai se fazer presente na sala de aula, porque sabemos que os contos nos guiam pelos caminhos que precisamos. Nenhuma escolha é neutra. Todo conto também conta sobre nós mesmos. Questionamos, então, as docentes: qual a casa palavra destas histórias?

Elas que assumem tantos papéis diariamente: mães, professoras, filhas, estudantes, observadoras, qual abrigo damos a estas palavras, a estas histórias e por que devemos delas nos aproximar? Porque contar histórias nos une, mesmo quando estamos trilhando caminhos diferentes, para que possamos adentrar no lugar comum de quem conta e de quem escuta, celebrando a pluralidade de ser quem somos e dos diferentes papéis que assumimos diariamente. O narrador de histórias se coloca dentro do próprio conto: ***Eu tava lá, tinha até trazido um prato de doces pra vocês, mas na ladeira do escorrega, eu dei um tropeção e caiutudo no chão***". Se existe alguma "fórmula" para contar histórias, certamente é a que o considera o contador de histórias como alguém que conta "aquilo que viveu", mesmo que aos olhares e pensamentos alheios imaginativos não o tenha.

Neste sentido, encerrei este primeiro dia formativo, provocando as docentes a enxergarem a tradição oral também através daquilo que seus olhos físicos poderiam ver e suas mãos poderiam tocar. Fiz, então, a seguinte pergunta: Qual objeto te representa e conta a tua história? Solicitei que as professoras pudessem escolher um objeto que as ligasse às suas narrativas e memórias.

No segundo dia formativo, ocorrido em 24 de setembro das 18:30 às 20h, iniciei cantando uma música que falava de balaio, de mistura e de acolhida. Afinal, nas histórias sempre cabe quem quer escutar, fazendo, assim, com que quem conta e quem ouve partilhem do mesmo espaço à medida em que suas presenças são entrelaçadas pelo conto que é dito, que é narrado.

Foi nessa trama carregada pelo bordado do encantamento que abrimos esse balaio e de dentro dele saiu uma história que ouvi de uma grande contadora de histórias chamada Gilka Girardello em uma vivência formativa. Ela apresentou uma história oriunda da tradição oral de povos muito distantes, que não se sabia mais ou menos de onde. Então, comecei a contar esta história que iniciei assim:

Existia um lugar que era muito diferente daquele que vivemos hoje. Lá o céu era bem baixinho, mas tão baixinho que os adultos não conseguiam andar em pé, todos andavam encurvados olhando para o chão e por isso eles estavam sempre tropeçando uns nos outros e precisando de guias para irem aos seus afezeres. As únicas pessoas que podiam andar em pé naquele lugar vocês conseguem imaginar quais eram? Isso mesmo! As crianças”. Mas elas já estavam cansadas, coitadas, era uma trabalhadeira só ficar levando os adultos para todos os lugares. Então certo dia, quando os adultos estavam tirando um cochilo depois do almoço, uma das crianças resolveu fazer uma grande assembleia, chamou todas as outras crianças e logo falou: Isso não é vida gente, nós somos crianças, precisamos brincar mas não temos tempo

pra nada, por que estamos sempre a levar estes marmanjos para cima e para baixo, por isso eu tenho uma ideia: vamos todos pegar este pedaço de graveto e quando eu gritar 1,2,3,4 iaiô nós vamos levantar nossos pedaços de pau com muita força para ver se conseguimos fazer o céu subir mais um pouco, tanto tentaram que conseguiram, o céu foi empurrado pra cima. Os adultos quando acordaram, não conseguiram acreditar, eles agora não precisavam das crianças para guia-los por que já conseguiam andar em pé, desde esse dia então, esse povo conta que quando anoitece e as pessoas olham para o céu, elas sabem que cada pontinho de luz daquele foi um buraquinho que as crianças fizeram tentando empurrar o céu pra cima, e entendem a força que tem quando todos querer a mesma coisa, aomesmo tempo e todos juntos.

Ao finalizar este conto, comentei como muitas vezes queremos engessar nosso trabalhodocente durante a apresentação de uma história, fazendo com que as crianças sejam meros sujeitos passivos no processo de construção de conhecimento. É válido ressaltar que reconhecer a importância de respeitar a individualidade de cada criança é entender também que:

Contar é um costume ancestral que permite livre curso ao contador. Contar e ouvir é sempre uma aventura que provoca mudanças e que, eliminando as distâncias, encontra um pretexto para o reencontro e a troca de experiências (PATRINI, 2005, p. 107).

É preciso permitir que “as crianças empurrem o céu pra cima”, e encontrem por si mesmas os caminhos que desejam trilhar dentro do caminho que entendemos estar em consonância com os seus marcos de desenvolvimento. Propomos, então, que para encurtar as distâncias que nos ajudam a aproximarmos universos da infância, é preciso que nos deixemos conduzir pela criança que um dia fomos e que ainda

habita dentro de nós. Propus, então, uma brincadeira cantada, conhecida como: “Jogo do contrário”. Convidei uma docente para que pudesse responder o contrário de todas as palavras que eu dissesse. E ocorreu assim:

Vai começar a brincadeira preste muita atenção, quando eu disser que sim, você vai dizer que não: Sim, sim, sim...

Vai começar a brincadeira preste muita atenção, quando eu disser alto você vai dizer baixo: Alto, alto, alto...

Vai começar a brincadeira preste muita atenção, quando eu disser noite, vocês vão dizer dia: Dia, dia, dia...

Finalizada essa brincadeira, apresentamos outra logo em seguida chamada lavadeira. Perguntei se alguém já conhecia esta música e muitas disseram que sim e que as crianças adoravam essa vivência. Pedi, então, que elas providenciassem um pedaço de tecido, roupa qualquer que estivesse perto das mesmas e, ao ouvir a música, era necessário fazer os gestos que antes ensinei. E assim começamos:

O sol vem nascendo ali
Apareceu uma velhinha assim
Com a trouxa desse tamanho
E a água pequenininha
Lava, lava, lavadeira
Quanto mais lavar mais cheira
Bate, bate, lavadeira
Quanto mais bater mais cheira
Seca, seca, lavadeira
Quanto mais secar mais cheira
Dobra, dobra lavadeira,
Quanto mais dobrar mais cheira,
Passa, passa, lavadeira
Quanto mais
passar mais
cheira **Guarda,**

guarda,
lavadeira,
Quando mais
guardar mais
cheira

A cada vez que repetíamos a estrofe principal e, durante os refrões, fizemos o movimento pedido na música com as roupas/ tecidos que segurávamos. Pelo fato de sabão ser do universo da Tradição e até o momento da formação e de todas as brincadeiras apresentadas ser esta a que elas mais conheciam e participaram, dialoguei sobre como o universo da oralidade e o fato dos seus elementos tradicionais estarem mais próximos de nós do que imaginamos. Com muita naturalidade, conversamos também sobre como esta experiência poderia ser bem vivenciada tanto nas aulas presenciais quanto nas remotas.

Em seguida, abri espaço para que as docentes pudessem apresentar os objetos que haviam sido solicitados no dia anterior. Expliquei que a ideia de apresentar um objeto que contasse para elas uma história, que as representasse, de alguma forma também seria um passaporte para entrar no universo da tradição. A medida que temos contato com um objeto que representa o nosso passado ou que nos conta algo sobre nós mesmos, estamos falando de memória e, para cada um de nós, essa memória sempre se renova a cada vez que ela é acessada.

Apresentei também essa experiência de apresentação de objetos como uma estratégia interessante para ser vivenciada em sala de aula. À medida em que cada criança apresenta o seu objeto, nós a incentivamos a falar de si mesma e adentrar nos ainda pouco conhecidos campos da sua própria memória, despertando-a a partir de perguntas como: Quem lhe deu este objeto? O que você faz com ele? Qual(is) lugar você já o levou? Qual o nome deste objeto?

Diante disto, abri espaço para que as docentes apresentassem seu objeto, caso se sentissem confortáveis. Apenas duas docentes nos relataram suas escolhas. A primeira dela apresentou um ursinho de pelúcia e disse que ele não era um objeto do qual tinha muito tempo, porém representava para ela o direito de brincar:

Eu escolhi esse objeto por que ele me faz lembrar da minha infância. Quando eu era criança não me foi negado o direito de brincar. Eu brinquei de todas as brincadeiras possíveis e imagináveis. Na minha rua morava umas vinte crianças e todas as noites estávamos em frente as nossas casas brincando de roda, de passarás, ouvindo histórias e muitas outras brincadeiras. E quando eu vejo um brinquedo eu me lembro do quanto a minha infância foi feliz (Docente Encantamento, 2021).

A fala desta docente foi interessante para que pudéssemos refletir que tradição é também permitir que ela seja temperada a gosto da contemporaneidade, ou seja, à medida em que nós inferimos, refletimos e lançamos nossos sentimentos sobre um determinado objeto, história ela se torna tão viva e pulsante quanto um conto ou objeto que possui décadas, séculos de existência. O objeto não precisa ser velho em idade, mas nesse sentido tem a função de representar alguma sensação que já nos habita. A partir disso, continuei provocando as docentes. E a próxima nos apresenta os seus anéis como objeto que a representa, dizendo:

Esses anéis também representam a minha infância, por que eu brincava muito de passa anel, também brincava de salada de frutas, barra bandeira, eu gostava muito, foi um período muito bom pra mim e esses anéis representaram isso (Docente Sorriso, 2021).

Durante a fala desta professora, eu também acessei algumas memórias de minha juventude: há mais de 15 anos, eu participava de um grupo de jovens em uma congregação que também atendia a Educação Infantil. Certo dia, eu, com então 14 anos, fui convidada pela religiosa do local a auxiliar uma professora com uma turma de mais ou menos 3 anos. Foi o primeiro contato que pude ter com uma instituição escolar e o universo da infância. Lembrei-me do quanto aquela situação ficou adormecida em mim todos estes anos e só foi despertada ao ouvir a voz daquela professora, pois justamente ela foi a docente que “tentei” auxiliar naquele dia.

Ao dizer isso naquele momento, a professora disse não se lembrar, mas que era encantada pelo trabalho que eu realizava na cidade. De forma particular, foi uma grande satisfação acessar as minhas primeiras raízes com o universo da infância dentro da escola. De todas as docentes presentes (mais de vinte), apenas duas se sentiram à vontade para apresentar seus objetos e compartilhar suas experiências. E foi justamente a professora que me fez rememorar essa lembrança dentre todas a que se sentiu à vontade para falar. Não acredito em coincidências, mas no poder das histórias que nos fazem entrar pelos portais que são necessários à nossa sobrevivência no mundo e com o mundo.

Para falar da importância deste momento, cito uma frase do poeta Manoel de Barros que diz: *“O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. Precisamos transver o mundo”*. À medida que proporcionamos uma experiência dessa em sala de aula, permitimos também que os alunos contemplem os objetos dos outros amigos e, a partir destas imagens, eles construam movimentos imaginativos e acessem espaços que vão além dos muros das escolas. E por que isso é importante?

Não estamos desvalidando a importância da escola, mas sim apresentando um argumento que pode ajudar estas professoras a enxergar no próprio conhecimento de si mesmas e de vida das crianças um es-

paço para a construção de outros. Neste sentido, Girardello (2014, p. 22) nos diz que: “Para inventar clareiras narrativas na sala de aula, é preciso antes cultivar o papel das histórias em nossa vida adulta, e a memória compõe o chão de que ele brota”. Estes objetos seriam, assim, uma estratégia interessante para propor um revisitamento destas memórias.

Esses conhecimentos só podem ser construídos na presença do outro. E essa presença implica encontro. Contar histórias é a arte do encontro. Neste momento, contei uma história que conheci através de um grupo de contadores de histórias, chamado “*Arte despertar*”. Ao ouvir esta história da tradição oral intitulada de encontro, questionei às docentes: qual seria a pior coisa que poderia acontecer ao ser humano? A pergunta, acredito eu, foi impactante e não obtivemos respostas. Sendo assim, apresentei o seguinte conto:

O mestre, o aprendize o fruto

Certa vez, os ancestrais perguntavam qual seria a pior coisa que poderia acontecer ao ser humano. Rapidamente responderam: a doença. Todos concordaram. Afinal de contas, quando ficavam doentes, não conseguiam se levantar. Mas pensaram um pouco e perceberam que não era a doença e sim, a morte a pior coisa que poderia acontecer ao ser humano, depois de um tempo refletiram, para a morte havia a ressurreição. Então continuaram a pensar, a pensar, a pensar, a pensar, até que finalmente disseram: A pior coisa que poderia acontecer ao ser humano seria a ignorância. E começaram a pesquisar para descobrir qual era o ser humano mais ignorante de todos. E depois de muito e muito pesquisar, chegaram a uma conclusão. O ser mais ignorante de todos era aquele que não foi ao encontro do

Esse encontro, que é uma das matérias fundamentais para a constituição do contador de histórias, nos diz que não existe história que venha sozinha, todas elas carregam consigo a legião de pessoas que já

a contaram antes de quem a conta hoje. É isso que faz com que pensemos: Esta história é igual àquela, mas bem diferente! Neste contexto, solucionamos problemas e apresentamos novas alternativas e novos caminhos pelos quais podemos seguir. Mas, para que cheguemos à essa conclusão, eu questionei as docentes: as histórias precisam de contexto para serem contadas?

No âmbito da escola, em algum momento, já esbarramos nas histórias que são contadas apenas quando diante de nós é posto algum comportamento desafiador, histórias para crianças que sentem saudades dos pais, histórias para crianças que ainda usam fraldas, histórias para que as crianças não sejam agressivas...É como se as histórias só tivessem função, porque contêm uma “ fórmula mágica”, capaz de resolver todas as adversidades do mundo.

Neste sentido, dialogamos que contar histórias é uma arte e, como tal não precisa de motivos para acontecer, sabemos que as histórias também ensinam. Não descartamos este fato, mas quando a contamos apenas com um sentido de utilidade ela perde a sua função estética e primordial: promover a capacidade de ouvir e de encontrar-se com o outro e consigo mesmo (a). Por isso, olhar para dentro de si mesmo e fazer deste mergulho as nossas próprias histórias é tão importante para enxergar neste contexto que “As histórias da humanidade foram e continuam sendo construídas entre o novo e o velho, entre o absurdo e a realidade e a fantasia, polaridades que alimentam a criatividade humana e podem ser percebidas de diversas formas” (CAFÉ, 2020, p . 133).

Seguindo neste segundo dia formativo, apresentei mais um conto, que agora que foi baseado no diálogo anterior que tivemos sobre os pretextos para contar histórias. Este que foi uma narrativa da tradição oral que conheci no livro: “Uma história e uma história e uma

história”, das autoras Ana Gibson e Julia Franklin (2019). Pedi que as docentes cantassem comigo a canção:

Embarca meu povo
embarca.

Molha o pé mas não molha a meia
Eu vim de outras terras, contar histórias em terra alheia 2x
Eu convido a você abrir os ouvidos e o coração 2x

Logo em seguida, trouxe para esse balaio a narrativa tradicional:

Um após o outro. Os dias seguiam-se no mais profundo silêncio. Uns dedicavam-se à arte da tapeçaria, outros giravam em harmonia com o universo, uns meditavam por horas a fio, outros se concentravam nas orações. Cada gesto nascia da intenção de manter o pensamento no mesmo passo dos pés, ligar o céu à terra, o corpo ao espírito. Assim era a rotina daqueles que buscavam a compreensão da verdade. Apenas ao escurecer, o silêncio era rompido, quando o mestre reunia os seus discípulos e, em roda, contava-lhes uma história. Numa noite, um dos discípulos indagou: - Não entendo suas palavras, mestre. Por que nunca nos explica o significado das suas histórias? - Peço desculpa. Em troca, gostaria de lhe ofertar um pêssego. Aceita? O discípulo, comovido e grato, aceitou. Como prova do meu afeto, posso descascar o pêssego para você? O discípulo, honrado, fez que sim com a cabeça. - Já que tenho uma faca em minhas mãos, posso cortar o pêssego em pedaços menores. Não me custa nada e será mais fácil comê-lo assim. É do seu agrado? O rapaz sorriu. - Não quero abusar da sua generosidade, mestre querido. - Absolutamente. Permita-me mastigar os pedaços do pêssego antes de entregá-los? O discípulo ficou mudo por alguns segundos. Acabou respondendo que não, melhor seria se ele mesmo masti-

gasse. O mestre colocou o pêsego ainda inteiro na mão do discípulo:
- Explicar o sentido dos contos é dar de presente uma fruta mastigada. Desde então, ao cair da noite, quando o silêncio é rompido pela voz do mestre, o discípulo saboreia cada palavra e deixa o mel das histórias pouco a pouco despertar-lhe os sentidos.

A partir desta narrativa, buscamos propor um desfecho coerente para aquelas docentes que olham para os contos apenas com um sentido utilitário, buscando apresentar que eles podem ser trabalhados a partir de conceitos que buscam ensinar alguma proposta, mas sabendo que esta ação não deve guiar o processo do professor que conta, pois os contos transcendem o olhar pedagógico:

Ao trazermos para a sala de aula histórias de outros povos, não estaremos apenas contribuindo para que a diversidade cultural se torne um fato, mas também apresentando a criança a oportunidade de conhecer aquele povo através do olhar poético que ele lança para a sua realidade (BUSATO, 2012, p. 38).

Assim, busquei dialogar a partir disto que estamos vivenciando uma fase árida, onde tudo acontece de forma instantânea, onde as experiências são vazias de significados. Apresentar contos como uma vivência que estimule os sentidos a partir de nossa existência no mundo é vital para continuarmos seguindo nesse mundo pós-pandemia. Afinal, “nós como educadores devemos estar cientes da urgência em realizar esta tarefa” (BUSATO, 2012, p.41).

Seguindo neste caminho do contexto da celeridade, de uma educação que agora se pauta nos contextos de tecnologia e plataformas digitais, apresentei para as docentes uma plataforma chamada *Word Wall*. Este site utiliza atividades que a própria pessoa pode criar com base no tema que quiser e a partir de diferentes modalidades e jogos, seja

roleta, quiz, jogo da memória, etc. Assim, encontramos neste meio uma estratégia que fosse interessante para o contexto de sala de aula remota. Salientei, entretanto, que, mesmo com o retorno das aulas presenciais, nós ainda vivemos em um contexto de grande instabilidade. Portanto, conhecer novas ferramentas seria o nosso diferencial para o novo professor de Educação Infantil que este momento exige.

Para tanto, criei um jogo de perguntas e repostas que falasse sobre o universo da tradição e também sobre algumas vivências passadas na formação. Apresentei-o, mesmo deixando claras brechas que existiam para utilizar imagens ou que mais quisessem na criação da proposta.

Seguindo com a proposta formativa, apresentamos uma “nuvem de palavras”, que foi construída com as respostas das professoras, desde que elas haviam entrado na sala neste segundo dia de formação. Solicitamos que, antes de iniciar este momento, elas pudessem responder com três palavras a seguinte pergunta: O que te contam os contos?

Decidimos reformular esta pergunta a partir da que já havia sido feita e então perguntamos: Quais são as tuas raízes com a cidade de Nazaré da Mata? Como percebemos que esta nova pergunta gerou um maior engajamento e reflexão, à medida que ampliamos estas respostas, a participação também foi maior. Dessa forma, as respostas das docentes envolveu as palavras: diversão; história; alegria; pensamento; suspense; aventura; cultura; curiosidade; lições; emoção fantasia; imaginação; magia; aventuras; magia; fantasia; acontecimentos; histórias; final feliz; faz de conta; mundo encantado; encantamento.

Assim, a proposta desta formação foi desenvolver nas participantes, além do sentimento de partilha das histórias que se fizerem mais significativas em suas vidas, o conhecimento de forma significativa sobre a importância de tornar presente o universo da Tradição Oral em sala de aula, ajudando-as a olhar para estas histórias e construir uma ponte que as ligue ao seu trabalho docente.

Também apresentamos às professoras o projeto “Voo D’ Palavras”, que consistirá em uma espécie de repositório onde organizaremos materiais voltados para o universo da tradição oral. Como primeira condição para aplicação deste produto, criaremos um grupo no WhatsApp para partilhar textos e propostas voltadas às vivências dos contos tradicionais em sala de aula. Em seguida, iremos criar uma página no *Instagram* com a ideia de propagar as narrativas tradicionais e de promover *lives* e boas conversas sobre a temática tratada neste livro. Esperamos que, ao final destas formações, as professoras possam se tornar multiplicadoras de palavras em seus espaços de atuação profissional, permitindo que em cada conto a fala e imaginação ganhem asas e possam voar em muitas memórias.

Salientamos que é nosso objetivo não é engessar ou encerrar os assuntos tratados ao final destes dois dias de formação, mas sim abrir espaços de intercâmbio, de experiências e conhecimentos sobre os assuntos propostos. Ao fim deste ciclo, sorteamos um livro com cantigas, contos e brincadeiras tradicionais intitulado: *Você me chamou de feio, sou feio mas sou dengoso!*, de Ricardo Azevedo, e ouvimos a fala da Supervisora do Município, que nos disse:

Nosso sentimento hoje, Fernanda, é de gratidão de fazer parte deste seu momento, eu acho que a sua proposta foi muito boa, nós agradecemos por você ter nos escolhido, os professores de Educação Infantil de Nazaré da Mata, por que a gente sabe que você poderia ter escolhido outro público. Estamos encantadas com o que você nos trouxe e tenho certeza que as professoras vão estar vivenciando em sala de aula um pouco das vivências aprendidas nestes dois dias de formação (Rosiane Constatino).

Me despeço das docentes e com um até logo, que tem em cada momento vivido a seguinte certeza: “Não trago certezas nem caminhos

prontos. trago possibilidades de investigar dispositivos capazes de aprimorar as várias formas que temos para narrar uma história.” (Café, 2020, 79).

CONSIDERAÇÕES (SEM)FINAIS

Entrou por uma porta, saiu pela janela
e quem quiser que conte outra mais bela”

“Tecer era tudo o que fazia.
Tecer era tudo o que queria fazer”

A Moça Tecelã, de Marina Colassanti (2003, p. 3)

Ao iniciar esta jornada, não imaginava que passaria por um dos períodos mais trágicos e difíceis da história da humanidade, a pandemia do COVID - 19. Muitos colegas e “conhecidos” partiram devido ao vírus. Lidar psicologicamente com estas perdas foi uma situação que, por alguns momentos, me petrificou. A pandemia afastou as pessoas fisicamente, mas as reuniu virtualmente, deixando no meio delas a fogueira tecnológica.

As distâncias foram encurtadas em tempo real. Neste processo, a arte foi essencial para cada um de nós, fosse através das *lives* musicais, dos shows virtuais, das propostas pedagógicas diversas ou, até mesmo, dos vídeos de contações de histórias. De alguma maneira, este universo artístico colaborou para enfrentarmos com sensibilidade e humanidade toda a situação que se instaurava.

Toda jornada do/a herói/na tem um fim? Gosto de pensar que, assim como no conto tradicional “Uma história sem fim”, adaptada pela voz de Bia Bedran, insistir naquilo que acreditamos, espalhando os dizeres do encantamento, abre portas e espaços para que as histórias que contamos sejam sempre costuradas a outras. Essa linda colcha de retalhos que nunca deixamos de formar me aqueceu nos momentos mais importantes desta jornada heroica. E só consigo reconhecê-la hoje, porque ela foi alinhavada por muitas mãos, cada uma representa uma grande importância nesta longa e colorida tessitura.

Meu envolvimento com este trabalho foi explicitado desde a introdução. Contribuir com a academia, a partir de reflexões sobre um tema de vivências da oralidade, foi uma das tarefas mais desafiadoras pelas quais já passei, sobretudo porque naturalmente a Universidade apresenta-se como um lugar de objetividade, de dados que devem ser comprovados por um leque de teorias, por autores conhecidos.

Falar de conhecimento que vem do povo para a Universidade é trazer a humanidade esquecida dentro de cada um de nós, validando os saberes ancestrais e os ajudando a dialogar cada vez mais com a sociedade e os grupos que ainda estão à sua margem. É caminhar com a ciência a partir de uma ótica qualitativa que realça as nuances e especificidades de cada sujeito em seu contexto. É, portanto, valorizar os saberes populares.

Este trabalho abriu diversas clareiras nas florestas escuras e por vezes fechadas que haviam dentro de mim. Uma delas foi ter a certeza de que, apesar de estarmos falando do conto tradicional, no chão da escola, não é apenas aí que ele deve se fazer presente, mas também nos diversos locais da sociedade. O conto tradicional é uma fonte inesgotável de conhecimento e tem o poder de nos fazer permanecer, sem pressa.

Considero que o universo da “tradição” se diferencia do “contemporâneo”, especialmente pela tão famosa frase: “falta de tempo”. Ele está sempre escorrendo por nossas mãos, ao lado da nossa capacidade de escutar. Contemplo, assim, como sendo essa a maior habilidade que o ser humano pode desenvolver: escutar. A produção desta obra só foi possível, porque me coloquei como “escutadora” na maior parte do tempo. Foi a partir dessa postura que construí/construímos todos os bordados desse tear.

O conto nunca vem só. Suas palavras sempre vêm acompanhadas de legiões, daqueles que só conheço pelas portas da minha imaginação. Não é possível falar de tradição oral, se não possuímos memórias. São elas que nos fazem ter histórias para contar e conhecimentos para partilhar. Quando bem escutamos um conto, ele permanece em nosso imaginário, fazendo-nos enxergar o mundo por outros olhares. Esta outra forma de ver é o que define o lugar que comungamos em relação à oralidade e à tradição.

Estas grandes redes de saberes deságuam em rios que não param de seguir seu curso e, embora sua correnteza pareça não ser tão abundante quanto nas gerações anteriores, elas ainda nos encantam diariamente. Aquele/a que conta um conto tradicional tem sua imagem gravada na memória de quem ouve. Despretensiosamente, meu avô materno narrou para mim inúmeras aventuras vividas, contos de seus ancestrais indígenas. Narrativas que talvez ele nem tenha vivido, mas eram contadas como se fosse a primeira verdade de sua vida: “*Eu tava lá*”, se existe uma fórmula para contar bem uma história é ter a certeza disso.

A figura das pessoas velhas nos representa com afeto e generosidade. Mas não só eles/as. Venho percebendo, a partir de contatos com pessoas ao meu redor, que cada vez mais jovens vêm se dedicando ao estudo, aprimoramento e profissionalização desta arte. Gente que

sobrevive pela arte do dizer e por ela é nutrido. Cada percurso deste trabalho foi um ponto que o conto conseguiu aumentar, e é incrível enxergar isso agora, após esta longa caminhada: “O discípulo, agora, saboreia cada palavra e deixa o mel das histórias pouco a pouco desperta-lhe os sentidos” (O mestre, o aprendiz e o fruto, 2019).

O conto de tradição oral foi nosso ponto de partida. O conto é tão plural e diverso, que não “caberia” dentro de uma única narrativa, mas sim em várias. Estes, como vimos em nossos dados, pareciam ter um recorte especial na prática das docentes. Por vezes, vimos em suas falas que eles eram lidos, contados. O maior espaço parece estar nas narrativas clássicas, mas os contos passados de geração a geração também estavam presentes.

Partilho, ao final de mais um início, que os contos podem nos oportunizar novas trilhas. Oportunizar o ir mais longe. Talvez sejamos alimentos/as e queiramos fazer ecoar com maior amplitude a convicção de que: Todos/as nós somos contadores/as de histórias, porque estamos todo o tempo escutando e contando.

Movida pela necessidade desse “espalhamento”, promovemos a formação continuada de docentes, como relatado neste texto, no sentido de fortalecer a compreensão de que no chão da escola existem algumas maneiras específicas para atrair os/as pequenos/as ouvintes e plantar/aguar a tradição oral manifesta em diferentes contos. Podemos, no papel de docentes, explorar as cantigas, as frases de abertura, as encantatórias, os acessórios, as entonações de voz diferenciadas, por exemplo. É preciso reservar o conto do conto para tratar de práticas orais, dentre elas a vivência de uma pluralidade de contos, inclusive aqueles contados pelos familiares.

Os contos tradicionais são voos que trazem consigo ritmo, cadência e melodia. Os ventos para que eles se encontrem são soprados pelas palavras que não são esquecidas, aquelas que chegam devagarzinho

e vão permanecendo dentro da gente, ressignificando cada nova jornada que cumprimos. Alimentada pela necessidade de partilha, este trabalho realizado por mim: pesquisadora, contadora, escutadora e buscadora de histórias, assumiu o compromisso de estimular, cada vez mais, a valorização da tradição oral no espaço escolar, no campo da Educação Infantil. Esse olhar é uma prática que inspira, redimensiona e que me habita.

Enxergo, humildemente, que após as vivências das etapas propostas metodologicamente, outros passos poderiam ter sido dados, outros percursos poderiam ter sido trilhados, mas aqueles que foram vivenciados, me auxiliaram enquanto pesquisadora a transbordar o cálice do encantamento e comungar deste mesmo sentimento com muitos(as) outros (as).

Aproximando-se do cerne deste emaranhado, percebemos que as perguntas e inquietações em alguns momentos são mais importantes do que as respostas, porque estas, por sua vez, podem ser muitas e nenhuma servir a quem as recebe. Portanto, não encerramos o objeto tratado neste livro, mas sim iniciamos uma nova etapa: a de nos colocarmos a disposição para continuar buscando as novas formas de ouvir e contar a tradição oral.

Peço licença para vislumbrar outros caminhos, porque ele não acaba aqui. Entendemos que nenhuma proposta, por mais objetiva e coerente que seja, será capaz de suscitar todas as respostas para as indagações envolvidas em um estudo.

Na certeza de que as perguntas sempre existirão, acreditamos que o ato de contar histórias da tradição oral pode contribuir de forma significativa tanto para o desenvolvimento integral dos/as educandos/as quanto para a melhoria das estratégias pedagógicas docentes, permitindo, assim, que haja um fortalecimento e uma ampliação do protagonismo nas relações de ensino e aprendizagem. Sendo assim, estende-

mos o convite para que novos trabalhos brotem e floresçam. E que as história voem longe como um belo passarinho, encontre o seu coração e dentro dele teça um ninho...

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1988.

_____. **Dicionário de folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação: Brasil, 2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

_____. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/ SEF, 2001.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. Ministério da Educação. **Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares**. Brasília: MEC, 2009.

_____. Ministério da Educação. **Brinquedos e Brincadeiras de Creche: Manual de Orientação Pedagógica**. Brasília: MEC, 2012.

_____. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2003.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais para a Formação de Professores**. Brasília, DF: SEF/ MEC, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices** São Paulo: Scipione, 2009.

ALARÇÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

ARAUJO, L. C. **Quem os desmafa faz bom desmafa fazador será: textos da tradição oral na alfabetização**. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/25152329-Quem-os-desmafa-faz-bom-desmafa-fazador.html>> Acesso em: 10 jun. 2020.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaskman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AZEVEDO, R. **A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores**. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/A-didatizacao-e-a-precaria-divisao-de-pessoas-em-faixas-etarias.pdf>> Acesso em 10/ 08/2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. BARROS, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2001

BENJAMIN, W. O narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*:

_____. **Magia e Técnica, arte e política: ensaio sobre literatura, história e cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPOS, M. C. G. Com - fábula - ndo. *In: Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE*, 2008. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2008, p.05. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pd_e/2008_fecilcam_lem_artigo_maria_cristina_gasques_campos.pdf> Acesso em: 10 jun.2020.

CARVALHO, T. C. A. **A (re)construção de saberes no coletivo: resgate de um processo de assessoria pedagógica**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999.

CASCUDO, L. C. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

COSTA, E. S. Narrativas orais na contemporaneidade: Conexões e fissuras. **Revista Sentidos da cultura**. Belém, 2015.

COSTA, S. R. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FRANÇA, A. C. **“Loas de Maracatu de Baque Solto” no contexto da Educação de Jovens e Adultos: estratégias para alfabetizar com gênero da tradição oral**. 2019. 176 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade de Pernambuco (*Campus Mata Norte*), Nazaré da Mata - PE, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014

FREITAS, A. S.; LIMA, M. E. M. F.; SILVA, E. M. A. **Formação continuada de professores: questões para reflexão**. Belo Horizonte: Reflexão, 2007

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRARDELLO, G. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. *In: FRITZEN, C.; CABRAL, G. S. (orgs). Infância: imaginação e educação em debate*. Campinas/SP: Papiрус, 2007.

GOMÉZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. *In*: NÓVOA, A (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

GONÇALVES, C. B. Histórias de assombração. Disponível em: <https://avauea.uea.edu.br/pluginfile.php/239682/mod_resource/content/7/texto_unidade_III_%20assobra%C3%A7%C3%B5es%20docx%20%28Autoguardado%29%20%281%29.pdf> Acesso em: 10 jun. 2020.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001

KRAMER, S. **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2008.

Krenak, A. (2019). **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 137-155

MACHADO, R. **Acordais, fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: Ed. Difusão Cultural do Livro, 2004.

MATOS, G. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, S. F; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106- 1133, 2007.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PATRINI, M. L. **A Renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, S. G. **Professor-Pesquisador: mitos e possibilidades**. Revista Contrapontos, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 09-22, 2002.

RIBEIRO, K.elly Cristine. **Contação de histórias: seguindo o curso de suas águas**. 2014. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, 2014.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio./ago. 2005.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TRAÇA, M. E. **O Fio da memória: do conto popular ao conto para crianças**. 2. ed. Porto Editora, 1992.

VELASCO, C. **Histórias de Boca: o conto tradicional na Educação Infantil**. São Paulo: Panda Books, 2018.

VELOSO, R M. **A obra de Aquilino Ribeiro para crianças**. Porto: Porto Editora, 1994.

ZUMTHOR, P. **“A Permanência da Voz”**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1985.



Tipografias
Metrisch
Trebuchet MS